O MEDO

2.ª Edição

J. KRISHNAMURTI

J. KRISHNAMURTI

O MÊDO

REFERENCIAS COLIGIDAS ATRAVÉS DE TÔDAS AS PALESTRAS E ESCRITOS DE KRISHNAMURTI SOBRE O MÊDO, SUAS CAUSAS E ORIGENS

(2.ª Edição)

1948

Instituição Cultural Krishnamurti

AVENIDA RIO BRANCO, 117-2.º - SALA 203

RIO DE JANEIRO

BRASIL

ÍNDICE

Págs.

Introdução 7
Apercebimento e Preenchimento 15
Ambiente 23
Amor 33
Ação 38
Alma 43
Apêgo 45
Autoridade 47
Confôrto 50
Crenças Organizadas 52
Desejo 55
Divisão da Mente 65
Dúvida 66
Educação 72
Escolha 75
Experiência 78
Exploração 80
Fé 84
Falsidade do Conflito 88

	Págs.
Frustração	91
Ideais	97
Inteligência	101
Imitação	104
Limitação	107
Meditação	109
Mêdo Cria Deus Distante do Homem	113
Morte	114
Movimento da Vida	121
Moral	126
Opostos	129
Pensamento Criador	132
Renúncia	136
Riqueza Interna	138
Segurança Individual	140
Sofrimento	148
Solidão	152
Tristeza	154
Transitório	157
Tempo	159
Unidade	162
Virtude	166
Vontade	168
Vacuidade	172
A Verdade que é Libertação e Felicidade	178
Bibliografia	191

INTRODUÇÃO

Antes do mais, quero declarar que não pertenço a sociedade alguma. Não sou teosofista nem missionário teosófico e nem tão pouco tenho o propósito de vos converter a qualquer forma específica de crença. Acredito não ser possível seguir a alguém ou aderir a determinada crença e, ao mesmo tempo, possuir a capacidade de pensar com clareza.

Eis porque a maioria dos partidos, das sociedades, das seitas e das corporações religiosas se tornam meios de exploração.

Tão pouco sou portador de uma filosofia oriental, concitando-vos a que a aceiteis. Quando falo na Índia, dizem-me ali que anuncio uma filosofia do ocidente; e, quando venho para países ocidentais, dizem que trago um misticismo oriental que não é prático e que, portanto, é inútil para o mundo das ações. Se, porém, realmente refletirdes, haveis de ver que para o pensamento não há nacionalidades, nem tão pouco se acha êle restrito a qualquer país, clima ou povo. Portanto, peço-vos que não considereis o que vou dizer-vos como o resultado de um determinado preconceito racial, de uma especificada idiosincrasia ou peculiaridade. O que vos tenho a dizer é atual, efetivo no sentido de poder ser aplicado à vida atual do homem, e não, em absoluto, cousa teórica, baseada em

certas teorias ou crenças, porém sim baseado, se me é permitido personalizar, em minha própria experiência. E' praticável e aplicável ao homem.

Agora, o pleno significado do que vou dizer-vos, sòmente pode ser compreendido por meio da experiência e, portanto, da ação. À maioria de nós outros agrada a discussão sôbre questões filosóficas que não se relacionam com as nossas ações diárias; ao passo que aquilo de que vos falo não é uma filosofia nem um sistema de pensamento, e seu profundo significado sòmente pode ser compreendido por meio da experiência e, conseqüentemente, da ação.

O que vos digo não é uma teoria ou crença intelectual para ser meramente discutida, para servir de motivo a controvérsias; é cousa que exige reflexão demorada; e, para descobrir a sua utilidade prática, a verdade que contém, o de que se necessita é de ação e não de debate intelectual. Não é um sistema para ser guardado de memória nem um conjunto de conclusões a ser aprendido e automàticamente executado. Deve ser crìticamente compreendido. Crítica, porém, é cousa diferente de oposição. Se realmente fôrdes críticos, não vos oporeis pura e simplesmente, mas haveis de vos esforçar para averiguar se o que eu digo tem mérito intrínseco em si mesmo. Isso exige clareza de pensar de vossa parte, de modo a vos ser possível passar além da ilusão das palavras, não permitindo que os vossos preconceitos, sejam êles econômicos ou religiosos, vos impeçam de pensar fundamentalmente. Isto é, tendes de pensar, a partir do comêço, pensar simples e diretamente. Todos nós havemos sido educados com mui-

tos preconceitos, muitas idéias preconcebidas; fomos criados por entre tradições que corrompem, limitados pelo ambiente, e, por isso, o nosso pensamento está, continuamente, sendo torcido e pervertido, impedindo, dest'arte, a simplicidade da ação.

Tomai, por exemplo, a questão da guerra. Sabeis que muita gente discute sôbre se a guerra é um bem ou um mal. Certamente, não pode haver duas maneiras de encarar êste assunto: a guerra é, fundamentalmente, um mal, seja defensiva ou ofensiva. Dest'arte, para pensarmos, desde o princípio, a respeito dêste assunto, tem a mente de estar inteiramente liberta da moléstia do nacionalismo. Somos impedidos de pensar fundamental, direta e simplesmente, em virtude dos preconceitos que têm sido explorados, durante idades, sob a forma de patriotismo, com todo o seu séquito de cousas absurdas.

Por muitos séculos, pois, havemos criado hábitos, tradições, preconceitos, que impedem o indivíduo de pensar de maneira integral, fundamental, acêrca dos vitais assuntos humanos.

Ora, para compreender os múltiplos problemas da vida, com tôdas as suas variedades de sofrimento, temos de, por nós próprios, descobrir seus motivos e causas fundamentais, com seus implícitos resultados e efeitos. Porque, se não estivermos plenamente conscientes das nossas ações e das suas causas e respectivos efeitos, exploraremos e seremos explorados, tornar-nos-emos escravos de sistemas, vindo as nossas ações a tornar-se apenas mecânicas e automáticas. Enquanto não pudermos, conscientemente, libertar as nossas ações de seu efeito limitador, por meio da com-

preensão do significado de suas causas, a não ser que, conscientemente, rompamos com as velhas formas de pensamento que em nosso derredor havemos construído, não nos será possível ultrapassar as inúmeras ilusões que nos rodeiam e havemos criado, nas quais estamos embaraçados.

Cada qual tem de perguntar, a si próprio, o que está buscando, a fim de averiguar se está meramente deixando-se arrastar pelas circunstâncias e condições ambientes, sendo, portanto, irresponsável e irrefletido. Aquêles dentre vós, que realmente se acharem descontentes, aquêles que forem críticos, devem já ter perguntado a si próprios o que é que cada indivíduo anda procurando.

Procurais confôrto, segurança, ou procurais a compreensão da vida?

Muitas pessoas dirão que estão buscando a verdade. Se, porém, analisarem a natureza de suas aspirações, de sua busca, verificarão que, realmente, estão à procura de confôrto, de segurança, de uma evasão do conflito, do sofrimento.

Ora, se andais à procura de confôrto, de segurança, essas cousas terão de se basear na aquisição, portanto, na exploração e na crueldade. E, se disserdes que estais buscando a verdade, tornar-vos-eis prisioneiros da ilusão; pois que a verdade não é cousa em cujo encalço se corra, não pode ser buscada, tem de ser um acontecimento. Isto é, o seu êxtase é sòmente perceptível, quando a mente está, por completo, despojada de tôdas as ilusões que haja criado em virtude da busca de sua própria segurança e confôrto. Só então terá lugar o alvorecer daquilo que é a verdade. Expressando isto mesmo em outros têrmos: te-

mos de, a nós próprios, interrogar no sentido de saber em que é que toda a nossa vida, todo o nosso pensamento e toda a nossa ação se baseiam. Se pudermos responder a esta pergunta, de modo completo e verdadeiro, então, por nós mesmos, averiguaremos quem é o criador das ilusões, o criador dessas supostas realidades, das quais nos havemos tornado prisioneiros.

Se, realmente, refletirdes sôbre isto, verificareis que tôda a vossa vida está baseada na consecução da segurança, da salvação e do confôrto individual. Desta busca de segurança naturalmente nasce o mêdo. Ao buscar confôrto, ao tentar evadir-se da luta, do conflito e da tristeza, a mente tem de criar várias vias de fuga, e essas vias tornam-se as nossas ilusões. Portanto, o mêdo, que é a resultante da busca individual da segurança, é também o criador das ilusões. Êste mêdo arrasta-vos de uma para outra seita religiosa, de uma filosofia para outra, de um para outro instrutor, até encontrardes a segurança e o confôrto que desejais. A isto chamais busca da verdade e da felicidade.

Confôrto e segurança são cousas que não existem; existe sòmente a clareza de pensar, que produz a compreensão da causa fundamental do sofrimento, a qual, ùnicamente, pode libertar o homem. Nessa libertação reside a beatitude do presente. E digo-vos que existe uma eterna realidade, a qual só pode ser descoberta, quando a mente está liberta de tôdas as ilusões. Portanto, acautelai-vos contra a pessoa que vos dá confôrto, pois nela tem de haver exploração; essa pessoa cria uma armadilha, na qual ficais colhidos como o peixe na rêde.

Na busca do confôrto e da segurança, a vida chegou a ser dividida em vida religiosa ou espiritual e vida econômica ou material. A segurança material encontra-se por meio da posse de bens que proporcionam o poder; e é em virtude dêsse poder que esperais alcançar a felicidade. Para atingir esta segurança material, êste poder, tem de haver exploração, a exploração do vosso próximo, mediante um sistema deliberadamente estabelecido, que se tem tornado hediondo, pelas suas múltiplas crueldades. Esta busca de segurança individual em que se acha incluída também a nossa família, criou as distinções de classe, os ódios de raça, o nacionalismo; cousas essas que, eventualtualmente, terminam em guerras.

E há um fato curioso que podeis verificar, se sôbre êle refletirdes: a religião, a quem competia a condenação da guerra, ajuda a promovê-la. Os sacerdotes, que se teriam como sendo os educadores do povo, animam tôdas as espécies de absurdos criados pelo nacionalismo, e que cegam o povo, em momentos de ódio nacional. Naturalmente, pois, criais um sistema baseado no confôrto e na segurança individual, a que chamais religião. Vós é que haveis criado as religiões, que são formas cristalizadas do pensamento e que têm por fim assegurar a imortalidade pessoal.

Assim, pois, em virtude da busca de segurança individual, movidos pelo desejo da continuidade do ser individual, haveis criado uma religião que vos explora, por meio das cerimônias, por meio dos pretensos ideais. O sistema a que chamais religião, e que foi originàriamente criado em virtude do vosso anelo de segurança, tornou-se tão po-

deroso, tão realista, que mui poucos são os que se libertam do seu pêso, do fardo esmagador da tradição e da autoridade. O ponto inicial de partida para uma verdadeira crítica reside na perquirição dos valores que a religião, em nosso redor, estabeleceu.

Ora, todos nós estamos encerrados neste âmbito; e enquanto estivermos escravos de um ambiente e de valores não pesquisados, não postos em dúvida, sejam passados ou presentes, têm êles de perverter a integridade das ações. Esta perversão é a causa do conflito entre o indivíduo que busca a segurança, e a coletividade; entre o indivíduo e o contínuo movimento da experiência. E do mesmo modo por que, individualmente, havemos criado êste sistema de exploração e de esmagadora limitação, temos também de, individual e conscientemente, derrubá-lo, por meio da compreensão relativa ao alicerce dessa construção, e não pelo mero criar de novos conjuntos de valores, que nada mais serão que novas séries de evasões. E assim, verdadeiramente, começaremos a penetrar o significado real do viver.

Sustento que existe uma realidade, dai-lhe embora o nome que quiserdes, a qual sòmente poderá ser compreendida e vivida, quando a mente e o coração houverem penetrado a ilusão dos falsos valores e dêles se tiverem libertado. Sòmente então existirá o eterno.

Acêrca da vida está nascendo no mundo uma nova concepção que deveis esforçar-vos por compreender, pois que existe algo de muito mais maravilhoso, convidativo e belo na aurora a nascer amanhã do que no pôr-do-sol de hoje.

APERCEBIMENTO E PREENCHIMENTO

Vou explicar o que entendo por apercebimento. Precisamos tornar-nos conscientes do que somos.

Como nos tornarmos conscientes do que somos? Ficando interessados. Isto é, se temos desejo de alguma cousa surge uma natural concentração que desperta a vontade. Concentração é a convergência de tôdas as energias sôbre algo em que estamos interessados. Por exemplo, quando nosso desejo está em ganhar dinheiro e no poder que êle dá, ou quando ficamos absorvidos num livro ou em qualquer atividade criadora, há, então, uma concentração natural.

A vontade desperta, quando há desejo. Quando não o há, surge a dispersão do pensamento, contradição de desejos. O comêço do apercebimento é a natural concentração do interêsse, em que não há conflito de desejos e escolha, e, por isso, há a possibilidade de se compreenderem os diferentes desejos que se opõem. Se o pensamento está procurando um certo resultado defintivo, há exclusão ou agregação, o que conduz à falta de plenitude e isto não é o apercebimento de que falo. Não podeis compreender tôda a complexidade do processo do vosso ser, se estiverdes procurando resultados ou tentando alcançar um estado que pensais ser a paz, a realidade ou a libertação. Apercebimento é a compreensão total do processo do desejo consciente e inconsciente.

No princípio mesmo do apercebimento há a compreensão do que é verdadeiro. A verdade não é um resultado ou um intuito, mas é para ser compreendida. No próprio

processo da compreensão, por exemplo, da ambição, há a realização do que é verdadeiro. Esta compreensão não nasce da simples razão ou da emoção, porém é o resultado do apercebimento da perfeição da ação-pensamento.

Quando estamos conscientes, ficamos apercebidos de um processo dual que se opera em nós, — querer e não querer; desejos incontidos e desejos reprimidos. Os desejos incontidos têm a sua forma própria de vontade. A concentração sôbre os desejos incontidos e sua ação, cria um mundo de competição e divisão em mundanismo, amor da posse e ansiedade pela continuidade pessoal. Ao percebermos as conseqüências dêstes desejos incontidos, que tanta dor e tristeza nos causam, nasce o desejo de refreá-los, com sua própria vontade típica. Assim há conflito entre a vontade incontida e a vontade de reprimir. Êste conflito tanto pode criar compreensão, como confusão e ignorância. A vontade incontida e a vontade de reprimir são a causa da dualidade, fato que não pode ser negado.

Embora os opostos tenham uma causa comum, não podemos passar ligeiramente sôbre êles ou pô-los de lado; temos de compreendê-los, para ficarmos livres do conflito dos opostos.

Sendo invejosos e, por isso, conscientes do conflito e da dor, procuramos cultivar o seu oposto, mas nisto não há libertação da inveja. O motivo que nos leva a cultivar o oposto é muito importante; se fôr um desejo de fugir da luta e do sofrimento da inveja, então o seu oposto torna-se idêntico a êle mesmo, e, portanto, não há libertação da inveja. Ao passo que, se considerarmos profundamente a causa intrínseca da inveja e nos tornarmos apercebidos de suas várias formas, com suas incitações, então, neste entendimento, há libertação da inveja, sem criar seu oposto. A concentração que surge no processo do apercebimento não resulta do auto-interêsse ou da mórbida introspecção. Estar interessado é ser criador e isto é felicidade. Esta concentração do interêsse vem naturalmente quando há aperce-

bimento. Quando há compreensão do processo dos desejos incontidos, com sua denominada vontade positiva e repressiva, nasce a plenitude, o preenchimento que não é criação do intelecto. O intelecto, a faculdade de discernir, é o intrumento do entendimento e não um fim em si mesmo. O entendimento transcende à razão e à emoção.

* * *

O apercebimento surge, quando há interêsse em compreender, mas o interêsse não pode ser criado pela simples vontade e controle. Se derdes valor verdadeiro às cousas, sòmente para não haver conflito, estais vivendo num estado de ilusão, pois então não compreendereis o processo do desejo que cria conflito e dor.

* * *

Existe a auto-análise, a introspecção, se não houverdes entendido a experiência no presente. Na auto-análise ides para fora do fluxo da vida, examinando uma cousa que é passada e morta; ao passo que existe um processo natural de observação, de exame no movimento, no viver, que pertence à própria vida.

* * *

O apercebimento é o processo da plenitude, e a introspecção é incompleta. O resultado da introspecção é morbido, doloroso, ao passo que o apercebimento é entusiasmo e alegria.

* * *

O apercebimento está no momento de ação; se estamos apercebidos entendemos compreensivamente, como um

todo, causa e efeito da ação, o processo imitativo do mêdo, suas reações, etc. Êste apercebimento liberta o pensamento das causas e influências que o limitam e prendem, sem criar mais cativeiro, e assim o pensamento torna-se profundamente flexível, o que é ser imortal. A auto-análise ou a introspecção tem lugar, antes ou depois da ação, preparando, assim, o futuro e limitando-o.

*

* *

No apercebimento há sòmente o presente, isto é, estando apercebidos, vêdes o processo passado de influência que controla o presente e modifica o futuro. O apercebimento é um processo integral, não um processo de divisão. Por exemplo, se eu faço a pergunta "acredito em Deus?" no próprio decurso da pergunta posso observar, se estiver apercebido, o que é que me leva a fazer esta pergunta; se estou atento, posso compreender quais foram e quais são as fôrças em ação, que me estão compelindo a fazer esta pergunta. Então, estou apercebido das várias formas de mêdo, daquele com que os meus antepassados criaram uma certa idéia de Deus e a transmitiram a mim, e, combinando sua idéia com as minhas reações presentes, modifiquei ou mudei o conceito de Deus. Estando desperto, compreendo êste processo inteiro do passado, seu efeito no presente e no futuro, integralmente, como um todo.

Se estiverdes apercebidos, observareis como, pelo mêdo, surge o vosso conceito de Deus; ou, talvez, houve alguém que teve uma experiência original da realidade ou de Deus e a comunicou a outrem, que, na sua avidez, fê-la sua e deu impulso ao processo de imitação.

* * *

Por favor, atentai bem nisto.

Não pode haver apercebimento, essa vigilância da

mente e das emoções, enquanto a mente estiver ainda cativa do prazer e da dor. Isto é, quando uma experiência vos proporciona dor e ao mesmo tempo vos dá prazer, nada fazeis. Só agis, quando a dor é maior do que o prazer; porém, se o prazer fôr maior, nada em absoluto fazeis, porque não há conflito agudo.

E' sòmente quando a dor ultrapassa o prazer, quando aquela é mais aguda, que exige a ação.

* * *

O apercebimento de todo o vosso ser está na razão direta da consciência de vossos pensamentos-emoções.

* * *

Vós pensais separadamente na emoção; não pensais com sentimento.

A reação vos faz pensar, porém, não ousais pensar por completo nesse apercebimento emocional de que falo, porque, se o fizésseis, serieis forçados a afrouxar todos os liames que vos prendem. Tendes de tornar-vos perfeitamente simples, inteligentes.

Quando estiverdes verdadeiramente livres da distinção entre pensamento e emoção como funções separadas, então não haverá apercebimento, mental nem emocional; será o apercebimento perfeito, no qual mente e coração estarão fundidos em um só.

No apercebimento, cessa tôda a distinção.

A distinção individual na ação sòmente desaparece pelo pensamento ao completar-se a si próprio pelo apercebimento emocional; isto é, por meio da perfeita harmonia da mente e do coração.

* * *

E' sòmente quando existe inteligência, essa harmonia da mente e do coração, êsse constante apercebimento, que é discernimento do intrínseco valor das cousas, liberto de tradições do passado e de esperanças no futuro, que advém a realização da eternidade.

* * *

Mediante o apercebimento alcança-se o reino da vida.

* * *

Preencher-se é ser inteligente; e para despertar a inteligência é necessário o reto esfôrço. E o vigor, para êste fim, não pode ser artificial; a vida não deve ser dividida em trabalho e realização interna.

O trabalho e a vida interna devem estar juntos. A própria alegria do esfôrço reto abre as portas da inteligência.

O discernir do processo do "eu" é o começo do preenchimento.

* * *

Se vós, como indivíduos, começardes a despertar para as limitações que vos são impostas pela sociedade, pelas religiões, pelas condições econômicas, e começardes a inquirir e, assim, a criar conflito, então dissipareis essa pequena consciência que chamamos o "eu"; então sabereis o que é êste preenchimento, êste viver criador no presente.

* * *

A verdadeira inteligência manifesta-se no fato de descobrir o mérito das fugas que vós mesmos criastes,

trazendo neste caso felicidade criadora que é o preenchimento.

* * *

O mundo é uma extensão de vós, enquanto fôrdes irrefletidos, presos à ignorância, ao ódio, à ambição; mas, quando ficardes sinceramente atentos, apercebidos, não há sòmente uma dissociação dessas causas que criam tristeza e sofrimento, mas também haverá essa compreensão, que é o preenchimento, o todo.

* * *

Ambição não é preenchimento. A ambição é inflação do eu. Na ambição há a idéia de proveito pessoal, sempre em oposição ao lucro de outrem; há nela o culto do êxito a competição cruel e a exploração de outrem. No despertar da ambição há descontentamento constante, destruição e vacuidade; pois, no próprio momento do êxito, há um fenecimento e, portanto, um renovado impulso para outras consecuções. Quando discernirdes profundamente que a ambição tem dentro de si esta constante luta e angústia, então compreendereis o que é o preenchimento. O preenchimento é a expressão fundamental daquilo que é verdadeiro. Com freqüência, porém, toma-se equivocadamente uma reação superficial pelo preenchimento. O preenchimento não é apenas para uns poucos, mas exige profunda inteligência. Na ambição há o objetivo e o incitamento no sentido da sua consecução; porém o preenchimento requer um ajuste contínuo e a reeducação de todo nosso ser social. Onde há ambição, há também a busca de recompensa da parte dos governos, das igrejas ou da sociedade, ou então há o desejo das recompensas das virtudes com suas consolações. No preenchimento desaparece integralmente a idéia de recompensa e de punição, pois todo o mêdo cessa por completo.

Fazei experiências relativamente ao que vos estou dizendo, e discerni por vós mesmos. Vossa vida atual está eivada de ambição, não de preenchimento. Esforçai-vos por vos tornardes alguma cousa, em lugar de vos perderdes nas limitações que impedem o verdadeira preenchimento.

* * *

O preenchimento é a fruição do profundo entendimento da nossa própria existência e das nossas ações.

* * *

O preenchimento é perfeição.

Não vos podeis preencher no futuro. O preenchimento não depende do tempo. O preenchimento está no presente.

AMBIENTE

Quero agora falar a respeito do mêdo, que necessàriamente cria compulsão e influência.

Nós dividimos a mente em pensamento, razão e intelecto; mas, para mim, a mente é inteligência criadora de si mesma, porém anuviada pela memória; a mente que é inteligência, estando anuviada pela memória, confunde-se com êsse "eu" consciência, que é o resultado do ambiente. Assim, a mente torna-se escravizada pelo ambiente que ela própria criou através do desejo, e, portanto, há temor contìnuamente. A mente criou o ambiente e, enquanto não compreendermos êste ambiente, deve haver mêdo. Não damos todo o nosso entendimento ao ambiente e não estamos plenamente conscientes dêle e, assim, a mente torna-se escrava dêsse ambiente e por causa disso há mêdo; e a compulsão é o instrumento dêsse mêdo. Logo, naturalmente, a falta de entendimento do ambiente é produzida por essa falta de intelgência, e, por não compreendermos o ambiente, o mêdo é, por essa forma, criado, necessitando de influência, seja externa ou interna.

E como é criada esta contínua compulsão, a qual se tornou o instrumento, o penetrante instrumento do temor? A memória anuvia a mente, e a mente anuviada é o resultado da falta de entendimento do ambiente, que cria conflito, e a memória torna-se consciência de si própria. Esta mente, anuviada, limitada e confinada pela memória, busca a perpetuação do resultado do ambiente, que é o "eu"; assim, na perpetuação do "eu", a mente busca o ajustamento, a alteração ou modificação do ambiente.

seu crescimento e expansão. Como sabeis, a mente está continuamente buscando o ajustamento ao ambiente; porém êste ajustamento não produz entendimento, nem podemos verificar o significado dêsse ambiente pela mera modificação do estado da mente ou pela tentativa de modificar ou expandir êsse ambiente. Porque a mente busca, continuamente, sua proteção, ela, anuviada pela memória, tornou-se confusa, identificada com a própria consciência — essa consciência que deseja perpetuar-se; por conseguinte ela se esforça por alterar, ajustar, modificar o ambiente ou, por outras palavras, a mente procura tornar, como julga ser possível, o "eu" imortal, universal e cósmico.

Não é assim?

Portanto, a mente que busca a imortalidade, deseja realmente a continuação desse "eu"- consciência, a perpetuação do ambiente; isto é, enquanto a mente se apegar à idéia do "eu"- consciência, que é apenas a falta de compreensão do ambiente e, portanto, a causa do conflito, ela continuará a procurar nessa limitação sua própria perpetuação, que denominamos imortalidade, ou aquela consciência cósmica em que o particular ainda persiste. Enquanto a mente, que é inteligência, estiver enredada no cativeiro da memória, que é o "eu"- consciência, haverá a busca do falso pelo falso. Êste "eu", como expliquei, é a falsa reação ao ambiente; há uma causa falsa e ela está sempre buscando uma falsa solução, um falso efeito, um falso resultado. Assim, quando a mente anuviada pela memória busca perpetuar-se como própria consciência, está procurando falsa imortalidade, falsa expansão cósmica ou o que quer que lhe queirais chamar.

Neste processo da perpetuação do "eu", dessa memória que é conservadora de si própria, na perpetuação dêsse "eu", nasce o temor — não o temor superficial, porém o temor fundamental, de que tratarei logo em seguida. Eliminai êsse temor, que tem como sua expressão exterior a

nacionalidade, o crescimento, a expansão, o êxito — eliminai êsse temor e, então, a ansiedade pela perpetuação dêsse "eu" e todos os temores cessam. O mêdo existirá, enquanto houver o desejo da perpetuação dessa cousa que é falsa: êste "eu" é falso, portanto, deveis ter uma falsa reação, a qual é o próprio mêdo. E onde houver mêdo, deve haver disciplina, compulsão, influência, domínio e a busca do poder que a mente glorifica como virtude e divino. Se realmente refletirdes sôbre isto, verificareis que onde houver inteligência não pode haver caça ao poder.

Tôda a vida está moldada pelo temor e pelo conflito e, portanto, pela compulsão, pela imposição de decretos e grilhões que uns julgam virtuosos e dignos e outros consideram venenosos e maus. Não é assim? São estas as restrições que estabelecestes em vossa busca de perpetuação, livre de mêdo; nessa busca criastes disciplinas, códigos e autoridades, a vossa vida está modelada, controlada e conformada pela compulsão de várias formas e graduações. Alguns denominam esta compulsão virtuosa, outros a consideram perniciosa.

Temos, em primeiro lugar, a compulsão exterior, que é a repressão do ambiente sôbre o indivíduo. A pessoa vulgar, que denominais não evoluída, não espiritual, é controlada pelo ambiente, o ambiente exterior, isto é, pela religião, códigos de conduta, padrões de moral, autoridade política e social; é uma escrava de tudo isto, porque isto tudo está radicado nas necessidades econômicas do indivíduo. Não é assim? Eliminai integralmente as necessidades econômicas de que o indivíduo depende e então os códigos de conduta, padrões de moral e valores políticos, econômicos e sociais desaparecem. Portanto, nestas restrições do ambiente externo, que criam conflito entre o indivíduo e o ambiente, no qual o indivíduo é oprimido, vergado, torcido, êle torna-se progressivamente sem inteligência. O indivíduo que está meramente condicionado, a todo o instante, pelo ambiente exterior, amoldado por certas

regras, leis, reações, éditos e padrões de moral — quanto mais o oprimirdes, menos inteligente êle se torna. A inteligência, porém, é a compreensão do ambiente, percebendo seu significado sutil, liberto de compulsão.

Estas restrições impostas ao indivíduo, as quais êle chama ambiente externo, têm como seus expoentes os charlatães e exploradores na religião, na moralidade popular, e na vida política e econômica do homem. Explorador é o indvíduo que se utiliza de vós, consciente ou inconscientemente, e vós vos submeteis consciente ou inconscientemente, porque não compreendeis; tornais-vos econômica, social, política e religiosamente, o explorado, e êle se torna vosso explorador. Assim, por esta maneira, a vida torna-se uma escola, um molde, um molde de aço em que o indivíduo é batido para tomar forma, em que êle se torna apenas um autómato — o indivíduo torna-se mero dente de engrenagem em uma máquina, irrefletido e ríngidamente limitado. A vida torna-se uma luta, uma batalha contínua, e assim êle estabeleceu essa falsa idéia de que a vida é uma série de lições a serem aprendidas, a serem adquiridas, de modo que êle possa, prèviamente, ser advertido para defrontar a vida amanhã, novamente, porém, com suas idéias preconcebidas. A vida torna-se meramente uma escola, não uma cousa a ser vivida, a ser gosada, a ser vivida com êxtase, plenamente, sem temor.

O ambiente externo domina o indivíduo, forçando-o a entrar nessa estrutura de aço, de padrões, de moralidades, idéias religiosas, de éditos de moral, e como o indivíduo é esmagado pelo exterior, busca escapar e foge para um mundo que êle chama interno. Naturalmente, quando a mente é torcida, conformada, pervertida pelo ambiente exterior e há um constante conflito exterior, luta, constantes, falsos ajustamentos, a mente espera por tranqüilidade, por felicidade, por um mundo diferente; assim o indivíduo edifica um céu romântico de fuga, onde pro-

cura compensação para as perdas e o sofrimento no mundo externo.

Por favor, como disse, estais aqui para descobrir, para criticar, não para vos opordes. Podeis opor-vos, depois que tiverdes refletido mui cuidadosamente sôbre o que vos digo. Podeis erigir barreiras, se assim o desejardes, mas, primeiro, averiguai plenamente o que eu vos quero transmitir, e, para o fazerdes, necessitais de ser super-críticos, apercebidos, inteligentes.

Como vos disse, o indivíduo, esmagado pelas circunstâncias exteriores que criam sofrimento e esforçando-se para escapar a essas circunstâncias, cria um mundo interno, começa a desenvolver uma lei interna e cria suas próprias restrições individuais a que denomina disciplina ou cooperação com aquilo a que aprendeu a chamar seu "eu" superior.

A maioria das pessoas — as pessoas pretensamente espirituais — rejeitaram a fôrça externa do ambiente e a sua influência, porém desenvolveram uma lei interna, um interno padrão, uma disciplina interna, a que chamam trazer o eu superior para o eu inferior; isto, por outras palavras, é mera substituição. Existe, assim, a própria disciplina. Há, depois, aquilo que denominam voz interna, cujo poder e controle é, sem dúvida, muito maior do que o ambiente externo. Qual é, porém, finalmente, a diferença entre um e outro, entre o externo e o interno? Ambos controlam, pervertem a mente, que é a inteligência, pelo desejo da perpetuação de si mesma. E tendes também aquilo que chamais intuição, que é apenas a repleção, sem peias, de vossas próprias esperanças e desejos secretos. Assim, completastes o mundo interno, aquilo que chamais mundo interior, com tudo isto — disciplina de si próprio, voz interna e intuição. Tudo isto, se refletirdes, são formas sutis dêsse mesmo conflito, levadas para um mundo diferente em que não há entendimento, mas apenas uma

padronização, um ajustamento a um ambiente mais sutil a que denominais mais espiritual.

Como sabeis, algumas pessoas buscaram e encontraram, no mundo exterior, distinções sociais e, igualmente, as pessoas denominadas espirituais, buscam apenas nesse mundo interno, e geralmente encontram, seus pares e superiores espirituais; e, assim como há conflito entre os indivíduos no exterior, também é criado um conflito espiritual no mundo interno, entre os ideais, as expansões e suas próprias ansiedades. Vêdes, pois, o que foi criado.

No mundo externo não há expressão para a mente anuviada pela memória, para êsse "eu" - consciência não há expressão, porque o ambiente é demais forte, poderoso e esmagador; nele, ou vos adaptais ao molde ou, se o não fizerdes, sereis esmagados. Assim, desenvolveis uma forma interna, ou mais sutil, de ambiente, em que tem lugar exatamente o mesmo processo. Êste ambiente por vós criado é uma fuga ao ambiente externo, e nele também tendes padrões, leis de moral, instituições, o eu superior, a voz interna, e a isso vos ajustais constantemente. Isto é um fato.

Em essência, estas restrições, denominadas internas e externas, nascem do desejo e, por isso, existe o mêdo; do mêdo surge a repressão, a compulsão, a influência, e o desejo de poder, que são apenas expressões exteriores do mêdo. Onde há temor não pode haver inteligência, e enquanto não comprendermos isto, deve haver essa divisão na vida em externa e interna e, portanto, as nossas ações têm de ser sempre influenciadas ou compelidas pelo externo, e, portanto pelo falso, ou pelo interno, que é igualmente falso, porque também no interno estais procurando apenas ajustar-vos a determinados outros padrões.

O mêdo é criado, quando o falso busca a perpetuação de si próprio no falso ambiente. E, assim, o que acontece à nossa ação, que é a nossa conduta diária, ao nosso pensamento e emoção, o que acontece a tudo isto?

A mente e o coração amoldam-se ao ambiente, ao ambiente externo, porém, quando verificam que não o podem, por tornar-se a compulsão forte demais, então voltam-se para um estado interno, em que a mente e o coração buscam perfeita tranqüilidade e satisfação. Ou, então, saciaram-se completamente pelas conquistas sociais, econômicas, políticas e religiosas e depois voltam-se para o interno e ali também desejam ter sucesso, bom êxito, triunfo, e para o atingir devem ter sempre em vista uma culminância, um objetivo que se torna apenas um estado, ao qual a mente e o coração estão contìnuamente se ajustando.

Assim, neste interim, que é que acontece aos nossos sentimentos, às nossas emoções, aos nossos pensamentos, ao nosso amor, à nossa razão? Que sucede, quando estais meramente vos ajustando, quando simplesmente vos estais modificando, alterando? Que acontece a qualquer cousa, por exemplo a uma casa cujas paredes decorais, embora os seus alicerces estejam deteriorados? De modo idêntico, nossos pensamentos e nossas emoções estão meramente tomando forma, alterando-se, modificando-se segundo um padrão, seja êle externo ou interno; ou de acôrdo com uma compulsão externa ou uma direção interna. Assim, pois, as nossas ações estão sendo grandemente limitadas pela influência, em que todo o raciocínio se torna apenas a imitação de um modêlo, um ajustamento a certa condição, e o amor torna-se apenas outra forma de temor. Tôda a nossa vida — afinal a nossa vida são os nossos pensamentos, as nossas emoções, as nossas alegrias e dores — tôda a nossa vida permanece incompleta, todo nosso processo de pensar ou de expressão da vida é meramente um ajustamento, uma modificação, jamais um preenchimento, uma plenitude. E daí surge problema após problema, o ajuste ao ambiente que deve estar, constantemente, mudando, e a conformidade com padrões, que também devem variar. Assim, prosseguis nesta batalha a que

chamais evolução, no crescimento do eu, na expansão dessa consciência que é apenas memória. Inventastes palavras para apaziguar vossa mente, porém continuais nessa luta.

Ora, se ponderardes, realmente, sôbre isto, se reconhecerdes tudo isto, e sem o desejo de alterar, sem o desejo de modificar, vos tornardes apercebidos dêste ambiente exterior, destas circunstâncias, destas condições, e também do mundo interno em que existem as mesmas condições, os mesmos ambientes que apenas denominastes por nomes mais sutis e mais bonitos; se realmente vos aperceberdes de tudo isto, então começareis a compreender o verdadeiro significado do externo e do interno; então surgirá uma percepção imediata, a libertação da vida, a mente torna-se, depois, inteligência e pode funcionar com naturalidade e de modo criador, sem esta constante luta. Então, a mente — a inteligência — reconhece os obstáculos, e porque os compreende, ela penetra-os; não mais há ajustamento, não há modificação, há sòmente entendimento. Por esta razão, a inteligência não depende do externo ou do interno, e nesse apercebimento não há desejo, não há ansiedade, mas a percepção do que é verdadeiro. Para perceber o que é verdadeiro não pode haver desejo.

Sabeis que, quando há um desejo ardente, a vossa mente já está anuviada, pervertida, porque a mente identifica-se com uma cousa e rejeita outra — onde há desejo ardente, não há entendimento; porém, quando a mente não se identifica com o "eu", mas se torna apercebida tanto do externo como do interno, das divisões sutis, das várias emoções, das delicadas nuanças da mente, que se divide em memória e inteligência — então, nesse apercebimento, verificareis o pleno significado do ambiente que criamos através dos séculos, dêsse ambiente que denominamos externo e também de interno, ambos os quais estão contìnuamente mudando, ajustando-se um ao outro.

Tudo o que vos preocupa agora é a modificação, a alteração, o ajustamento, e, portanto, deve haver mêdo. O mêdo tem seu instrumento na compulsão, e esta só existe, quando não há entendimento, quando a inteligência não está funcionando normalmente.

* * *

O homem é autoridade absoluta para si mesmo; o homem é seu próprio senhor, não é tributário das circunstâncias exteriores. Êle, por suas próprias tristezas, pelas suas complicações, pelos seus desentendimentos, faz parte do mundo, e o mundo que o rodeia é sua expressão.

* * *

Para onde quer que vos dirijais, verificareis que as pessoas buscam a felicidade que é permanente, durável e eterna. São, porém, colhidas como peixe na rêde — rêde má — das cousas transitórias que as rodeiam, pelos aborrecimentos, pelas atrações, antipatias, ódios, despeitos, por tôdas essas mesquinhas cousas que ligam o homem. E' como se estivéssemos em um jardim onde há muitas flores. Cada flor se esforça por expandir-se, por viver e proporcionar seu aroma, mostrar sua beleza, seus desejos, por evidenciar ao mundo seu pleno crescimento. Durante o processo de desabrochar, de conquistar, de expandir-se, perde-se o homem no que é exterior. Surge daí a complicação e êle tem de distinguir desde o comêço o que é ou não essencial.

* * *

Como podes compreender o ambiente? Como podeis entender seu pleno significado e merecimento? Que é que vos impede de ver seu significado? O mêdo. O

mêdo é a causa da busca de proteção ou segurança, segurança que ou é física ou espiritual, religiosa ou emocional. Enquanto existir esta busca, tem de haver mêdo, o qual então cria uma barreira entre a vossa mente e o vosso ambiente e, por êsse modo, cria um conflito; e êsse conflito, não o podeis dissolver, enquanto sòmente vos preocupardes com o ajustamento, a modificação, e jamais com a descoberta da causa fundamental do mêdo.

Assim, pois, onde houver esta busca de segurança, de certeza, de uma meta impedindo o pensar criador, tem de haver o ajustamento chamado disciplina de si própria, que nada mais é que compulsão, a imitação de um padrão. Ao passo que, quando a mente vê que não existe tal segurança no empilhamento de cousas ou de conhecimentos, então a mente liberta-se do mêdo, e portanto a mente é inteligência, e aquilo que é inteligência não se disciplina a si mesmo. Só há própria disciplina, onde não há inteligência. Onde há inteligência, há entendimento liberto da influência do controle e do domínio.

AMOR

O amor deve ser igualmente para todos.

* * *

O amor não tem incentivos. Pôsto que implìcitamente seja a resultante do motivo, a ação não possue motivo, se fôr nascida do amor.

* * *

A verdadeira afeição, o padrão reto é o amor que é desapegado, pelo fato de ter apêgo a tôdas as cousas.

O verdadeiro amor é semelhante à flor, que dá perfume a todo transeunte e não cuida de quem recebe a sua deliciosa fragrância.

* * *

O verdadeiro desapêgo consiste em discernir o essencial do que não o é, e em reter o essencial. Esta seleção se opõe à idéia que se tem vulgarmente do desapêgo: crê-se que êle consiste no eliminar o que é ilusório. Esta eliminação é um ato negativo. Se em vez de eliminar o que não é essencial, esforçar-se em reter o que é essencial, a pessoa desapegar-se-á de uma maneira positiva.

De fato, o descobrimento do que é ilusório, pode levar à conclusão de que tudo não passa de ilusão. Esta conclusão não é exata. Os objetos são reais como são

reais as emoções e os pensamentos. E' o seu conjunto que constitui um mundo irreal, onde, apesar de tudo, nos é preciso descobrir a Verdade.

* * *

Onde o "eu" não existe, já não há lugar para o mêdo, e então é quando o homem vem a conhecer o desapêgo.

O temor que o homem tem de sofrer e de experimentar desilusões não o conduz senão à indiferença. Porém a indiferença é um falso desapêgo. O desapêgo verdadeiro é o amor em si mesmo, sem objeto ou sujeito.

O homem liberto das suas limitações, do mêdo, do "eu", com tôdas as qualidades, atinge afinal a realidade.

* * *

Êste estado sem mêdo é possível, sòmente nele pode haver êxtase, realidade, Deus. A não ser que uma pessoa esteja completa, integralmente livre do mêdo, os problemas apenas se acrescentam e se tornam sufocantes, sem nenhum sentido ou razão alguma.

E' isto o que quero dizer: que só na liberdade incondicionada há verdade, e sermos completamente nós mesmos, integrais em todo o nosso ser, é estarmos incondicionados, o que revela a realidade.

Assim, o que é — sermos nós mesmos? E podemos ser nós mesmos em tôda ocasião? Sòmente o podemos ser em tôda ocasião, quando estamos fazendo alguma cousa que realmente amamos e se amamos completamente. Quando fazeis algo que não podeis deixar de fazer com todo o vosso ser, estais sendo vós próprios. Ou quando amais a outrem completamente, neste estado sois vós próprios, sem nenhum temor, sem nenhum obstáculo. Nestes dois estados somos completamente nós mesmos.

Assim, temos de descobrir o que fazemos com amor. Estou usando a palavra "amor" deliberadamente. O que

é que fazeis com amor, com todo o vosso ser? Não o sabeis. Não sabemos o que é sensato e o que é insensato fazer, e a descoberta do que é sensato e do que é insensato constitue todo o processo de viver. Quando fazeis algo com todo o vosso ser, sem que haja sentimento de frustração ou mêdo, nenhuma limitação, neste estado de ação sois vós próprios, independente de qualquer condição exterior. Digo, se puderdes chegar a êste estado, quando sois vós próprios na ação, então descobrireis o êxtase da realidade, Deus.

* * *

Podeis conhecer-vos, sòmente quando amardes completamente. Isto, novamente, constitue todo o processo da vida, não para ser colhido em alguns momentos, de algumas palavras minhas. Não podeis ser vós mesmos, quando o amor é dependente. Não há amor, quando há apenas a própria satisfação, ainda que seja mútua. Não há amor, quando há restrição; não há amor, quando apenas se trata de um meio para atingir a um fim; quando há apenas sensação. Não podeis ser vós mesmos, quando o amor está sob o jugo do mêdo; há então mêdo, não amor, mêdo que se está expressando por vários modos, embora possais disfarçá-lo chamando-lhe amor. O mêdo não vos permite ser vós mesmos.

* * *

Não pode haver amor, inteligência criadora, enquanto o mêdo existir sob qualquer forma. Se estiverdes plenamente apercebidos do temor com suas múltiplas atividades e ilusões, êsse mesmo apercebimento tornar-se-á a flama da inteligência.

Quando a mente discerne por si mesma os obstáculos que impedem o pensamento claro, nenhum impulso artificial é necessário para o despertar da inteligência.

A mente que busca um mêtodo não está apercebida de si própria, de sua ignorância, de seus temores. Espera apenas que talvez um método, um sistema de disciplina dissipe os seus temores e tristezas. A disciplina pode sòmente criar um hábito e, assim, embota a mente. Estar apercebido sem escolha, estar consciente das múltiplas atividades da mente, de sua riqueza, de suas sutilezas, de suas decepções e de suas ilusões, é ser inteligente. Êste mesmo apercebimento dissipa a ignorância, o mêdo.

Se fizerdes um esfôrço para estar apercebidos, êsse esfôrço criará um hábito, impelido pela esperança de escapar à tristeza. Onde há profundo apercebimento sem escolha, há a própria revelação, a única que pode impedir a mente de criar ilusões para si mesma e, por essa forma, de se adormecer. Se houver constante vigilância da mente, sem a dualidade do observador e do observado, se a mente puder conhecer-se a si mesma tal qual é, sem que negue, afirme, aceite ou se resigne, então dessa mesma realidade advirá o amor, a inteligência criadora.

* * *

Uma ação nascida sem temor, portanto nascida da inteligência, é visceralmente verdadeira. Se a vossa ação fôr baseada no mêdo, na autoridade, tal ação tem de criar o caos e a confusão. No libertar a ação de todo o temor, há amor, inteligência.

* * *

A tendência das pessoas para cultuarem a outrem, seja êsse outrem quem fôr, destrói a inteligência; porém, o compreender e amar a outrem não está incluído no culto que nasce de um mêdo sutil. Só a mente limitada julga a outrem e uma tal mente não pode compreender a ardente qualidade da vida.

* * *

Como cristão, que sois, professais amar o vosso próximo: é êste o ideal .

Que é que acontece na realidade ? O amor não existe, porém em lugar dêle temos o mêdo, o domínio, a crueldade, todos os horrores e cousas absurdas do nacionalismo e da guerra. Na teoria, é uma cousa e, na prática, dá-se, exatamente, o oposto. Se, porém, pelo momento, deixardes de parte os vossos ideais e realmente fizerdes frente à atualidade; se ao invés de viverdes em um romântico futuro, experimentardes sem ilusões, àquilo que, de contínuo, está tendo lugar, consagrando-lhe, integralmente, a vossa mente e vosso coração, então agireis e conhecereis o movimento da realidade.

* * *

Presentemente, sois de tal maneira parte do processo intelectual e mecânico de viver que não podeis compreender a sua artificialidade; ou recusais compreendê-la, porque estando apercebidos, isso significaria ação. Daí, a pobreza do vosso próprio ser. Quando começardes a vos aperceber do processo do pensamento e vos tornardes conscientes de que êle está criando, para si mesmo, a sua própria vacuidade e malôgro, êsse mesmo apercebimento dissipará o mêdo.

Haverá, então, amor, plenitude de vida.

* * *

Amai completamente, inteiramente, sem pensar no eu, e, por êsse meio, libertai-vos verdadeiramente do mêdo.

* * *

Na flama do amor todo mêdo é consumido.

AÇÃO

A ação é a própria vida.

* * *

Digo que imortalidade é realidade.

* * *

Sòmente quando conhecerdes a imortalidade sabereis que a vida não tem comêço nem fim; sòmente então a ação implicará em preenchimento, sòmente então será infinita.

* * *

A verdade está na própria ação, quando ela é desimpedida, completa, no presente.

* * *

A ação reta é isenta de motivos.

* * *

E' a ação reta que se deve tornar vosso guia, vossa luz, não a ação baseada sôbre intenções.

* * *

A ação, não é um processo de colheita de informação, porém sim de compreensão; não de acúmulo, mas de eliminação, o que torna a mente infinitamente plástica.

* * *

A ação pura deve ser discernida por parte de cada um, individualmente, e não pode haver substituição do verdadeiro em lugar do falso. O discernimento do que é falso produz a ação verdadeira. A mera substituição ou o possuir uma noção do que seja ação pura tem de inevitàvelmente levar à imitação, à frustração e às múltiplas práticas que destróem a verdadeira inteligência. Se, porém, discernirdes as vossas próprias limitações, então dessa compreensão resultará a ação pura.

* * *

Não é o tempo que vos traz a compreensão, mas a vigilância da mente para compreender, no presente. E' impossível estar alerta, enquanto a mente estiver anuviada pela idéia do tempo, de crenças e ideais.

Buscarei explicar o que quero dizer por vigilância da mente. A experiência é, afinal de contas, o modo pelo qual, respondeis aos incidentes da vida. Estar alerta é ser capaz de distinguir entre a pura ação e as reações, quer sejam positivas, quer negativas. A reação positiva brota de vossa própria individualidade intrínseca ou egoismo e a reação negativa parte do exterior. Tôda ação que não é pura, é reação, pois que é oriunda da sensação, tanto a positiva como a negativa. A ação pura, livre de tôda reação, é isenta de intuito ou incentivo e desprendida do centro de egoismo.

* * *

Quando a mente estiver liberta de crenças e esperanças, é quando pode estar alerta; tal mente não se coaduna com o ambiente porque não tem personalidade, que é limitação.

* * *

A mente que se acha livre pode compreender a verdade, porém a mente constrangida é, sòmente, capaz de ter uma ideia preconcebida do que seja a verdade, pois que deforma a vida segundo essa ideia; e assim torna-se incapaz de compreender o presente.

A Verdade não pertence a ideia, crença ou conceito algum, tôdas essas cousas são simplesmente a resistência criada pelo eu-consciência. Se, pois, vos amoldardes no presente com a concepção da verdade, do futuro, estareis apenas pervertendo a vida.

Podereis dizer ainda: "Não devo ter ideal, inspiração ou incentivo algum?" Direi: não. Não, porque, se o tiverdes, estareis apenas vos conformando e em tal não há entendimento. Enquanto que, se a vossa mente se achar isenta dessas cousas, então compreendereis o presente, o seu pleno significado. Vereis então que a vossa mente desperta para essa plena inteligência, que é a verdadeira libertação de tôdas as ilusões da individualidade. A crença, mesmo quando vos faculte temporário consôlo e confôrto, é apenas um sinal de decadência. A mente, quando carregada de crenças, torna-se negligente e imitadora; não é rápida em sua adaptabilidade . Ao passo que a mente sempre alerta, essa renova-se. Não carece de estímulo do interior nem do exterior, pois todo estímulo é sòmente reação. Tal mente, assim livre, pode compreender a felicidade, a verdade.

* * *

Tornando-vos plenamente conscientes de vós mesmos no presente, em pensamento, emoção e, por conseguinte, em ação, estais libertando o eu-consciência, que é limitação, que é uma qualidade.

A ação da maioria baseia-se no desejo de obter algo, pelo mêdo ou pela idéia de recompensa no presente ou no futuro. Enquanto a ação repousar numa causa ou incentivo, tal ação criará futuro e por conseguinte não havera a compreensão do presente, que é, para mim, a verdade. Se a vossa ação tem por base crença, vaidade ou posse, e disso não tiverdes consciência, dela não vos libertareis, não havendo compreensão. Em tal caso há perversão do pensamento, conduzindo à estagnação, à infelicidade. Mas se, pela inteligência, procurais libertar a vossa ação de todo intuito, a vossa mente se tornará desperta e, só então podereis compreender o pleno significado de uma experiência. Dêste modo, a reta ação sobrevem doce e naturalmente, se procurardes libertar a vossa mente do "eu" pois que a reta ação é o pensamento e a conduta. Não busqueis reta conduta que se se torne um modo de proceder esteriotipado e, portanto, sem vida. Buscai antes libertar a vossa mente de tôda limitação ou individualidade; tornai-vos desprendidos — o que não implica indiferença — e então podereis não auxiliar, mas agir verdadeiramente. Daí emana a verdadeira atitude, o verdadeiro trabalho e a ordem social. A verdadeira ação por si mesma, ainda que governada pelo mais alto ideal de conduta, não dá compreensão A compreensão só vem ao dissipar-se o centro do eu-consciência.

* * *

Por mêdo, haveis estabelecido salvadores, mestres, professores, e dêsse modo, haveis fechado a porta ao pen-

samento individual, através o qual, sòmente, a verdade se realiza. Havendo fechado a porta ao pensamento individual, vós vos tornais rudemente individuais, neste mundo das ações.

Espiritualmente, torna-se a mente qual um cordeiro; é porém, um animal terrível, no mundo das ações.

* * *

O que traz a sabedoria é a ação. Ação é sabedoria. Elas não podem ser separadas. E por têrmos separado a ação do nosso pensamento, das nossas emoções, da nossa capacidade intelectual de raciocinar, somos arrastados pelas cousas superficiais e assim explorados.

* * *

A alegria de viver está na ação espontânea. Para viverdes como a flor, sem afãs, natural, intensa, plenamente no presente, não deveis deixar vossa mente e vosso coração lutar pelas aquisições que nada mais fazem que criar a distinção entre o "eu" e o "não eu", entre o eu superior e o eu inferior.

* * *

A ação pode conduzir o indivíduo à liberdade, de modo a realizar êle êsse pleno êxtase da plenitude; ou pode conduzir a essa inação que nada mais é que cercar o indivíduo de futuras limitações.

A ação que conduz à inação basea-se no egoismo; a ação que liberta baseia-se na pesquisa que destrói o mêdo.

ALMA

A alma é uma divisão nascida da ilusão.

* * *

Que temos em vista quando falamos a respeito de uma alma? Referimo-nos a uma consciência limitada. Para mim há sòmente a vida eterna — em contraste com essa consciência limitada que chamamos o "eu".

* * *

A maioria das pessoas acredita na existência da alma sob uma ou outra forma. Não compreendereis o que vou dizer, se, em defesa simplesmente disto, vos opuserdes ou citardes alguma autoridade de vossa crença cultivada, através da tradição e do mêdo; nem pode esta crença ser chamada intuição, quando é apenas uma vaga esperança.

A ilusão divide-se a si própria, infinitamente.

Tendes, primeiramente, o corpo, depois a alma que o ocupa e, finalmente, Deus ou a Realidade: é assim que haveis dividido a vida.

A consciência limitada do "eu" é o resultado das ações incompletas e esta consciência limitada vai criando suas próprias ilusões, está cativa de sua própria ignorância e quando a mente está liberta de sua própria ignorância e ilusão, então manifesta-se a realidade; não sois "vós" que vos tornais essa realidade.

Por favor, não aceiteis o que digo, porém começai a investigar e a compreender como é que a vossa crença veio à existência.

Então vereis de que maneira sutil a mente dividiu a vida. Começareis a compreender o significado desta divisão, que é uma forma sutil do desejo egoísta de continuidade.

Enquanto esta ilusão, com tôdas as suas sutilezas existir, não pode haver realidade.

Como êste é um dos assuntos de maior controvérsia e existe tanto preconceito relativo a êle, importa ser mui cuidadoso, para não se deixar dirigir pelas opiniões pró ou contra a idéia de alma. Para compreender a realidade, a mente tem de estar, por completo, livre da limitação do mêdo com sua ânsia de continuidade egoísta.

* * *

Não vos detenhais em compreender a alma porém, em lugar disso, procurai compreender a vida da alma.

APÊGO

A meta das emoções é o desapêgo afetivo. Ser capaz de amar sem apêgo — (sem o desejo de posse) é a perfeição absoluta da emoção.

O apêgo não traz liberdade, traz sòmente o sofrimento, mais cedo ou mais tarde.

Não sabeis o que o mêdo é?

Se, na vossa casa, nada há de valor a que estejais apegados, então não temeis o vosso próximo, as vossas portas e janelas permanecerão abertas. Mas o mêdo se encontra no vosso coração, quando estais apegados; então pondes trancas nas vossas janelas, então fechais, à chave, as vossas portas. Isolais-vos.

A mente reuniu certos valores, tesouros, e pretende guardá-los.

Se o valor destas posses é pôsto em dúvida, há o despertar do mêdo. Pelo mêdo nós as guardamos mais zelosamente ou vendemos as velhas e adquirimos novas que protegeremos com maior astúcia. Damos a êsse isolamento vários nomes.

Pergunto-vos se tendes algo precioso em vossa mente, em vosso coração, que estejais guardando. Se tendes, então forçosamente deveis criar paredes contra o mêdo, e esta resistênica é designada por vários nomes — amor, vontade, virtude, caráter.

Tendes algo de precioso? Tendes algo que vos possa ser arrebatado, a vossa posição, as vossas ambições, os vossos desejos, as vossas esperanças?

Que possuis atualmente? Podeis ter posses mundanas que tentais salvaguardar. A fim de protegê-las, tendes o imperialismo, o nacionalismo, as distinções de classe. Cada indivíduo, cada nação está fazendo isso, gerando o ódio e a guerra. Pode o mêdo da perda ser totalmente removido? Todos os indícios mostram que êle não pode ser extirpado por uma proteção maior, um maior nacionalismo, maior imperialismo.

Onde há apêgo, há mêdo.

* * *

Quando vos apegais a alguma cousa, quando vos amoldais de conformidade com um padrão, manifesta-se o mêdo. Se, porém, buscardes o entendimento liberto da ilusão do tempo, então o temor desaparecerá. Quando estiverdes livres do lucro pessoal que exige ideais para seu confôrto, então o temor será destruído.

Para ficardes isentos do mêdo, tendes de vos conhecer a vós mesmos, as vossas ilusões e vaidades, e perceber vossa própria vacuidade de ser, precisais libertar vossa mente do fardo da crença, da ânsia, da esperança e da lamentação. Então, existirá a verdadeira compreensão da vida.

AUTORIDADE

Para compreenderdes a causa da autoridade, tereis de seguir o processo mental e emocional que a cria.

Para mim, o homem que está limitado por uma lei externa ou interna está confinado em uma prisão, está prêso por uma ilusão. Dêsse modo, tal homem não pode compreender a ação espontânea, natural e sã.

* * *

Se um homem deseja obedecer e seguir a um outro, ninguém o pode impedir; porém é o superlativo da falta de inteligência e leva a grande infelicidade e frustração.

Se aquêles de vós que me estão ouvindo, começarem a pensar real e profundamente acêrca da autoridade, não mais seguirão a ninguém, inclusive a mim próprio. Como disse, porém, é muito mais fácil seguir e imitar do que, realmente, libertar o pensamento da limitação do mêdo, e bem assim, da compulsão e da autoridade. Admitir a autoridade é abandonar-se à influência de outrem, o que implica sempre o propósito, o desejo de se obter algo em retôrno; ao passo que na outra há absoluta insegurança; e como as pessoas preferem a ilusão do confôrto, da segurança, seguem a autoridade com sua frustração. Se, porém, a mente discerne a ilusão do confôrto ou da segurança, nasce a inteligência, o desconhecido, a essência da vida.

* * *

O seguir a outrem não é aconselhável, nem tão pouco o é a aceitação da autoridade, pois que nestas cousas há mêdo; e o mêdo destrói todo o discernimento.

* * *

Quase tôda a gente é inconsciente tanto da inteligência como da estupidez que a cerca. Porém, como poderá cada indivíduo averiguar o que é estupidez e o que é inteligência, se seu pensamento e ação estão baseados no mêdo e na autoridade? Individualmente, temos de tornar-nos apercebidos, conscientes dessas condições limitadoras.

* * *

Por meio da ansiedade, do desejo, gera-se o mêdo, e dêste surge a busca do confôrto e segurança, encontrados na autoridade da experiência.

Esta autoridade em suas várias formas sustenta o processo do "eu", que se baseia no mêdo.

Considerai os vossos pensamentos e atividades e a natureza da vossa moral, e vereis que estão baseados no mêdo que se quer proteger a si próprio com suas autoridades sutis e confortadoras. Dêste modo, a ação nascida do mêdo está sempre limitando a si própria e, portanto, êsse processo do "eu" é mantenedor de si mesmo, por meio de suas atividades volitivas.

* * *

Se a autoridade deve existir ou não, na escola ou na família, é cousa que terá resposta, quando vós próprios compreenderdes o inteiro significado da autoridade.

O que eu entendo por autoridade é a conformação, pelo mêdo, a um molde particular, seja o do ambiente, o da tradição, o do ideal ou o da memória. Tomai a religião tal qual ela é. Nela vêdes que, por meio da fé e da crença, o homem foi encarcerado numa prisão de autoridade, porque cada um está buscando a sua própria segurança, através daquilo que êle chama imortalidade. Isto nada mais é que ânsia de continuidade egoísta, e o homem que afirma existir a imortalidade proporciona uma garantia à sua segurança.

Assim gradualmente por meio do mêdo, êle chega a aceitar a autoridade, a autoridade das ameaças religiosas, dos temores, das superstições, das esperanças e das crenças. Ou então, rejeita as autoridades externas e desenvolve os seus próprios ideais pessoais, que se tornam autoridades próprias, apegando-se a elas, na esperança de não ser ferido pela vida. Assim, a autoridade torna-se um meio de própria defesa contra a vida, contra a inteligência.

CONFÔRTO

O confôrto é conseqüência do mêdo.

* * *

A mente, secretamente, deleita-se com o confôrto. Se, porém, evitardes o confôrto, estareis uma vez mais criando distinções.

A mente que perdeu as distinções não é confortável nem desconfortável. Para perder o sentimento de distinção, que é o libertar-se dos opostos, é necessário haver intensa vigilância e, por meio desta infinita plasticidade vigilante, chega-se à realização da vida eterna.

A árvore que não se curva, dentro em pouco é derrubada pelo vento, porém a árvore que cede, essa resiste.

Do mesmo modo, uma mente plástica, que se não deixa apanhar, seja pela sensação ou por um oposto qualquer, compreenderá o infinito. Por meio da vigilância constante, pelo penetrar dos opostos, tornais-vos cada vez mais conscientes de vossos pensamentos e emoções; tornais-vos apercebidos das cousas, tais quais elas são e êste apercebimento de vossa mente e coração é verdadeiro esfôrço.

* * *

A teia da vida é tecida com as cousas vulgares e a essas cousas vulgares da vida podeis dominar.

Podeis dar-lhes originaliade, podeis, por meio delas, criar grandeza, ou destruí-las por falta de compreensão. A teia da vida e a sua compreensão estão ao alcance do

vosso domínio e não ao de outrem. Quando abandonais a outrem o domínio de vossa vida, vem a infelicidade, vem a autoridade que pode ser decepada como uma árvore e o confôrto da sombra que lhe corresponde se esvai.

Limitando e atraiçoando, por êsse modo, a verdade, o mêdo penetra na mente e no coração, o mêdo do bem e do mal, o mêdo oriundo da moralidade estreita, o mêdo do céu e do inferno. E sôbre êsse fundo de mêdo pintais inumeráveis crenças, que opõem limitações à vida. Por causa dêsse mêdo, manifesta-se o desejo de buscar o confôrto. Eu, porém, digo-vos, não busqueis confôrto e sim entendimento. A busca de confôrto é a limitação da vida, ao passo que a busca da compreensão é a libertação dela, e só se pode alcançar a liberdade, por meio da experiência. Que outro confôrto pode existir a não ser o da compreensão da verdade? Quereis atingi-la sem luta, sem uma lágrima. Um armazém de drogas espirituais, antídotos para os temores, é o que a maioria das pessoas procura. E' por isso que buscais o auxílio externo para vos susterdes. Atemorizais-vos, ao fazerdes frente a qualquer das vossas fraquezas: experimentar-vos a vós mesmos é vencer-vos.

Inexperientes das grandes alturas, das grandes solidões, do isolamento da vida externa, pensais que deveis levar convosco os vossos amigos, as vossas qualidades, as vossas igrejas, as vossas moralidades, as vossas dignidades, os vossos liames, os vossos ritos e as vossas religiões.

Nessas grandes altiudes, não necessitais dessas cousas.

O homem acha-se colhido pela sombra do presente, embaraçado e, por êsse modo, cria a tristeza. A vida é para êle uma luta, um esfôrço constante, um contínuo acotovelamento.

* * *

Viver o eterno através do presente é o propósito do homem.

CRENÇAS ORGANIZADAS

De acôrdo com o meu ponto de vista, crenças, religiões, dogmas e credos, nada têm que ver com a vida e, portanto, nada têm que ver com a verdade.

* * *

E' em conseqüência do mêdo que a humanidade tem enfeixado a vida em códigos de moralidades e sistemas de crenças.

* * *

A maioria de vós, que tendes tendências religiosas e que falais de Deus e de imortalidade, não acreditais fundamentalmente no preenchimento individual, pois que, na própria estrutura do pensamento religioso, em virtude do mêdo, permitis a compulsão e a imposição. Ou tem de dar-se o preenchimento individual ou a completa mecanização do homem.

Não pode haver transigência entre as duas cousas. Não podeis dizer que o homem tem de adaptar-se a um modêlo, que deve concordar, seguir, obedecer, ter autoridade, e ao mesmo tempo, pensar que é uma entidade espiritual.

* * *

A causa fundamental da existência de uma crença organizada, que controla e domina o homem, é o temor;

e enquanto o homem, realmente, não estiver liberto dela, a sua ação tem de ser limitada, criando, por êsse modo, outros sofrimentos.

* * *

A religião organizada tem de inevitavelmente, criar divisões e conflito entre os homens. Vê-se isto por todo o mundo. O hinduísmo, assim como o cristianismo, o budismo e outras religiões organizadas, têm suas peculiares crenças e dogmas, que são barreiras quase impenetráveis erigidas entre os homens e que destróem o seu amor.

E que valor, que siginificado têm essas religiões, desde que estão, fundamentalmente, baseadas sôbre o mêdo? Se discernirdes a falsidade da crença organizada, e verificardes que por meio de qualquer crença particular não vos é possível compreender a realidade, nem por meio de uma autoridade, seja ela qual fôr, pode a inteligência ser despertada, vós, então, como indivíduos, não como grupo organizado, libertar-vos-eis dessa destruidora imposição. Isto significa que deveis interrogar, a partir do comêço, sôbre esta idéia de crença, atitude que, porém, implica um grande sofrimento, pois não é mero processo intelectual.

O homem que apenas investiga intelectualmente a questão da crença nada mais encontrará que poeira.

Se um homem que sofre, investigar profundamente essa estrutura interna, baseada no temor e na autoridade, então encontrará essas águas da vida que mitigarão a sua sêde.

* * *

Somente quando vós, como indivíduo, começardes a perceber, em meio do conflito imenso, a causa e, portanto, a falsidade dêsse conflito, é que descobrireis o que é a Verdade.

Nisto existe felicidade eterna, inteligência; mas não nessa cousa espúria chamada espiritualidade que nada mais é que conformidade imposta pela autoridade através do mêdo. Digo que existe algo de sublimemente real, infinito; porém, para descobri-lo, o homem não pode ser uma máquina imitadora, e as vossas religiões, no mundo inteiro, separam as pessoas. Isto é, vós, que, pelos vossos particulares preconceitos, vos denominais cristãos, e os indianos, que pelas suas crenças particulares se denominam hindus, jamais vos encontrareis. Vossas crenças vos mantêm separados. Vossas religiões vos separam.

* * *

As idéias religiosas não se limitam apenas ao além. E' cousa muito mais profunda. O desejo de estar seguro dá nascimento à cogitação do além e a outras muitas sutilezas que criam o mêdo, e o libertar-se delas exige grande discernimento.

Só a mente que estiver insegura compreenderá a verdade; a mente não preparada, não condicionada pelo mêdo, estará aberta para o desconhecido. Preocupemo-nos, pois, com as limitações e as suas causas.

DESEJO

Para mim, existe sòmente uma verdade, — a libertação do desejo, do eu-consciência; aí não existe distinção de dualidade. Tudo mais não passa de ilusão, infinita em sua variedade, glória e distinção.

* * *

O homem que estiver vivendo com plenitude no presente, é um artista na vida. Uma apreciação sôbre arte não significa, necessàriamente, a compreensão da vida, a qual é completa liberdade do eu-consciência, do cativeiro do desejo.

* * *

A ignorância é o resultado do desejo, do anseio.

* * *

A ignorância não deve ser confundida com a mera falta de informação. A ignorância é a falta de compreensão de si próprio.

* * *

O desejo surge da ignorância. Ela não pode existir independentemente; precisa alimentar-se do condicionamento prévio, que é ignorância.

A ignorância pode ser dissipada. E' possível. A ignorância consiste de muitas formas de mêdo, de crença, de desejo e de apêgo. Estas criam o conflito nas relações mútuas.

Quando estivermos integralmente apercebidos do processo da ignorância, voluntária, espontâneamente, há o comêço dessa inteligência que experimenta tôdas as influências condicionantes. Estamos interessados no despertar dessa inteligência, dêsse amor, o único que pode libertar da luta a mente e o coração.

O despertar dessa inteligência, dêsse amor, não é o resultado de uma moralidade disciplinada, sistematizada, nem um resultado que se possa buscar, mas é um processo de apercebimento constante.

* * *

O desejo, o anseio, a tendência sob qualquer das suas formas, têm de criar conflito entre si próprios e aquilo que os provoca ou seja o objeto do desejo; êste conflito entre a ânsia e o objeto, pelo qual se anseia, aparece na consciência como individualidade. Portanto, é realmente êste atrito que procura perpetuar-se a si mesmo. Aquilo que intensamente desejamos que continue nada mais é que o atrito, a tensão entre as várias formas do anseio e seus agentes provocadores. Êste atrito, esta tensão, é essa consciência que sustenta a individualidade.

* * *

Tendes de vos tornar conscientes de que sois um prisioneiro, tendes de perceber que estais contìnuamente procurando escapar da falta de plenitude e de que a vossa busca da verdade é apenas uma fuga. O que denominais busca da verdade, de Deus, por meio da própria disciplina e da consecução, é apenas uma fuga ao desejo.

A causa do desejo está na própria busca da aquisição, mas estais sempre fugindo dessa causa. A ação proveniente da disciplina de si mesma, do mêdo, ou do anseio, é a causa do desejo. Dest'arte, quando vos apercebeis de que tal ação é em si mesma a causa do desejo, dêste estais liberto. No momento em que vos torneis apercebidos do veneno, êle cessa de ser um problema para vós. E' um problema sòmente enquanto não fôrdes cientes da ação dêle em vossa vida.

A maioria das pessoas, porém, ignoram a causa do desejo e dessa ignorância surge o esfôrço incessante.

Quando se tornam apercebidas da causa — que é o esfôrço para conseguir — então, nesse apercebimento, há plenitude, plenitude que não requer esfôrço.

Então, em vossa ação, não há mais esfôrço, nem auto-análise, nem disciplina.

Da falta de plenitude surge a busca do confôrto, da autoridade, e a tentativa para alcançar êste objetivo priva a ação de seu significado intrínseco. Quando, porém, vos tornais integralmente apercebidos, em vossa mente e em vosso coração, da causa da falta de plenitude, então êste desejo cessa. Dêste apercebimento advém a ação, que é infinita, por ter significado em si mesma.

Por outras palavras, enquanto a mente e o coração estiverem presos no desejo, tem de haver vacuidade. Quereis cousas, idéias, pessoas, só quando estais consciente da vossa vacuidade, e êsse querer cria a escolha. Quando houver anelo, tem de haver escolha e esta vos precipita no conflito das experiências. Tendes a capacidade de escolher e assim a vós mesmos limitais por vossa escolha. Só quando a mente está livre da escolha há libertação.

Todo o desejo, todo o anelo é obscurescente, e a vossa escolha provém do mêdo, do desejo de consôlo, confôrto, recompensa, ou como resultado de astucioso cálculo. Por causa da vossa vacuidade interna, há o desejo. Desde que a vossa escolha é sempre baseada na idéia de lu-

cio não pode haver verdadeiro discernimento nem verdadeira percepção; há apenas o desejo. Quando escolheis, do modo porque o fazeis, a vossa escolha cria meramente outro conjunto de circunstâncias, que resultam em novo conflito e escolha. A vossa escolha, que provém da limitação, estabelece uma nova série de limitações, e estas criam a consciência que é o "eu".

À multiplicação da escolha chamais experiências. Recorreis a estas experiências para que vos livrem do cativeiro, porém elas jamais o poderão fazer, porque as julgais como um contínuo movimento de aquisição.

Permiti que ilustre isto com um exemplo que talvez transmita meu pensamento. Suponde que perdeis, pela morte, um ente muito querido. Esta morte é um fato. Ora, experimentais imediatamente um sofrimento de perda, uma ansiedade para estar novamente junto dessa pessoa. Quereis a volta do vosso amigo e, como não o podeis ter novamente, vossa mente cria ou aceita uma idéia para satisfazer êsse anelo emocional.

A pessoa a quem amais vos foi arrebatada. Então, porque sofreis, porque estais consciente de uma intensa vacuidade, de uma solidão, quereis ter novamente vosso amigo. Isto é, quereis pôr têrmo ao vosso sofrimento, alijá-lo, esquecê-lo; quereis amortecer a consciência dessa vacuidade, que se achava oculta, quando estáveis na companhia do amigo querido. A vossa ansiedade nasce do desejo de consôlo. Mas, como não podeis ter o confôrto da presença do amigo, pensais em alguma idéia que vos possa satisfazer — reincarnação, vida após a morte, unidade de tôda a vida. Em tais idéias — não digo que sejam certas ou erradas, — em tais idéias, repito, achais consôlo. Por não poderdes ter a pessoa que amais, vós vos consolais mentalmente com essas idéias. Isto é, sem discernimento verdadeiro, aceitais qualquer idéia, qualquer princípio que, no momento, vos pareça satisfazer, para alijar essa consciência de vacuidade que causa sofrimento.

Assim, a vossa ação é baseada na idéia de consôlo, na idéia de multiplicação de experiências; a vossa ação é determinada pela escolha, que tem suas raizes no desejo. Porém, no momento em que vos torneis apercebidos com vossa mente e vosso coração, com todo o vosso ser, da futilidade do desejo, então cessa a vacuidade. Agora estais apenas parcialmente conscientes desta vacuidade, por isso procurais obter satisfação na leitura de novelas, aturdindo-vos nas diversões criadas pelo homem em nome da civilização; e a essa busca de sensação chamais experiência.

Tendes de perceber, com o vosso coração tão bem como com a vossa mente, que a causa da vacuidade é o desejo, que redunda em escolha e impede o verdadeiro discernimento. Quando estiverdes apercebidos disto, então cessará o desejo.

Quando se sente uma vacuidade, um desejo, aceita-se algo, sem discernimento verdadeiro. Em a maioria das ações de que são constituídas as nossas vidas estão baseadas no desejo. Podemos pensar que as nossas escolhas se baseiam na razão, no discernimento; podemos imaginar que pensamos nas possibilidades e calculamos as oportunidades antes de fazer uma escolha. Entretanto, porque há em nós um desejo ardente, um querer, uma ansiedade, não podemos conhecer a verdadeira percepção ou discernimento. Quando entenderdes isto, quando vos apercebeles com todo o vosso ser, tanto emocional como mentalmente, quando compreenderdes a futilidade do desejo, êle cessa. Então, estareis livre da sensação da vacuidade. Nessa chama de apercebimento não há disciplina, não há esfôrço.

Mas não compreendemos isto plenamente; não nos tornamos apercebidos, porque experimentamos um prazer no desejo, porque esperamos continuadamente que o prazer no desejo suplante a dor. Esforçamo-nos para conse-

guir o prazer, embora saibamos que êle não está livre da dôr.

Se vos tornardes inteiramente apercebidos de todo o significado disto, tereis forjado um milagre para vós mesmos; então experimentareis a libertação do desejo, e, em conseqüência, a libertação da escolha; então já não sereis essa consciência limitada, o "eu".

* * *

O mêdo existirá sob diferentes formas, grosseira ou sutil, enquanto existir o processo autoativo da ignorância gerado pelas atividades do desejo. E' possível eliminar completamente o mêdo; êle não é parte fundamental da vida. Se existir mêdo, não pode haver inteligência, e para despertar a inteligência é preciso compreender-se plenamente o processo do "eu" na ação. O mêdo não pode ser transmutado em amor. Êle há de ser sempre mêdo, embora tentemos afastá-lo pelo raciocínio, e embora procuremos disfarçá-lo, chamando-o amor.

Nem tão pouco pode o mêdo ser compreendido como parte fundamental da vida, para que nos resignemos a suportá-lo. Não descobrireis a causa profunda do mêdo, pela simples análise de cada um de seus aspectos, à medida que se apresentam.

Existe sòmente uma causa fundamental do mêdo, embora se manifeste por formas diferentes.

Pela simples dissecação das várias formas do mêdo não pode o pensamento libertar-se da causa raiz dêle. Quando a mente não aceita nem rejeita o mêdo, quando não lhe foge nem procura transmutá-lo, só então é possível a sua cessação.

Quando a mente não está prêsa no conflito dos opostos, ela é capaz de discernir, sem escolha, o processo do "eu" em sua íntegra.

Enquanto êsse processo continuar, tem de haver mêdo, e a tentativa para fugir dêle apenas aumenta e fortifica o processo. Se vos quiserdes libertar do mêdo, deveis compreender plenamente a ação nascido do desejo.

* * *

Se sentirdes integralmente todo êste processo como ignorância, então sabereis o meio de ficar livre do desejo, do mêdo.

* * *

Quando compreenderdes o pleno significado da ação nascida do desejo, esta própria compreensão, espontâneamente, dissipará o desejo, o mêdo, que está procurando satisfação.

* * *

Se o interêsse fôr apenas o resultado do desejo, do lucro, do estar satisfeito, de obter sucesso, então, o interêsse é a mesma cousa que o desejo e, portanto, destruidor da vida criadora.

* * *

O desejo de satisfação cria o mêdo e o hábito. O desejo e a emoção constituem dois processos diferentes e distintos; o desejo é inteiramente da mente, e a emoção é a expressão integral de todo o nosso ser. O desejo, o processo da mente, é sempre acompanhado pelo mêdo, e a emoção é isenta dêle. O desejo deve produzir sempre o mêdo, e êste a emoção jamais o contém porque ela é a essência de todo nosso ser. A emoção não pode vencer o desejo, porque a emoção é um estado de destemor, que

só pode ser experimentado quando o desejo, com o seu mêdo e a sua vontade de satisfação cessa. A emoção não pode dominar o mêdo; porque o mêdo, como o desejo, são da mente. As emoções são de caráter, qualidade e extensões completamente diferentes.

O que a maioria de nós estamos procurando fazer é dominar o mêdo, seja pelo desejo, ou pelo que chamamos "emoção" — que é realmente outra forma de desejo. Não podeis dominar o mêdo pelo amor. Dominar o mêdo, por meio de outra fôrça que chamamos amor, não é possível, porque o desejo de dominar o mêdo nasce do próprio desejo, da própria mente, e não do amor. Isto é, o mêdo é resultado do desejo, da satisfação, e o desejo de dominar o mêdo é da natureza da própria satisfação. Não é possível dominar o mêdo pelo amor, como a maioria das pessoas verifica por si mesma. A mente, que é do desejo, não pode dissipar parte de si mesma . E' isto o que tentais fazer quando falais de "desembaraçar-vos" do mêdo. Quando perguntais: "Como posso desembaraçar-me do mêdo, que posso fazer com as várias formas do mêdo?" estais meramente querendo saber como dominar um grupo de desejos por outro — o que sòmente perpetua o mêdo. Todo desejo cria mêdo. O desejo produz o mêdo e tentando dominar um desejo, por outro, estais apenas cedendo ao mêdo. O desejo sòmente pode recondicionar-se a si mesmo, remodelar-se segundo um novo padrão, mas permanecerá ainda desejo, dando nascimento ao mêdo.

* * *

A mente é um campo de batalha dos seus próprios desejos, temores, valores, e qualquer esfôrço que ela faça para destruir o mêdo — isto é, para destruir-se a si mesma — é inteiramente inútil. A parte que deseja desvencilhar-se do mêdo está sempre procurando satisfação; e aquela de que ela anseia livrar-se é o motivo de satisfação no pas-

sado. Dest'arte, a satisfação procura livrar-se daquilo que já satisfez; o mêdo tenta vencer o que foi o instrumento do mêdo. O desejo, criando mêdo na busca de satisfação, tenta vencer êste mêdo, mas o próprio desejo é a causa do mêdo. O mero desejo não pode destruir-se, nem o mêdo dominar-se, e todo o esfôrço da mente, para livrar-se dêles, nasce do próprio desejo. Dêsse modo a mente fica prêsa no seu próprio círculo vicioso do esfôrço.

* * *

O poder do desejo, da escolha, pode cessar, e isto só acontece, quando se compreende, quando se sente internamente o esfôrço cego do intelecto. A profunda percepção dêste processo, sem ansiedade, sem julgamento, sem preconceito, e, portanto, sem desejo, é o comêço dêste apercebimento, o único que pode libertar a mente de seus próprios temores, hábitos e ilusões .

* * *

Para realizar a verdade, para perceber êste infinito renovar da vida, deveis estar completamente livres, vossa mente deve por completo achar-se despojada de todos os desejos. Direis: "Como pode o homem viver em um mundo isento de desejos? "Haveis visto a causa da tristeza e dito a vós próprios — libertar-me-ei dessa causa? Intelectualmente vêdes a causa e intelectualmente vêdes quão difícil é libertar-se dela. Direis ainda: "O homem não pode viver sem desejos, tem de lutar por si mesmo nesta civilização; pois, de outro modo, será esmagado e destruído". Vós não haveis feito a experiência, por isso não podeis dizer o que acontecerá.

* * *

Como podeis discernir aquilo que é verdadeiro e duradouro, se vossa mente está sempre preocupada com um

desejo futuro ou impedida em sua percepção pelo passado? Há uma completa ausência do verdadeiro valor da vida, uma avaliação falsa, enquanto a mente estiver encerrada na divisão criada pelo desejo.

* * *

O desejo não compreendido no presente cria o tempo.

DIVISÃO DA MENTE

O eu-consciência cria a dualidade e, assim, tendes consciência individual e cósmica, sendo ambas concepções falsas, que surgem dentro da limitação da individualidade. Daí manifesta-se uma constante luta entre as duas partes do mesmo centro.

A parte pessoal pergunta à parte universal por que cria ela desgraça, injustiça e sofrimento?

Daí provêm uma especulação infindável quanto ao de onde, como e para onde, que jamais pode ser respondida por partir dum falso raciocínio. Sòmente quando o centro se dissolve, há paz e a beatitude do entendimento. A ignorância existe enquanto há individualidade e da ignorância nasce o caos. Libertai-vos do eu-consciência e sabereis.

* * *

Como poderá a mente desembaraçar-se dos seus temores, das reações ignorantes, dos seus múltiplos enganos? Tôdas as influências que forçam a mente a libertar-se dessas limitações só irão criar outras evasões e ilusões.

Quando a mente confia nas circunstâncias exteriores para produzir essas mudanças fundamentais, não está atuando como um todo, está se dividindo, separando-se em passado e presente, em exterior e interior. Quando semelhante divisão existe, a mente e o coração criam necessàriamente para si outras ilusões e tristezas. Por favor, esforçai-vos por compreender tudo isto cuidadosamente.

DÚVIDA

Se constantemente estiverdes procurando, interrogando, duvidando, então surge o discernimento no qual há iluminação.

* * *

Todos vós podeis ser levados à dúvida por outrem, a duvidar do próprio conhecimento, da própria compreensão que houverdes colhido, por meio do vosso sofrimento. Porém, a dúvida que não fôr oriunda de vós mesmos, não purificará. Sòmente fortificará as vossas crenças estreitas, só dará estabilidade à vossa estreita forma de culto às personalidades, se vos apegardes a algo que, de momento, é um confôrto e portanto uma traição à verdade. Mas, se houverdes convidado a dúvida na plenitude de vosso coração para pordes à prova essa compreensão da verdade da qual haveis colhido um vislumbre, então, duvidando da própria dúvida, o que permanecer será puro, absoluto e final.

E a fim de que possais compreender o absoluto e o eterno, deveis haver experimentado a sombra da dúvida lançada sôbre o vosso entendimento. E, como a maioria das pessoas temem a dúvida, pensam ser um crime, um pecado e expulsam a dúvida de suas mentes, acrescentando assim a sua estreiteza, a sua mesquinhez na adoração de personalidades, em seus abrigos que acalentam decadência e confôrto.

Ao contrário, se convidardes a dúvida a entrar em vosso coração e em vossa mente e se acompanhardes essa dúvida, lògicamente, por todos os seus carreiros, avenidas e sombras da mente e do coração e incansàvelmente escutardes e examinardes tôdas as cousas, então, o que permanecer será de vosso próprio conhecimento, e, portanto, o absoluto, o eterno.

* * *

Existe contradição de idéias, de teorias, há confusão criada pelas constantes afirmações dos dirigentes, a respeito do que é e do que não é.

Alguns dêles dizem que Deus existe, outros que não existe. Alguns sustentam que o indivíduo vive após a morte; os espíritas proclamam haver provado que existe continuação da mente individual; — outros dizem que só existe o aniquilamento. Alguns acreditam na reincarnação, outros a negam.

Empilha-se teoria sôbre teoria, incerteza sôbre incerteza, afirmação sôbre afirmação. O resultado de tudo isto é que o indivíduo fica integralmente incerto; ou então o indivíduo fica tão cercado, tão limitado por conceitos e formas de crenças particulares, que recusa ponderar sôbre o que realmente é verdadeiro. Ou estais incertos, confusos, ou estais certos em vossa crença, em vossa forma particular de pensamento. Para o homem que está verdadeiramente incerto, há esperança; para o homem porém que está incrustado na crença, naquilo que êle chama intuição, há mui pouca esperança, pois fechou a porta à incerteza, à dúvida, e acha repouso e consolação na segurança.

Imagino que a maioria de vós estais incertos, confusos, portanto, profundamente desejosos de compreender o que é a realidade, o que é a verdade.

A incerteza engendra o mêdo, o qual dá nascimento ao desânimo e à ansiedade. Depois consciente ou incons-

ciente, começa o indivíduo a fugir dêsses temores e suas conseqüências.

Observai os vossos pensamentos, e surpreendereis êste processo em operação. À medida que anseais por vos assegurardes do propósito da vida, do além, de Deus, começais a vos aperceber dos vossos desejos, por meio dessa investigação, sobrevém a dúvida, a incerteza. Depois essa mesma dúvida e incerteza criam o mêdo, o isolamento, a vacuidade ao vosso redor e em vós mesmos.

Isto é um estado necessário para a mente, porque então ela deseja experimentar e compreender a realidade.

Porém, o sofrimento implícito neste processo é tão grande que a mente procura abrigo e cria para si mesma o que ela chama intuições, conceitos, crenças e agarra-se a essas cousas desesperadamente, com esperança de encontrar certeza. Êste processo de fuga da atualidade, da incerteza, tem de necessàriamente conduzir à ilusão, à anormalidade, às nevroses e desequilíbrio. Mesmo que aceiteis essas intuições, essas crenças, e nelas tomeis abrigo, se, apesar disso, vos examinardes a vós mesmos com profundeza, verificareis que existe ainda o mêdo, pois a incerteza continua.

Êste estado vital de incerteza, isento do desejo de a êle escapar, é o início de tôda a verdadeira busca da realidade. Que é que realmente estais procurando? Só pode haver um estado de compreensão, uma percepção direta daquilo que é, da atualidade, pois, a compreensão não é um fim, um objetivo a ser atingido. O discernimento do processo efetivo do "eu", do seu vir-a-ser e de sua verdadeira dissipação é o comêço e o fim da busca.

Para entender aquilo que é, deverá a compreensão principiar por vós mesmos. O mundo é uma série de processos indefinidos, variados, que não podem ser plenamente compreendidos, pois cada fôrça é única em si mesma e não pode ser verdadeiramente perceptivel em sua totalidade. O processo integral da vida, da existência no

mundo, depende inteiramente de fôrças únicas e só podereis compreender por meio dêsse processo que se acha focalizado no indivíduo sob a forma de consciência. E' possível alcançardes superficialmente o significado de outros processos; porém, para compreender a vida plenamente, necessitais entender o processo que opera em vós, sob a forma de consciência.

Se cada qual de vós, profunda e significativamente, compreender êsse processo que opera sob a forma de consciência, então nenhum de vós lutará para si mesmo, existirá para si nem se preocupará consigo. Presentemente, cada qual preocupa-se consigo próprio, lutando para si e agindo anti-socialmente, por não se compreender a si mesmo, plenamente; e é sòmente pela compreensão de nossa fôrça única como consciência, que há a possibilidade de compreender o todo. Quando plenamente discernirdes o processo do "eu", cessareis de ser uma vítima que luta sòzinha no vácuo.

Esta fôrça é única, e em seu próprio desenvolvimento torna-se consciência, de onde surge a individualidade. Por favor, não aprendais esta frase de cor; porém, antes, pensai a respeito, e assim verificareis que esta fôrça é única para cada um e, mediante seu desenvolvimento auto-ativo, torna-se consciente. Que é esta consciência? Ela não pode ter localização alguma, e tão pouco ela pode dividir-se em superior e inferior. A consciência compõe-se de múltiplas camadas de lembranças, de ignorância, de limitações, de tendências e anseios. Ela é discernimento e tem o poder de compreender os valores últimos. E' o que nós chamamos individualidade. E não pergunteis: nada mais existe além disto? Isso será discernido, quando o processo do "eu" houver terminado. O que importa é conhecer-se a si mesmo, e não — saber o que está para além.

Vós apenas procurais recompensa para os vossos esforços, algo a que vos possais apegar em vosso presente

desespêro, incerteza e temor que evidenciais ao perguntar: Existe algo, além dêsse "eu"?

Ora, a ação é êsse atrito, essa tensão que se dá entre a ignorância, o anseio e o objeto de seu desejo.

Esta ação sustenta-se a si própria e é isso que dá continuidade ao processo do "eu". Portanto, a ignorância, pelas suas atividades por si mesmas sustentadas, perpetua-se sob a forma de consciência, que é o processo do "eu". Estas limitações, por êle próprio criadas, impedem as verdadeiras relações com outros indivíduos, com a sociedade. Estas limitações isolam o indivíduo, e por isso surge o mêdo constantemente. Esta ignorância, no que a nós respeita, cria sempre o mêdo, com suas múltiplas ilusões, e daí decorre a busca da união com o eu superior, com qualquer inteligência super-humana, com Deus, e assim por diante . Dêste isolamento provém a prossecução de sistemas, de métodos de conduta, de disciplina.

Pela dissolução destas limitações, começais a discernir que a ignorância não tem princípio, que se mantém a si própria pelas suas próprias atividades, e que êste processo só pode finalizar pelo reto esfôrço e pela reta compreensão. Podeis pôr isto à prova, mediante a experiência e discernir, por vós próprios, que o processo da ignorância é isento de comêço e isento de terminação. Se a mente-coração estiver prêsa por qualquer preconceito particular, sua própria ação tem de criar outras limitações, e, portanto, produzirá maior tristeza e confusão. Assim, perpetúa ela sua própria ignorância e suas próprias tristezas.

Se vos tornardes plenamente conhecedores desta atualidade, mediante a experiência, então dar-se-á a compreensão do que seja o "eu", e o esfôrço reto poderá pôr-lhe têrmo.

Êste esfôrço é o apercebimento no qual não há seleção ou conflito de opostos, uma parte da consciência vencendo a outra parte, um preconceito sobrepujando a outro. Isto exige um pensamento vigoroso, que libertará a mente

de temores e limitações. Sòmente então haverá o permanente, o real.

* * *

Pelo simples asseverar que tôda a existência está condicionada, jamais descobrireis se existe um estado que possa não ser condicionado. Ao tornar-se integralmente apercebido do estado condicionado, cada um começará a compreender a libertação que vem através da cessação do mêdo.

EDUCAÇÃO

A vida não é um processo de estudo, de acumulações. A vida não é uma escola a que vos submetais a exames sôbre o que aprendestes, sôbre o que aprendestes das experiências, das ações, do sofrimento. A vida é para ser vivida, não para que dela aprendamos.

Se considerais a vida como algo que deveis aprender, agis apenas superficialmente. Isto é, se ação na vida diária é apenas um meio para uma recompensa, para um fim, então a ação mesma não tem valor.

* * *

Que é esta chamada educação?

O indivíduo é adestrado para lutar para si próprio e, por êsse modo, adaptar-se a um sistema de exploração. Tal adestramento tem de, inevitàvelmente, criar confusão e miséria no mundo. Vós estais sendo adestrados para certas profissões, dentro de um sistema de exploração, quer gosteis dêsse sistema, quer não.

Êsse sistema está fundamentalmente baseado no mêdo, que se origina na aquisição e, portanto, tem de haver particularidade em cada indivíduo, daquelas barreiras que o separam e o protegem contra os outros.

Tomai, por exemplo, a história de qualquer país. Nela verificareis que os heróis e guerreiros dessa nação particular são louvados. Ali encontrareis o estímulo ao egoísmo racial, ao poder, à honra e ao prestígio, cousas essas que apenas indicam estúpida estreiteza e limitação.

Assim, o espírito de nacionalismo é grandemente infiltrado, por meio de jornais, de livros, de bandeiras ondulantes, somos adestrados a aceitar o nacionalismo como uma realidade, de modo a podermos ser explorados.

Analisemos também a religião. Baseando-se no mêdo, ela destrói o amor, cria ilusões, separa os homens. E., para disfarçar êsse mêdo, dizem que é o amor a Deus.

Assim, a educação tornou-se mera conformação a um sistema determinado, em lugar de despertar a inteligência individual, compele o homem a simplesmente se conformar, embaraçando, por êsse modo, a verdadeira moralidade das ações e a plenitude.

* * *

A suprema educação é ensinar a criança, desde pequenina, que o seu alvo é a felicidade e a liberdade, e que o meio de alcançá-las reside na harmonia de todos os corpos — mental, emocional e físico.

* * *

O alvo para a mente é: a purificação do "eu"; para as emoções: — o afeto sem apêgo; para o corpo: — a beleza.

* * *

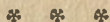
A beleza existe por si mesma, acima de tôdas as formas e de tôdas as apreciações. E' uma cousa imperecedoura, como o eterno perfume da rosa.

* * *

Todos, no mundo, buscam beleza, mas buscam-na sem entendimento.

E' essencial que o corpo seja belo, mas isto não deve ser apenas uma beleza exterior, sem pensamentos e sentimentos belos.

São estas as cousas essenciais para a absoluta harmonia dos três sêres em cada um de nós.

* * *

Quando cada homem fôr verdadeiramente civilizado e se tornar a expressão exterior daquela cultura que se desenvolve pela percepção interior da verdade, então desabrochará uma flor, cujo perfume deliciará o mundo.

ESCOLHA

O que é escolhido não pode ser verdadeiro.

* * *

Para conhecerdes a plenitude, a realidade, precisais de estar num estado de intenso apercebimento, que só podeis atingir, quando enfrentais uma crise.

A maioria de vós tem passado por crises de várias espécies, relativas a dinheiro, pessoas, amor e morte, e quando sois colhidos numa destas crises, tendes de escolher, de decidir. Como decidis? A vossa decisão nasce do mêdo, do desejo, da sensação.

Assim, estais apenas adiando; estais escolhendo o que é conveniente, o que é agradável, e, por conseguinte, estais meramente criando outra sombra por que tendes de passar.

Só quando sentis o absurdo de vossa existência atual, e isto não apenas intelectualmente, mas com todo o vosso coração e mente — quando realmente sentis o absurdo desta escolha contínua — então, dêste apercebimento, nasce o discernimento. Então não escolheis; agis.

* * *

Alguns cientistas sustentam que a hereditariedade explica as tendências e peculiaridades do indivíduo, e outros afirmam que êle é o resultado do ambiente, meramente

uma entidade social. Destas afirmações, que nos confundem, qual devemos escolher?

Que é o homem? Como compreendermos o significado da morte e a profunda angústia que a acompanha? Aceitando meramente as várias afirmações, poderemos resolver a tristeza e o mistério da morte? Seremos capazes de escolher, por essas explicações, aquela que é verdadeira? Será isso um assunto de escolha?

O que é escolhido não pode ser verdadeiro. O real não pode ser encontrado nos opostos, porque os opostos são apenas o jôgo recíproco de relações. Se o que é verdadeiro não pode ser encontrado nos opostos, e o que é escolhido não conduz à compreensão da verdade, então que se deve fazer? Deveis compreender por vós mesmos o processo do vosso próprio ser e não aceitar meramente as investigações dos cientistas ou as afirmações das religiões. Ao discernirdes plenamente o processo do vosso próprio ser, sereis capazes de compreender o sofrimento e angústia da solidão que advém com a sombra da morte. Enquanto não perceberdes profundamente o processo de vós mesmos, a consideração do além, a teoria da reincarnação, a explicação dos espíritas tem de permanecer superficial, proporcionando consolação temporária, e só impede o despertar da inteligência. O discernimento é essencial para a compreensão do processo do "eu".

E' só por meio do discernimento que podereis resolver os múltiplos problemas que o processo do "eu" sempre cria para si mesmo.

Procurais libertar-vos do sofrimento, por meio de explicações, de entorpecentes, da bebida, dos divertimentos ou da resignação, e não obstante o sofrimento continua. Se quiserdes pôr fim à tristeza, precisais de compreender o processo de divisão na consciência, que cria conflito e torna a mente um campo de batalha de muitos desejos. Pelo discernimento sem escolha, desperta-se a intuição criadora, a inteligência, que é a única a poder libertar a men-

te-coração dos múltiplos processos sutis da ignorância, do desejo e do mêdo.

* * *

Onde há escolha e capacidade de escolha há sòmente limitação. Sòmente quando cessa a escolha, há libertação, plenitude, pujança de ação, que é a vida mesma. A criação é sem escolha, como a vida é sem escolha, como o entendimento é sem escolha. Assim, é a verdade; é uma ação contínua, um eterno vir-a-ser, em que não há escolha.

E' discernimento puro.

EXPERIÊNCIA

A verdadeira experiência consiste em compreender, pela nossa própria vigilância e pelo apercebimento, as causas que condicionam o pensamento.

* * *

Para compreender uma experiência no presente, para colhêr a sua frescura, deveis ter a mente limpa de crenças, de ilusões. A compreensão plena de uma experiência vos libertará de tôda experiência, que é o tempo.

* * *

A verdade realiza-se por meio da iluminação e a iluminação é a descoberta do verdadeiro mérito da experiência. Para encontrardes êste mérito verdadeiro tendes de vos concentrar sôbre o que cada experiência tem de essencial, então ficareis libertos da experiência e depois a iluminação será permanente.

Ninguém pode estabelecer uma regra para se saber qual a experiência que conduz à verdade e qual a que não conduz. Cada um tem de discernir, por si mesmo, a essência de tôdas as experiências, a todos os instantes.

Se tiverdes interêsse de ser completos, de ser a própria vida, então não evitareis cousa alguma, por causa do

mêdo. A todo o instante vos esforçais por compreender e assimilar o significado de cada experiência.

O ponto de vista mecânico da vida priva o homem da verdadeira experiência da realidade. Esta não é uma experiência qualquer, fantástica, imaginativa, porém aquela que se manifesta, quando a mente está livre de todos os estôrvos do mêdo, do dogma, da crença e daquelas doenças psicológicas que resultam das restrições e limitações que aceitamos, em nossa busca de própria proteção, segurança e confôrto.

EXPLORAÇÃO

Onde houver segurança há exploração. E vós, como indivíduos, pela segurança, vos tornais exploradores e explorados. Vós é que criais o mediador entre vós e o verdadeiro discernimento dos valores retos, o qual é inteligência.

Ninguém, porém, vos pode dar essa inteligência. Nada, a não ser vossa própria percepção desperta, vos pode ensinar o reto valor do dinheiro, do afeto, do pensamento.

Então, as complicações da crença organizada desaparecerão.

Então, não mais haverá êsse prosseguimento da devoção, essa falsa reverência baseada no mêdo, no qual não existe a percepção dos verdadeiros valores.

* * *

Por todo o mundo anda o homem à busca da segurança na imortalidade. O mêdo fá-lo buscar confôrto numa crença organizada, que se chama religião, com seus credos e dogmas, com sua pompa e superstição. Estas crenças organizadas, as religiões, fundamentalmente separam o homem. E se examinardes seus ideais, sua moral, vereis que estão baseados no temor e no egoísmo. Da crença organizada decorre o desejo rendoso que, sutilmente se torna cruel autoridade, para explorar o homem por meio do seu mêdo.

* * *

Por tôda a parte do mundo há constante sofrimento que parece infindável. Ha a exploração de uma classe pela outra. Vemos o imperialismo com tôdas as suas estultícias, com tôdas as suas guerras e com as crueldades oriundas do desejo rendoso, seja, em idéias, seja em crenças ou em poder. Além disto, há o problema da morte e a busca da felicidade e da certeza num outro mundo. Uma das razões fundamentais pelas quais pertenceis a uma religião ou a uma seita religiosa é vos prometer um lugar seguro no além.

Aquêles dentre nós que estão ativa e inteligentemente interessados pela vida, vêem tudo isto e, desejosos de operar uma mudança fundamental, imaginam que deveria haver um movimento em massa.

Ora, para criar um movimento verdadeiramente coletivo, é preciso que se dê o despertar do indivíduo.

Eu me preocupo com êsse despertar. Se cada indivíduo despertar em si mesmo essa verdadeira inteligência, então produzirá o bem estar coletivo, sem exploração nem crueldade. Enquanto a plenitude inteligente do indivíduo estiver impedida, tem de haver caos, tristeza e crueldade.

Se fôrdes arrastados a cooperar, por meio do mêdo, jamais poderá realizar-se a plenitude individual. Portanto, eu não me preocupo em criar uma nova organização ou partido, ou em oferecer-vos uma nova substituição; preocupo-me com o despertar dessa inteligência, que é a única que pode dar solução às múltiplas tristezas e misérias humanas.

* * *

Onde houver mêdo, que é o resultado da busca da segurança, tem de haver exploração. Libertar a mente do mêdo é uma das cousas mais difíceis de executar.

As pessoas são mui prontas em dizer que não têm medo. Se, porém, quiserem realmente averiguar se estão libertos do mêdo, têm de a si próprias pôr à prova na ação. Têm de compreender a estrutura, em conjunto, da tradição e dos valores e, no apartarem-se, elas próprias, dessas cousas criarão conflito em que descobrirão se estão livres. Dest'arte, nós, pela maior parte, estamos agindo de conformidade com certos valores estabelecidos. Não conhecemos seu verdadeiro significado.

Se quiserdes descobrir a constituição do vosso ser, desviai-vos da trilha que seguís e, então, verificareis os múltiplos e sutis temores que escravizam vossa mente. Quando a mente se libertar do mêdo, não mais haverá exploração, crueldade nem tristeza.

* * *

Na busca da vossa segurança individual a que chamais imortalidade, começais a criar muitas ilusões e ideais que se tornam meios de grosseira ou sutil exploração. Para vos dar segurança e para interpretar a vossa ânsia de segurança no além e no presente, é preciso que haja mediadores, mensageiros, que, por meio do vosso mêdo, se tornam exploradores vossos.

Portanto, fundamentalmente, sois vós os criadores dos exploradores, sejam êles econômicos ou espirituais. Para compreender esta estrutura religiosa, que se tornou um meio de explorar o homem em todo o mundo, tendes de compreender o vosso próprio desejo e as suas modalidades de ação sutil e astuta.

* * *

A religião nada mais é que um sistema organizado de crença, baseado no mêdo e no desejo de segurança. Onde houver o próprio desejo, desejo de segurança, tem de ha-

ver temor; e vós, por meio da religião, buscais aquilo a que se chama imortalidade, segurança no além, sendo que aquêles que vos prometem e vos asseguram essa imortalidade, tornam-se vossos guias, vossos instrutores e autoridades.

Assim, em virtude do vosso desejo de continuidade egoísta, criais exploradores.

* * *

Pelo mêdo, cria-se a autoridade e, a ela cedendo, tendes de produzir a exploração. Portanto, cada um de vós, em virtude do mêdo, cria exploradores. Pelos vossos próprios desejos e temores, haveis criado as religiões com seus dogmas, seus credos e tôda a sua pompa e representação.

As religiões, como crenças organizadas que são, com seus desejos rendosos, não conduzem o homem à realidade. Tornaram-se máquinas de exploração. Sois, porém, os responsáveis pela sua existência. A mente precisa de libertar-se de tôdas essas ilusões criadas pelo mêdo, ilusões essas que aparecem, agora, como realidade, e quando a mente fôr simples e direta, capaz de pensar verdadeiramente, então não mais criará exploradores.

FE'

A fé destrói a sua própria idéia da alma. A fé sustenta que existe uma fôrça universal, uma entidade suprema fora do homem, dirigindo-a, guiando-lhe a existência e determinando o seu futuro. Esta concepção elimina a idéia da alma, se refletirdes profundamente sôbre ela.

Se não há alma, então vos voltais para o ponto de vista mecânico da vida e, por êsse modo, vos tornais meramente prêsos dos opostos. A verdade não existe nos opostos . Se compreendesseis plenamente o significado dos opostos com as causas que lhes são implícitas, então discerniríeis o verdadeiro processo do "eu". Então, vereis que é um processo de desejo concebendo-se a si próprio no mêdo e mantendo-se por si mesmo. Êste mêdo leva o "eu" a perguntar a si mesmo, se tem continuidade, se viverá após a morte do corpo. A questão real é, pois, se esta limitação, o "eu", passando através de muitas experiências e colhendo suas lições, torna-se finalmente perfeito. Pode o egoísmo algum dia tornar-se perfeito, através do tempo, da experiência? O "eu" pode tornar-se maior, expandir-se mais, tornar-se mais rico em egoísmo, em limitação, tomando para si outras unidades de limitação e egoísmo . Porém, certamente, êsse processo continua sempre a ser o processo do "eu", por mais expandido e glorificado que esteja.

Se êste processo vai continuar ou ter fim é cousa que depende da compreensão de cada indivíduo.

Quando discernirdes profundamente que o processo do "eu" se mantém pelas próprias limitações, pelas próprias atividades volitivas de ansiedade, então a vossa ação, a vossa moral, tôda a vossa atitude para com a vida sofre uma mudança fundamental. Nisso há realidade, felicidade.

Posso dar-vos explicações da causa da existência e da causa da tristeza.

Porém, o homem que procura uma explicação não discernirá a realidade. As definições e as explicações atuam simplesmente como uma nuvem que obscurece a percepção. Êste processo do "eu", acêrca do qual vos falei, pode ser para vós apenas uma teoria. Para discernirdes a sua realidade, tendes de experimentá-lo. Para experimentardes isto, tendes de considerá-lo, de modo crítico analisando, e fazendo experiências com êle. Sòmente a sua inteligente compreensão produzirá a ação verdadeira.

* * *

Que é que cria a fé no homem?

Fundamentalmente, é o mêdo. Dizeis: "Se me libertar da fé, ficarei com mêdo e por isso nada lucrarei".

Assim, preferis viver numa ilusão, apegando-vos às suas fantasias.

Para escapar ao mêdo, criais a fé. Agora, quando por meio de um pensar profundo, dissolveis a fé, ficais face a face com o mêdo. Sòmente então podeis resolver a causa do mêdo. Quando tôdas as vias de evasiva houverem sido, por completo, compreendidas e destruídas, então estareis frente a frente com a raiz do mêdo; só então a mente poderá libertar-se da garra do temor.

Quando há temor, as religiões e as autoridades que haveis criado, em vossa busca de segurança, oferecem-vos a satisfação do ópio a que chamais fé ou amor de Deus.

Assim, apenas encobris o mêdo, que se expressa em vias ocultas e sutis.

Assim, prosseguis rejeitando as velhas fés e aceitando as novas; porém, o verdadeiro veneno, a raiz do temor, jamais se dissolve. Enquanto existir essa consciência limitada, o "eu", tem de haver mêdo. Até que a mente se liberte dessa consciência limitada, o mêdo tem de continuar, sob uma ou outra forma.

* * *

A fé vos proporciona confôrto, alívio, no infortúnio ou na tristeza.

Sôbre a fé haveis construído um sistema de compulsão, de disciplina, um conjunto de valores falsos.

Buscais abrigo por detrás da parede protetora da fé e essa parede vos impede o amor, a simpatia e a bondade; isso, porque a vossa ocupação se refere a vós próprios, à vossa salvação, ao vosso bem-estar neste mundo e no além.

Se começardes a estar apercebidos, a discernir como criastes êsse processo por meio do mêdo, como estais constantemente buscando abrigo, por detrás dêsses ideais, conceitos e valores, sempre que venha qualquer reação, então compreendereis que o apercebimento não é a ocupação com os vossos pensamentos e sentimentos, porém a profunda compreensão da insensatez de criar êsses valores, por detrás dos quais a mente se abriga.

* * *

A individualidade se desenvolve no solo do amor, do ódio, do ciúme, da avidez, da ação, da inação, da solidão, do desejo de companhia. Porém o homem que depende de qualquer destas cousas conhece a separação e está prêso às garras da tristeza. Onde quer que haja

tristeza há busca de confôrto e de segurança da existência individual Quando se compreende que êste anseio é uma ilusão, então, em seu lugar, nasce a fé — fé não em outra pessoa, em outro indivíduo, ainda que altamente evoluído, ainda que superior, mas a fé na realidade que existe dentro de si mesmo. E' a isto que denomino verdadeira fé — a realização de que dentro de vós reside a potencialidade do todo e que a vossa tarefa é perceber e realizar esta totalidade.

FALSIDADE DO CONFLITO

O conflito só pode existir entre duas cousas falsas; o conflito não pode existir entre a verdade e aquilo que fôr falso.

* * *

Para mim o conflito é o fluir interrompido da ação espontânea do pensamento e sentimento harmoniosos. Quando o pensamento e a emoção estão desarmonizados, há conflito na ação; isto é, quando a mente e o coração estão em um estado de discórdia, criam um impecilho à expressão da ação harmoniosa e daí vem o conflito.

Tal impecilho à ação harmoniosa é causado pelo desejo de fugir à experiência completa da vida, pelo encarar a vida sempre com o pêso da tradição — seja ela religiosa, política ou social.

Esta incapacidade de fazer face à experiência em sua totalidade cria o conflito e o desejo de fugir dêle.

* * *

O conflito humano, sua dôr e sofrimento, residem entre duas cousas falsas, entre aquilo que o homem considera essencial e não essencial.

Enquanto não compreendermos o mérito do ambiente que cria o indivíduo que contra êle combate, tem de haver luta, tem de haver conflito, tem de haver sempre crescente refreio e limitação. Portanto a ação cria barreiras interiores.

E a mente e coração — que para mim são o mesmo, eu as divido apenas para conveniência de linguagem — estão tolhidos e anuviados pela memória, e a memória é o resultado oriundo da busca de segurança, é a resultante do ajustamente ao ambiente, e essa memória está de contínuo anuviando a mente, isto é, a própria inteligência. Esta memória cria a falta de entendimento; esta memória cria o conflito entre a mente e o ambiente. Se, porém, vos puderdes acercar do ambiente renovado e não oprimido pela memória do passado que nada mais é que um cuidadoso ajustamento e, portanto, meramente uma advertência; se fôrdes essa inteligência, essa mente que de contínuo está renovando a si mesma, não ajustando-se, modificando-se, segundo uma condição, porém fazendo frente renovadamente, semelhante ao sol de uma fresca manhã ou às estrêlas da tarde, então, nessa frescura, nesse estado de alerta, advém a compreensão de tôdas as cousas. Portanto, o conflito cessa por completo, pois que inteligência e conflito não podem coexistir. A desarmonia cessa quando a inteligência está funcionando em sua plenitude

* * *

Vós vos esforçais por buscar a realidade última, a qual chamais Deus, Verdade, ou Vida, através das névoas de vossos desejos, lutas e ilusões, e, com ideais preconcebidos, relativos a esta realidade, tentais viver todos os vossos dias na sombra dessa imagem. Para mim, esta maneira de viver, é falsa, pois que onde há conflito, luta

e sofrimento, não pode haver compreensão da verdade. E' sòmente por meio da completa cessação da luta, do esfôrço, da tristeza, que advém o entendimento dessa viva realidade.

* * *

O homem que se acha livre do mêdo, pôsto que se submeta às cousas externas, permanece isento da influência delas, livre em seu pensamento e puro em seu coração.

Tal homem gosará da harmonia interna e, por isso, compreenderá a verdade.

FRUSTRAÇÃO

Quando começais a pensar por vós mesmos?

Quando vossos esforços se frustram, é então que, ao ficar embaraçados, vos apercebeis de vós próprios.

Dêsse embaraço provém a divisão, que é causa de resistência e, para vencê-la, a vós mesmos disciplinais. As idéias têm de desaparecer integralmente, antes que possais chegar a discernir. Se não puderdes discernir livremente, sereis incapazes de compreender.

Para a percepção, deve a mente estar despida de preconceitos. E uma das cousas mais difíceis de levar a efeito é tornar a mente delicada, plástica, de modo a que discirna instantaneamente, sendo êsse discernimento intuição.

* * *

Vós sois sòmente conscientes do "eu", quando estais em conflito ou sofrimento; portanto, o "eu", nasce da resistência, do impedimento, do conflito, da frustração e do afã e, na cessação do conflito, esta ilusão do "eu" não mais existe. Que é que ocasiona a luta, a frustração, os trabalhos e o sofrimento? E' o desejo nascido da sensação dos opostos, ocasionando a idéia da distinção, do "meu" e do "teu", a idéia do "eu", do ser separatista.

* * *

A maior parte das pessoas são forçadas a trabalhos, atividades, vocações para as quais em absoluto não estão predispostas. Gastam o restante de suas existências a lutar contra essas circunstâncias e assim desperdiçam tôdas as suas energias na luta, na dor, no sofrimento e só acidentalmente no prazer. De outra forma, o homem passa através das limitações do ambiente, porque compreende o seu pleno significado e vive inteligentemente, criadoramente, seja no mundo da arte, da música, da ciência ou das profissões, sem o sentimento da separação oriunda da expressão.

Esta expressão de inteligência criadora é muito rara e pôsto que tenha a aparência de individualidade e separatividade, para mim não é individualidade e sim inteligência

Onde há verdadeira inteligência em funcionamento, não há consciência da individualidade; porém, onde há frustração, esfôrço e luta contra as circunstâncias, há a consciência da individualidade, que não é inteligência.

O homem que funciona inteligentemente que portanto, está livre das circunstâncias, a êsses chamamos criador, divino em si mesmo.

* * *

Eliminai tôdas as frustrações, removei todos os embaraços e então não mais direis "eu". Então estareis vivendo.

* * *

O sexo torna-se um problema, quando há frustração. Quando o trabalho que deveria ser a verdadeira expressão do nosso ser, se torna meramente mecânico, estúpido

e inútil, há frustração; quando as nossas vidas emocionais, que deveriam ser ricas e completas, estão obstadas pelo mêdo, há frustração; quando a mente, que deveria estar viva, plástica, ilimitada, se acha sobrecarregada pela tradição, pelas lembranças protegidas por si mesmas, pelos ideais e pelas crenças, é então que há frustração. E, assim o sexo torna-se um problema exageradamente acentuado e fora do natural.

* * *

Para se viver feliz e inteligentemente, é necessário libertar a mente do mêdo. Por meio dêsse despertar, sobrevém a benção do amor, na qual não há desejo de posse.

O problema do sexo vem à existência quando, pelo mêdo, pelo ciúme, e pelo desejo de posse se destrói o amor.

* * *

Por que se casam as pessoas? Buscam pelo matrimônio vencer o isolamento, vencer a vacuidade.

Uma fôrça externa os propele à plenitude, isto é, libertarem-se do eu-consciência. Essa fôrça os propele ao ajustamento, à harmonia.

Não penseis que entendo o casamento ser caminho fácil, ou um caminho que em absoluto não conduza à plenitude. Não é preciso, porém, passar pela experiência do casamento para realizar a plenitude.

Pode-se realizá-la sem êsse incidente, mas tal exige grande esfôrço e concentração; grande determinação e coragem. Não que seja isto cousa superior ao casamento, pois que a plenitude pode ser realizada em tôdas e quaisquer circunstâncias desde que no homem exista intensidade de interêsse por essa plenitude, que é a libertação do

eu-consciência. O essencial para a realização da verdade não são as circunstâncias externas, os sistemas, os caminhos, os métodos, porém, sim, o intenso interêsse que, por si mesmo, possa criar a verdadeira inteligência para a compreensão.

* * *

Por que se tornou o sexo um problema em nossa vida? Por que existem tantas distorsões, perversões, inibições, supressões? Não é porque estamos famintos mental e emocionalmente, porque somos incompletos em nós mesmos, por nos termos tornado apenas máquinas imitadoras, e a única expressão criadora que nos foi deixada, a única cousa em que encontramos felicidade é a que chamamos sexo? Como indivíduos cessamos de existir mental e emocionalmente. Somos meras máquinas na sociedade, na política, na religião. Como indivíduos temos sido completa e impiedosamente destruidos pelo mêdo, pela imitação, pela autoridade. Não demos expansão à nossa inteligência criadora através dos canais sociais, políticos e religiosos. Por isso, a única expressão criadora, que nos foi deixada como indivíduos é o sexo e a êste naturalmente damos muita importância, pomos nisso grande realce. Por tal motivo tem-se tornado o sexo um problema, não é?

Se puderdes libertar o pensamento criador, a emoção criadora, então o sexo já não será um problema. Para libertar completa, integralmente, essa inteligência criadora, deveis investigar o próprio hábito de pensar, deveis investigar a própria tradição em que estais vivendo, as próprias crenças que se tornaram automáticas, expontâneas, instintivas. Por meio da investigação, entrais em conflito, e êsse conflito e o seu entendimento despertarão a inteligênci acriadora; nessa investigação libertar-vos-eis gradati-

vamente da imitação, da autoridade e do mêdo o pensamento criador.

E' este um lado da questão. Há também outro lado, que diz respeito à alimentação, exercício e amor ao trabalho que fazeis. Perdestes o amor ao vosso trabalho. Tornastes-vos empregados, escravos de um sistema, trabalhando por quinze ou dez mil rúpias, não pelo amor ao que estais fazendo.

Com referência às relações sexuais ilegítimas, consideremos primeiro o que entendeis por casamento Na maioria dos casos o casamento é apenas a santificação da posse, pela religião e pela lei. Suponde que amais uma mulher; desejais viver com ela, possuí-la. Pois bem, a sociedade tem inúmeras leis para ajudar-vos a possuir, e várias cerimônias que santificam essa posse. Um ato que teríeis considerado pecaminoso antes do casamento, o considerais legal depois dessa cerimônia. Isto é, antes que a lei legalize e a religião santifique a vossa posse, considerais o ato das relações ilegal, pecaminoso.

Onde há amor, verdadeiro amor, não existe a questão do pecado, de legalidade ou ilegalidade. Entretanto, a menos que realmente penseis profundamente sobre êste ponto, a menos que façais esforço real para evitar mal entendidos sobre o que eu digo, isto poderá conduzir a todas as espécies de confusão. Temos mêdo de muitas cousas. Para mim a cessação dos problemas do sexo está não na simples legislação, mas na libertação da inteligência criadora, em ser completo na ação, não separando a mente do coração. O problema sòmente desaparece quando se vive completa, plenamente.

* * *

O homem que se interessa pela liberdade do eu-consciência, deve ser normal, não deve eliminar o desejo por causa do mêdo, mas deve compreender o conflito, o amor,

o sexo. Êste entendimento o libertará do eu-consciência. No homem reside a todo o instante essa vida em sua plenitude; mas, enquanto perdurar o eu-consciência com tôdas as suas qualidades, opostos, virtudes, apêgo e mêdo, êle se acha cativo da ilusão.

* * *

Para possuirdes o amor isento de mêdo, tendes de passar por tôdas as vicissitudes do amor.

IDEAIS

Geralmente, uma idéia nada mais é que retenção do pensamento-emoção, que se torna cristalizada, por meio da reação pessoal, ao passo que o pensamento-emoção está sempre fluindo, ilimitado, e nele não existem reações pessoais. Êle é a substância perdurável da Verdade. Porém a mente, que é escrava de uma idéia, é incapaz de viver infinitamente, e assim existe diferença entre pensamento e idéia.

* * *

A vida pode ser atada pelos ideais, como o tem sido pela moral. Mas a vida flue, contìnuamente, para a frente e a moral é sempre estacionária. A moral deveria mudar constantemente, para manter o passo com a vida, e, no entanto, aplicamos uma moral que tem milhares de anos, aos problemas de hoje, e, por essa forma, criamos dificuldades. Seguimos as tradições de séculos passados, em lugar de criar novas tradições, todos os dias, pelas quais possamos julgar e nos orientar para resolvermos os problemas da vida.

* * *

Não vos é possível expelir o mêdo, sòmente por estabelecer um elemento oposto a êste mêdo.

Não luteis contra o temor, esforçai-vos por conquistar uma atitude intrépida, porém averiguai por que tendes mêdo. Pesquisai; buscai; não eviteis êsse temor, mediante a introdução de uma série de temores outros, porém examinai-os.

A causa fundamental do mêdo acha-se baseada no egoísmo e dêste se desenvolvem as várias formas sutis de temor. Se, porém, a todo o instante estiverdes buscando ser plenamente conscientes de vós mesmos e portanto, vos libertardes do eu-consciência, o temor cessa. Há, porém, temores nervosos que dependem do corpo.

Por conseqüência, verificai se vos alimentais de maneira apropriada, se tendes exercícios adequados, sono bastante, afrouxamento, relaxação de membros, pois tôdas essas cousas dependem da mente. Uma mente em que a todo o instante haja conflito entre o "meu" e o "teu", entre os opostos, entre aquisição e vacuidade, entre riqueza e pobreza, não pode relaxar-se. Achar-se-á colhida em sua própria imaginação e dêsse estado surgem os temores. Se, porém, a todo o instante, estiverdes vos esforçando por libertar o vosso eu-consciência, isto é, por vos tornardes tão eu-conscientes que chegueis a realizar a plenitude da vida, então os temores desaparecem.

E' inútil combater um oposto com o outro; não deveis torcer a vossa vida para adaptá-la a um ideal.

Um ideal nada mais é que um dos opostos. Quantas pessoas vêdes ao vosso redor que já estabeleceram ideais, ideais maravilhosos e torcem sua vida na direção dêles, pelo mêdo que têm de seu próprio egoísmo, pensando que, tendo um ideal, chegarão a vencer êsse egoísmo.

Isto é, o ideal torna-se um oposto. Dêsse modo, estão famintos de vida, perderam tôda a amabilidade do viver e de adaptar-se. Libertai-vos de vossos ideais, se realmente vos quiserdes tornar eu-conscientes. Então podereis libertar-vos de tôdas as idéias, opiniões, pensamentos,

imaginação, vontade, e daí provém a plenitude de ser, que sempre se está renovando a si mesmo.

Isto é que é felicidade, e não um conjunto de ideais aos quais vos apegais por vos atemorizardes do vosso próprio egoísmo.

* * *

Porque desejais atingir a ausência do desejo? Não é porque verificastes, através da experiência, que o desejo é doloroso, que traz mêdo, que cria conflito ou um sucesso que é cruel? Assim, anseais por atingir um estado de ausência de desejo, que pode ser conseguido, mas que é da morte, pois é apenas o resultado do mêdo. Quereis estar livres de todo mêdo, e por isso fazeis da ausência de desejo o ideal, o padrão para ser seguido. Mas o motivo por detrás dêsse ideal é ainda desejo e, assim, ainda o mêdo.

* * *

Qualquer processo conducente à limitação, à resistência, a uma espécie de isolamento completo para chegar a um estado intelectual ou ideal, é destruição do viver criador. Certamente isto é obvio. Isto é, se alguém possue um ideal de amor — e todos os ideais têm de ser intelectuais e, portanto, mecânicos — e tenta praticá-lo, transformar o amor em hábito, chegará certamente a um estado definido. Mas, não é o de amor, é apenas um estado de consecução intelectual.

A prossecução do ideal é tentada por todos os povos; os indus fazem-na a seu modo, os cristãos e outros grupos religiosos também o fazem. O mêdo cria o ideal, o padrão, o princípio, porque a mente procura satisfação.

Quando esta satisfação é ameaçada, a mente foge para o ideal.

Tendo o mêdo criado o padrão, molda o pensamento e o desejo, impedindo gradualmente a espontaneidade, o desconhecido, o criador.

* * *

Por causa do vosso mêdo, haveis desenvolvido certas crenças, certos ideais e ilusões a que vos escravizastes, e só mediante o vosso próprio sofrimento é que compreendereis o seu verdadeiro significado.

* * *

Freqüentemente pensamos que vivendo de acôrdo com uma certa idéia, isso nos despertará a inteligência. O que realmente desperta a inteligência é a ação isenta do temor, de não nos estarmos ajustando a um padrão ou a um ideal. Isto exige grande apercebimento e grande plasticidade da mente.

INTELIGÊNCIA

A inteligência, para mim, é verdade, beleza e amor.

* * *

O que eu chamo inteligência é o estado de plena consciência da fonte de vossa ação e, para descobrir essa fonte, deveis estar libertos da limitação da individualidade.

Buscai a fonte de vossa ação pela constante vigilância da mente, pela compreensão do transitório, pelo significado pleno de uma experiência que encerra o eterno.

* * *

A inteligência, liberta do eu-consciência, torna a mente perfeita.

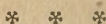
Inteligência é a harmonia da mente e do coração e, por isso, é ela suprema, divina em si mesma.

* * *

A sabedoria é como as águas que correm; não pode ser capturada nem adquirida. A sabedoria é verdadeira inteligência, e a verdadeira inteligência é o discernimento do reto valor. Só podeis descobrir o reto valor, quando a mente não mais procurar aquisições nem conformidades.

Deixai que eu tome um exemplo e sabereis o que tenho em mente dizer. Suponde que estais sofrendo intensamente, por causa da morte de alguém, ou porque alguém

vos não ama. Nesse sofrimento buscais felicidade, consolação. Por isso, prontamente aceitais qualquer consôlo que outrem tenha para vos oferecer. Se, entretanto, não estiverdes buscando a felicidade como uma cousa oposta ao vosso sofrimento, então examinareis impessoal e criticamente o que quer que vos sobrevenha e, por essa maneira, descobrireis o verdadeiro valor de cada experiência, de cada dádiva da vida. No experimentar assim cada incidente da vida, com todo o vosso ser, não buscando satisfação ou consôlo próprio, nasce a inteligência.

* * *

A harmonia da mente e do coração é a verdadeira inteligência, não a inteligência proveniente do muito aprender, do muito conhecimento armazenado, porém a inteligência de uma mente que contìnuamente se está libertando de suas próprias ações, mente que, pelo fato de viver completamente no presente, não cria memória, mente que, pela sua própria ação, não cria uma resistência que desperdiça a concentração no presente.

Necessitais de harmonia da mente e do coração para realizar a verdade, sendo que a maioria das pessoas evitam ser inteligentes, porque isto lhes exige ação. Para ser inteligente, necessitais de vos libertar do fingimento da sociedade, da consciência de classe, do egoísmo. As pessoas que se interessam pelo movimento da realidade, podem ser inteligentes. A inteligência não é sòmente o dom do gênio. E' na verdade muito simples; tão simples é, que vos evita; ou melhor, é tão delicada, que vós a evitais, porque quereis algo de concreto a que vos agarreis. Que é que torna uma pessoa obtusa, estúpida e lenta? A falta de adaptabilidade, de plasticidade. E' escrava de suas idéias particulares, que são ela própria, ao passo que, se sempre estiver alerta, vigilante, abrindo seu caminho

sem finalidade fixa, sem uma idéia concreta de consecução, então será inteligente.

* * *

E' o mêdo que conduz à ação não inteligente, portanto ao sofrimento, e como os indivíduos estão cativos dêsse mêdo, eu procuro despertar neles a percepção da barreira por si mesma criada de ignorância e preconceito. Pelo fato de cada indivíduo buscar a própria segurança sob múltiplas formas, não pode haver cooperação inteligente com o seu ambiente, e seguem-se daí muitos problemas, que não podem ser superficialmente resolvidos. Se cada um de vós fôra intimorato, não ansiando por segurança, sob qualquer forma que fôsse, neste mundo ou no além, então, neste estado de intrepidez, a inteligência poderia funcionar e produzir ordem e felicidade.

* * *

A inteligência desperta-se por meio do vosso próprio apercebimento, de um modo novo de viver, espontâneamente, sem esfôrço para vos ajustardes. Nisto existe um êxtase que é verdadeira beleza.

* * *

O homem que tem mêdo não pode ser inteligente — pois o mêdo impede o discernimento sem escolha, o puro discernimento.

IMITAÇÃO

Onde houver a imitação, não poderá haver o rico preenchimento da vida.

* * *

O desejo do oposto cria o temor e dêste temor surge a imitação.

* * *

Onde há imitação, deve haver também mêdo, e a ação imitativa é desprovida de inteligência.

* * *

O indivíduo é o universo inteiro, o mundo inteiro, e não sòmente uma parte separada do mundo. O indivíduo é o todo-inclusivo, não o todo-exclusivo. Êle está contìnuamente fazendo esforços, experimentando, em diferentes direções; porém o "eu" em vós, em mim e em todos, é igual, embora as suas expressões possam e devam variar. Quando compreenderdes êste fato e dêle fôrdes plenamente conhecedor, já não procurareis salvação no exterior. Não necessitareis de agente exterior e assim ficará abolida a causa fundamental do mêdo. Desembaraçar-se do mêdo é compreender que em vós está o centro focal da expressão da vida. Quando tiverdes tal visão, sereis

o criador das oportunidades, já não evitareis as tentações, transcendê-las-eis; já não desejareis imitar e tornar-vos uma máquina, em um tipo que é apenas o desejo de vos conformardes com uma base. Utilizareis a tradição para avaliar e por êste meio transcender tôda a tradição.

* * *

A conduta nascida da compulsão, seja a da recompensa ou da punição, a do temor ou do amor, não é reta conduta. E' mera imitação forçar e drenar a mente, de acôrdo com certas idéias, a fim de evitar conflito. Esta espécie de disciplina, imposta ou voluntária, não conduz à reta conduta.

A reta conduta só é possível, quando vós compreenderdes o pleno significado do processo auto-ativo da ignorância e o reformar da limitação pela ação do desejo. No discernimento profundo do processo do mêdo, dá-se o despertar daquela inteligência que produz a reta conduta. Pode a inteligência ser despertada pela disciplina, imposta ou voluntária?

Será isso questão de drenar o pensamento, de acôrdo com um molde particular? Despertar-se-á a inteligência, pelo mêdo que vos impede de vos subjugardes a um padrão de moral? A compulsão, de qualquer espécie que seja, externa ou voluntàriamente imposta, não pode despertar a inteligência, porque a imposição é resultante do temor. Onde há mêdo, não pode haver inteligência. Onde funciona a inteligência, há ajuste espontâneo, sem o processo da disciplina.

Portanto, a questão não é se a disciplina é certa ou errada, ou se é necessária, mas como pode a mente libertar-se do temor por si próprio criado. Pois, quando há libertação do mêdo, não existe o sentimento da disciplina, mas sim a plenitude da vida.

* * *

O pensamento deve ser vital, dinâmico não mecânico ou imitativo.

Considera-se pensar positivo um sistema de disciplinar a mente de acôrdo com uma modalidade particular. Primeiramente, criais ou aceitais uma imagem intelectual, um ideal e, de acôrdo com êste, torceis o vosso pensamento.

Esta conformidade, esta imitação é tomada errôneamente por compreensão; porém, de fato, é apenas ânsia de segurança, nascida do mêdo. O incitamente do mêdo conduz apenas à conformidade, e a disciplina nascida do mêdo não é o reto pensar.

LIMITAÇÃO

A limitação vos detém e enfraquece.

* * *

Pelo fato de, com a mente limitada, não poderdes divisar o todo — que é livre e ilimitado — tomais para vós o que é condicionado.

* * *

O perfume total se contém na flor inteira e não em nenhuma de suas pétalas.

* * *

A realização da verdade vem, sòmente, quando há plenitude de ação, sem esfôrço. E a cessação do esfôrço vem pelo apercebimento das limitações e não quando tentais vencê-la. Isto é, quando estiverdes inteiramente conscientes, integralmente apercebidos em vosso coração e em vossa mente, quando estiverdes apercebidos, com todo o vosso ser, então por meio dêsse mesmo apercebimento estareis livres de limitações. Experimentai e vereis.

Tudo que tendes conquistado vos tem escravizado. Sòmente quando tiverdes compreendido um impedimento com todo o vosso ser, só depois que houverdes realmente compreendido a ilusão da segurança, não mais lutareis

contra o impedimento. Mas se estiverdes conscientes das limitações apenas intelectualmente, então continuareis a lutar contra elas.

* * *

Haveis mudado de uma limitação para outra, de uma jaula estreita para uma jaula talvez mais larga, sem alcançardes o meio de derrubar todas as jaulas, de despedaçar as barreiras que limitam, que destroem, que produzem a tristeza.

* * *

Como pode a mente limitada, enclausurada por inúmeras barreiras, compreender o que é súpremamente inteligente e belo?

Para entender o que é supremo tem a mente de estar liberta dos impecilhos e ilusões criadas pelo mêdo e pelo desejo de aquisição.

MEDITAÇÃO

A meditação é nada mais que a concentração da ação no pensamento, porém tem de dar-se a expressão dêsse pensamento em vossa vida.

* * *

Tendes feito, alguma vez, qualquer denominada meditação? Talvez alguns de vós a tenhais feito, de uma ou de outra forma.

Talvez tenhais refletido profundamente, quando houve algum problema humano premente que exigisse uma resposta; isto pode ser considerado como uma forma de meditação. Por uma contínua fixidez sôbre uma certa idéia, o que ajuda a eliminar outras idéias importunas, aprendereis a concentração, isto também é considerado como uma forma de meditação. Quereis despertar certos poderes, os chamados poderes ocultos, porque alimentais a esperança de que, possuindo êstes poderes, tereis maior compreensão. Tais práticas são também consideradas uma forma de meditação.

Estar constantemente vigilante e apercebido, ser meditativo, é o princípio da meditação, pois, sem a verdadeira base do discernimento, a simples concentração e outras formas da chamada meditação tornam-se perigosas e não têm nenhuma significação profunda. Quando estiverdes alerta, descobrireis que a mente está procurando um resultado, uma conclusão, desejando uma recompensa,

uma segurança. A busca de uma predeterminada conclusão não é mais meditação, porque, neste caso, o pensamento está prêso na sua própria rêde de imagens.

Consideremos o processo da meditação um pouco mais profundamente. E' muito difícil fixar o errante, o trêmulo pensamento; êle se move de um objeto de sensação para outro, de um desejo para outro. Neste processo, ficamos apercebidos da extrema sensibilidade do pensamento. O pensamento vagueia de uma série de idéias para outra, seja pelo desejo ou apenas porque é preguiçoso e indiferente. Se o pensamento apenas se abstem de vaguear, torna-se estreito, limitado e destrutivo. Se o pensamento está interessado em vaguear, então o simples controle de si mesmo é inútil, porque nada descobrirá, pois está interessado na dissipação de sua própria energia. Mas, se estais interessados em descobrir por que êle é errante, então estais começando a discernir, a estar apercebidos, e, assim, há uma natural, espontânea concentração. Portanto, deveis observar, primeiro, que o pensamento é errático; depois, discernir a causa desta erratibilidade. Quando o pensamento percebe que é indolente, preguiçoso, já está começando a ser ativo; mas dominar simplesmente o pensamento não produz ação criadora.

* * *

Quando há uma concentração natural de interêsse, não o mero controle, começais a descobrir que o pensamento está num processo de constante imitação, sempre vagueando através de suas muitas camadas de memórias, preceitos, exemplos; ou, tendo experimentado uma sensação estimulante ou uma experiência durante os momentos de concentração, êle sente prazer nisto e procura vivificar esta passada sensação; mas, por êsse meio, sòmente estultifica seu próprio processo criador; ou, afastando-se da vida diária, o pensamento tenta desenvolver várias qua-

lidades, a fim de dominar suas ações quotidianas, e a vida perde a sua significação intrínseca, e o padrão torna-se mais importante.

Tudo isto é, pois, meramente uma forma de aproximação e não a meditação criadora. Se estiverdes apercebidos, durante as vossas atividades diárias — quando estais conversando, passeando, ganhando dinheiro ou procurando prazer — neste apercebimento, que depende do vosso ardor, há um começo de compreensão, um amor, que não está às ordens do intelecto e da emoção.

Dêste modo, a meditação é um processo de apercebimento na ação. A meditação deve surgir da realidade da vida, e, assim, a meditação é um processo de libertação de si própria. Meditação não é aproximação de um modêlo. A satisfação da mente por meio da vontade, da escolha, pode trazer certa calma, mas esta calma é da morte, produz langor. Isto não é meditação. Mas a compreensão da escolha, que é um processo muito delicado e ardente, é meditação em que há calma sem nenhum traço de langor ou contentamento. E' necessário haver na meditação vigilância e discernimento. Meditação é um processo de plenitude, de totalidade, e não uma série de consecuções que culminem na realidade.

* * *

Não separeis a vossa concentração e a vossa meditação da ação na vida diária.

Presentemente, limitais vossa mente e vosso coração por meio da disciplina, pelo próprio domínio; ao passo que, se completardes o pensamento e a emoção na ação, vos tornareis apercebidos das restrições que vos são impostas pela sociedade e pela tradição, pelo temor e pela conformidade.

Mediante êste apercebimento, chegareis à descoberta do verdadeiro valor das vossas ações e nessa descoberta

reside a concentração espontânea, a alegria da meditação. Nesta natural e espontânea concentração, a qual é meditação ou verdadeira contemplação, não existe esfôrço para dirigir a mente ou para adestrá-la ou guiá-la. Esta meditação é a plenitude da vida, durante todo o dia. E' a ação não embaraçada, na plenitude do pensamento e do sentimento. Só quando a mente está liberta da limitação dos ideiais é que existe a compreensão do eterno.

* * *

Para compreendermos a vida, devemos estar em seu movimento, em seu fluxo. Devemos ser conhecedores do processo da ignorância, do desejo e do temor, pois que somos êsse mesmo processo. Quer-me parecer, a meu pesar, que muitos dentre vós que me ouvem freqüentemente, mas que não experimentam o que eu digo, apenas adquirirão uma nova terminologia, sem essa mudança fundamental de vontade, que é a única a poder libertar a mente-coração do conflito e da tristeza. Em vez de um método de meditação, o que nada mais é que índice de anseio por uma evasiva da atualidade, discerni, por vós mesmos, o processo da ignorância e do mêdo. Êste profundo discernimento é meditação.

MÊDO CRIA DEUS DISTANTE DO HOMEM

Eu digo que existe algo semelhante a Deus; não perguntemos o que isto é. Descobri-lo-eis, se principiardes a realmente compreender o próprio conflito, que estropía a mente e o coração.

* * *

O homem cria Deus por causa do mêdo. Os russos ou qualquer outro povo podem destruir a idéia de Deus. Se, porém, o mêdo permanecer, haverá criação de novos deuses; portanto, torna-se isto uma questão de mêdo o tomar objetos externos pela realidade, em vez de chegar à verificação de que a realidade reside dentro de nós próprios. A partir do momento em que objetiveis a realidade, tem de dar-se a criação necessàriamente de um "eu sou" maior, projetado como Deus.

Porém, na totalidade, na qual não existe nem objetivo nem subjetivo, não existe cousa que se pareça com "tu" e "eu".

Quando existir "tu" e "eu", há separação e daí ilusão de objeto e sujeito; e, por causa desta divisão, manifesta-se o mêdo e do mêdo dimana a busca do confôrto; a êsse santuário de confôrto dais nomes tais como o de Deus.

MORTE

A vida enche o mundo.

* * *

A vida não tem morte, nem o isolado vácuo das sombras do tempo.

* * *

A morte é nada mais que a consciência de vossa própria solidão, vacuidade e isolamento, e sòmente quando estiverdes por completo livres, é que não mais existirá morte; então, não há nem unidade nem separação.

* * *

Livre é o homem que vive no eterno, pois a vida é, porque é.

* * *

A vida é completa; não conhece separação; não brota da tristeza, da dor, do mêdo, dos opostos.

* * *

E' pelo conservar o eterno, dentro de vosso coração, que o presente se torna como perfume de uma rosa.

* * *

A morte não é nem um comêço nem um fim. A Verdade, a inteireza, é sempre existente, acha-se para além do tempo e, na sua realização, encontra-se a imortalidade.

* * *

Na morte há tristeza, há dor, há solidão aflitiva, há o desejo de estar junto do ser que se perdeu, o desejo de ter simpatia e amor.

E' esta uma das mais comuns experiências da vida. Todos a realizam. Em lugar de colhêr-se o significado dela, a plena lição que ela tem para vos dar, buscais o consôlo.

Buscais os guias para o plano astral, desejais estar ali juntos dos sêres amados. Tendes esperanças do seu renascimento.

Tudo isto não é mais que o adiamento de vossos esforços no sentido de libertar o eu-consciência.

A batalha para ajustar a solidão e o amor não se ganha por nos lançarmos para o além, para outros reinos, e sim pelo constante apercebimento de si próprio.

Assim, pois, uma experiência pode abrir-vos o integral significado da plenitude.

* * *

Penso que se teme a morte, porque existe o sentimento de não se ter vivido. Se sois um artista, podeis ter mêdo de que a morte vos leve antes que tenhais terminado o vosso trabalho; tendes mêdo, porque nada haveis realizado. Ou, se sois um homem da vida comum, sem capacidades especiais, tendes mêdo, porque tão pouco não realizastes cousa alguma. Dizeis: "Se eu fôr impedido de minha realização, que é que acontece? Como não en-

tendo esta confusão, esta labuta, esta incessante escolha e conflito, há ainda oportunidade para mim?" Tendes mêdo da morte, quando não vos preenchestes na ação, isto é, tendes mêdo da morte, quando não experimentais a vida total, completamente, com plenitude de vossa mente e coração. Por conseguinte, a questão não é saber por que temeis a morte, mas, antes, conhecer o que vos impede de experimentar a vida plenamente. Tudo deve morrer, tudo passa . Mas, se tendes a compreensão que vos habilita a experimentar a vida plenamente, então há vida eterna, imortalidade, sem comêço nem fim, e não há temor da morte.

Ainda, a questão não é como libertar a mente do temor da morte, mas como experimentar a vida plenamente, como experimentar a vida de modo que haja preenchimento.

Para experimentar a vida plenamente, precisa-se estar livre de todos os valores defensivos. Mas a nossa mente e o nosso coração estão sufocados com tais valores, que tornam a nossa ação incompleta, e daí o mêdo da morte. Para achardes os verdadeiros valores, para estardes livres dêsse constante temor da morte e do problema do além, tendes de conhecer a verdadeira função do indivíduo, tanto a particular como a coletiva. Que há além da morte? Há um além? Sabeis por que uma pessoa faz usualmente tais perguntas, por que deseja saber o que há do outro lado? Ela pergunta, porque não sabe como viver no presente; está mais morta do que viva. Diz: "Deixai-me descobrir o que sucede, após a morte", porque não tem a capacidade de entender êste eterno presente. Para mim o presente é a eternidade; a eternidade reside no presente, não no futuro. Mas, para a maioria das pessoas, a vida tem sido tôda uma série de experiências sem preenchimento, sem compreensão, sem sabedoria. Conseqüentemente, para elas, o além é mais sedutor do que o presente, e daí as inumeráveis perguntas relacionadas

com o que se acha no além. O homem que investiga o além, já está morto. Se viveis no eterno presente, o além não existe; então a vida não é dividida em passado, presente e futuro. Então há plenitude, e nela o êxtase da vida.

* * *

Estais contìnuamente encarando o presente, através do lastro do passado e, por isso, não compreendeis o presente. Há um processo contínuo de incompreensão, que cria a memória; e, portanto, existe o acúmulo, a acentuação desta memória e, conseqüentemente, o desejo de saberdes se voltareis a viver uma outra vida. Ao passo que, se tivésseis capacidade para experimentar tudo como se fôsse novo, com a mente não contaminada, não sobrecarregada com o instinto de posse provindo do passado ou com o pensamento no futuro, então verificaríeis que não existe cousa que seja a morte; verificaríeis que não existe mêdo. Então, a vida se tornaria um êxtase contínuo, não uma luta terrível, horrorosa; isto exige, porém, grande vigilância, apercebimento de pensamento, de mente e coração no presente.

* * *

Por que vos preocupais com o além? Porque o viver neste mundo perdeu o seu profundo significado; não há amor perdurável, há apenas conflito e tristeza.

Esperais, assim, por um outro mundo, o do além, no qual possais viver felizes e com plenitude. Não havendo tido uma oportunidade de preenchimento neste mundo, esperais em outra vida poderdes realizá-lo. Ou então, desejais encontrar novamente aquêles a quem, pela morte, haveis perdido, cousa que apenas é indício da vossa vacuidade. Se eu disser que existe a vida no além e outra pessoa vos disser que não existe escolhereis a hipótese que vos dá maior satisfação, e por êsse modo, tornar-vos-

eis escravos da autoridade. Portanto, o problema não se resume em saber se existe o além, o que importa é compreender, neste mundo, a plenitude da vida, que é eterna; desimpedir a ação e não criar limitação.

Para o homem que atingiu o preenchimento, que se não separa do movimento da realidade, não há morte.

Como há de o indivíduo viver, de modo que a ação seja preenchimento? Como pode o indivíduo enamorar-se da vida? Para enamorar-se da vida, para obter o preenchimento, é preciso ter a mente livre, mediante a compreensão profunda das limitações que a deturpam e frustram.

Tendes de vos tornar apercebidos, conscientes de todos os obstáculos localizados no fundo da mente.

Existe, dentro de cada um de nós, o inconsciente que, de contínuo, embaraça, perverte a inteligência. Êsse inconsciente torna a vida incompleta.

Necessitais drenar, por meio da ação, por meio do viver, por meio do sofrimento, tôdas essas cousas que em vós estão ocultas, escondidas.

Quando a mente não se preocupar com o mêdo, com o além, e estiver plenamente consciente, apercebida do presente, e do seu profundo significado, então existirá o movimento da realidade, da vida, que não é vossa nem minha.

* * *

Para aquêle que está constantemente se preenchendo, não há mêdo da morte. Se formos realmente completos em cada momento, em cada dia, então desconheceremos o temor do amanhã. Mas, as nossas mentes criam a falta de plenitude da ação, e assim, o temor do amanhã. Fomos adestrados pela religião, pela sociedade, na falta de plenitude, no adiamento, e isto serve-nos como fuga do mêdo, porque temos o amanhã para completar o que não podemos preencher hoje.

Mas, um momento, por favor. Gostaria que olhásseis êsse problema, sem o fundo de vossas tradições, modernas ou antigas, sem a vossa crença na reincarnação, porém muito simplesmente. Então, compreendereis a verdade, que vos libertará completamente do mêdo. Para mim, a idéia da reincarnação é simples adiamento. Muito embora possais acreditar profundamente na reincarnação, mesmo assim, tendes ainda mêdo e tristeza, quando morre alguém, ou mêdo da vossa própria morte. Podeis dizer: "Viverei do outro lado; serei muito mais feliz, e farei melhor trabalho ali do que posso fazer aqui". Mas as vossas palavras são apenas palavras. Elas não podem tranqüilizar o mêdo inquietante que está sempre no vosso coração. Assim, tratemos dêsse problema do mêdo, de preferência à questão da reincarnação.

Quando houverdes compreendido o que é mêdo, vereis a não importância da reincarnação. Então nem mesmo precisaremos de discuti-la. Não me pergunteis o que acontece, depois da morte, ao aleijado, ao que é cego nesta vida: se compreenderdes o ponto central, considerais então tais questões inteligentemente.

Temeis a morte, porque os vossos dias são incompletos, porque nunca existe preenchimento em vossas ações. Quando a vossa mente está prêsa a uma crença, crença no passado ou no futuro, não podeis compreender plenamente a experiência. Quando a vossa mente está prêsa ao preconceito, não pode haver entendimento completo da experiência na ação. Daí o dizerdes que deveis ter um amanhã, no qual completareis a ação e tendes mêdo de que êsse amanhã não venha. Mas se puderdes completar no presente a vossa ação, então o infinito está diante de vós. Que vos impede de viver integralmente? Por favor, não me pergunteis como completar a ação, pois é a maneira negativa de olhar a vida.

Se eu vos disser como, então tornareis a vossa ação meramente imitativa, e nisso não há plenitude. O que

tendes de fazer é descobrir o que vos impede de viver plena, infinitamente; e descobrireis que é esta ilusão de um fim, de uma certeza, a que a vossa mente está prêsa, esta ilusão de atingir um objetivo.

Se estiverdes constantemente aguardando o futuro, no qual esperais triunfar, lucrar, ter sucesso, conquistar, a vossa ação no presente tem de ser limitada, incompleta.

Quando estais agindo de acôrdo com as vossas crenças ou princípios, naturalmente vossa ação tem de ser limitada, incompleta. Quando a vossa ação está baseada na fé, tal ação não é preenchimento; é meramente o resultado da fé.

Dêsse modo, existem em vossa mente muitos impecilhos; há o instinto de posse cultivado pela sociedade, e o instinto de renúncia, também cultivado pela sociedade. Quando há conformidade e imitação, quando a mente está limitada pela autoridade, não pode existir preenchimento, e disso surge o mêdo da morte, e muitos outros temores que jazem ocultos no subconsciente.

* * *

Não há remédio nem substituição para o mêdo, exceto no entender a causa do próprio mêdo. A mente está, contìnuamente, limitada pelas recordações do passado, e essas lembranças embaraçam-lhe o preenchimento da ação no presente. Por isso não há plenitude da ação no presente, o que cria o temor da morte.

* * *

Quando a mente perde a sua limitação egoísta, dá-se, então, o movimento da vida, um perpétuo vir-a-ser, em que não existe a sombra da morte.

* * *

O tenebroso mêdo da morte arrebata a viva joia dos vossos olhos.

MOVIMENTO DA VIDA

A vida está a todo o momento em um estado de nascença, de surgir, de vir-a-ser.

* * *

O movimento da vida está a cada momento, surgindo, vindo à existência; portanto, num estado de ação, de fluxo perpétuo.

* * *

No viver sem esfôrço, espontâneamente, existe um êxtase que é verdadeira beleza, o qual é supremo discernimento dos valores retos. Nisto há eternidade, imortalidade, movimento incessante da vida, no qual não há identificação de si próprio, sob a forma do "eu".

* * *

Existe um movimento, um processo de vida sem fim, que pode ser chamado infinito.

Pela autoridade e imitação, nascida do mêdo, cria a mente para si própria múltiplas falsas reações, e, por meio delas, limita-se a si própria. Identificando-se com esta limitação, é incapaz de acompanhar o movimento rápido da vida. E porque a mente, compelida pelo temor, e em seu desejo de segurança e confôrto, busca um fim, um absoluto com o qual possa identificar-se, torna-se incapaz de acompanhar o incessante movimento da vida.

Enquanto a mente-coração não puder libertar-se dessas limitações em plena consciência, não pode ter lugar a compreensão dêsse contínuo processo de vir-a-ser. Portanto, não pergunteis o que é o infinito, porém descobri por vós mesmos as limitações que mantém a mente-coração em cativeiro, impedindo-a de viver nesse movimento da vida.

* * *

Para compreender a Verdade tem de haver observação silenciosa, e a descrição dela sòmente a torna confusa e limitada.

Para compreendermos o infinito processo da vida, temos de começar negativamente, sem afirmações nem postulados e daí construir o arcabouço do nosso pensamento-emoção, da nossa ação e conduta. Se isto não fôr profundamente compreendido, o que eu disser transformar-se-á em meras crenças e ideais mecânicos, criando novos absurdos baseados na fé e na autoridade. Regressaremos, assim, inconscientemente às primitivas atitudes e reações nascidas do mêdo, com seus múltiplos enganos, embora revestidas de palavras novas.

* * *

Viver simplesmente é a maior das artes. E' dificílimo, pois requer profunda inteligência e não apenas uma compreensão superficial da vida. Para viver inteligentemente e com simplicidade, o indivíduo deve estar livre de tôdas as restrições, resistências e limitações desenvolvidas por parte de cada um para sua própria proteção, e que impedem as suas verdadeiras relações com a sociedade. Por estar o indivíduo encerrado nessas restrições, nessas paredes de ignorância, não pode haver para êle verdadeira simplicidade. Para trazer à existência uma vida de inteligência e, portanto, de simplicidade, tem de efetuar-se a

derrocada dessas resistências e limitações. O processo de sua dissipação requer grande reflexão, atividade e esfôrço. O homem saturado de preconcitos e que é nacionalista, amarrado à autoridade das tradições e dos conceitos, em cujo coração existe o mêdo, por certo que não pode viver com simplicidade. O ambicioso, de idéias estreitas, que adora o êxito, não pode viver inteligentemente. Em semelhante pessoa não há possibilidade de uma espontaneidade profunda. A espontaneidade não é mera reação superficial; é preenchimento profundo, que é simplicidade inteligente de ação.

A maioria de nós tem paredes de resistência para proteger a si mesmo, contra o movimento da vida; de algumas delas somos conscientes, de outras não. Pensamos que nos é possível viver simplesmente pelo mero evitar ou negligenciar as que nos são desconhecidas; ou pensamos ainda poder viver plenamente adestrando as nossas mentes de acôrdo com certos padrões de vida. Não é simplicidade o viver isoladamente, apartado da sociedade, ou o possuir poucos bens ou o ajustar-se a determinados princípios. Isto é mera evasão à vida. A verdadeira simplicidade da inteligência, isto é, o ajustamento profundo ao movimento da vida, só advém quando, mediante o apercebimento compreensivo e correto esfôrço, começamos a desfazer as múltiplas camadas de resistência que protegem a si própria. Só então teremos a possibilidade de viver espontânea e inteligentemente.

* * *

Simplicidade de vida não é o oposto do possuir muitas cousas; não quero, em absoluto, dizer isto.

Quando a mente está liberta da idéia, da lembrança do desejo, haveis de verificar que a vossa vida se torna extraordinàriamente simples, vossas necessidades são muito poucas. Há então uma concepção completamente dife-

rente da necessidade. Não existe então nem o dar nem o partilhar, porém a perfeita simplicidade da flor, a qual está tão supremamente concentrada, que é inconsciente de si própria.

* * *

Quando vós, como indivíduos, começardes a vos libertar da doença do mêdo, não perguntareis a outrem se deveis ou não deixar vossa riqueza aos vossos filhos. Vossa ação, então, terá uma profunda e diferente significação. Vossa atitude então, em relação à família, às classes, ao trabalho, à riqueza ou à pobreza, sofrerá profunda mudança. Se não houver esta significativa mudança, que é produzida pela compreensão, e não pela compulsão, então os problemas artificiais só podem ser respondidos superficialmente, sem nenhuma conseqüência ou valor.

* * *

Tanto o pobre como o rico, desejam que as cousas permaneçam como estão; os pobres temem perder o pouco que possuem e os ricos perder tudo o que têm. Assim, é quando há o temor de perda, o mêdo de ficar na incerteza, que sobrevem o desejo de não interferir na ordem de cousas que Deus ou a natureza criou.

* * *

Para trazer à existência uma ordem humana feliz, tem de haver, dentro de cada um de vós, profunda e fundamental mudança. Onde existe contínua adaptação ao movimento da vida, da verdade, jamais há mêdo.

Todos vós necessitais sentir o veneno da coerção, da autoridade, da imitação. Todos deveis sentir, por meio do sofrimento, a imensa necessidade de uma completa e

radical mudança do pensamento e do desejo, que vos liberte da busca sutil das substituições. Então é que advirá o verdadeiro preenchimento do homem.

Não podeis realizar êsse movimento, essa formosura da vida, por meio de acúmulo, pelo crescimento, pela expansão do eu-consciência, mas buscai o entendimento da experiência no presente.

MORAL

A moral é instituição feita pelos homens.

* * *

A inteligência constitue a segurança da verdadeira moral, que tudo abrange e é isenta de mêdo.

* * *

Se tiverdes compreensão, fareis a cousa reta; se não compreenderdes, atuareis sem inteligência. Se desejais compreender, não vos deixeis amarrar pela moral.

* * *

Se percorrerdes o mundo, haveis de verificar como a moral é mutável.

* * *

A maioria dentre vós tem mêdo de perguntar, de duvidar, porque êste interrogar produzirá a ação definida, exigindo uma modificação definida em vossa vida diária. Assim, preferis discutir apenas intelectualmente o que é a verdadeira moral.

* * *

O progresso moral é como o caminhar à margem longa de um rio, quando o que quereis é passar para o outro lado. Do outro lado está a liberdade, que provém da compreensão. Uma pessoa moralizada vai sempre caminhando por um lado do rio, ponderando se há de ou não ousar atravessá-lo, pois teme a tradição. Há grande número de pessoas no mundo, que são moralizadas; entretanto não chegam a parte alguma.

* * *

A partir do momento em que compreendais a vida, a moral em si cessará de existir, pelo fato de vos encontrardes em meio da corrente da compreensão, que é a mais alta das formas de moral.

* * *

Para compreender o que é a verdadeira moral, necessitais primeiro, compreender o que a moral é presentemente. Se puderdes discernir como cresceu ela ao vosso redor e vos libertardes, a vós mesmos, de suas múltiplas astúcias e crueldade, então tereis a inteligência, cuja ação será verdadeiramente moral, pois não se baseará no mêdo. Se observardes desapaixonadamente as cousas, verificareis que a moral dos nossos dias está baseada num profundo egoismo, na busca da segurança, não sòmente neste mundo, mas, também no além.

Em virtude da aquisição, do desejo de possuir, estabelecestes certas leis, certas opiniões, a que chamais moralidade.

Se, voluntariamente, estiverdes livres da posse, da aquisição, cousa essa que exige profundo discernimento,

daí advirá a inteligência, que é a guarda da verdadeira moral.

* * *

A moral verdadeira não se baseia no mêdo e, portanto, está isenta de coerção. A moral existente, embora professando amor e sentimentos nobres, acha-se baseada na segurança egoísta e no desejo de aquisição.

Quereis que essa moral seja mantida? As igrejas são edificadas pelo vosso mêdo, pelo vosso desejo de continuação egoísta. A moral da religião e dos negócios nasce da profunda segurança egoísta, não sendo, portanto, moral. As igrejas e outras organizações não vos podem servir de auxílio, por se acharem baseadas na ignorância humana e no desejo de aquisição.

Como pode haver verdadeira moral, se os governos, por todo o mundo, como também as igrejas, conferem honrarias às pessoas que são a expressão suprema do espírito de aquisição?

Esta estrutura de moral, em seu todo, está apoiada por vós e, portanto, só pelo vosso próprio pensamento e ação é que podereis radicalmente alterá-la, fazendo vir à existência a verdadeira inteligência.

* * *

O homem é explorado pelo homem, em virtude da ilusão e da ignorância.

Depois de nos havermos rodeado de tantas limitações que impedem ao homem a felicidade, a bondade, o o amor, pensamos libertar-nos dos padrões de comportamento, substituindo por outras limitações.

Por meio do vosso desejo de aquisição, do vosso mêdo, apenas estais criando ilusões e, na rêde que as constituem prendeis também o vosso próximo.

* * *

A moralidade da vontade não é moral, porém a expressão do mêdo.

OPOSTOS

A verdade não existe nos opostos.

Os opostos são apenas o jôgo recíproco de relações.

* * *

Vosso incessante esfôrço para vos ajustardes entre os opostos é a causa do conflito, porém a libertação é a liberdade dos opostos.

A luta e a aflição vêm à existência quando o "eu", pela emoção, pelo pensamento, cria a divisão dos opostos. A plenitude existe em todos, pôsto que esteja colhida pelo vosso eu-consciência, por vós mesmos criado. Na liberdade do eu-consciência está a realização da plenitude. Enquanto o eu-consciência, isto é, o ego existir, tem de haver esfôrço e por conseguinte tristeza.

Quando estiverdes libertos dos opostos, dos extremos, a harmonia virá à existência. Isto é libertação. Isto é consumação da sabedoria; porém não podereis realizar isto, se houver um único pensamento do "meu" e do "teu", isto é, do "eu", que é separatividade.

Na realidade, na verdade, na vida não há nem separação nem unidade. A verdade é completa. Nela todos os opostos cessam de existir. A plenitude não tem aspectos, nem divisões, nem opostos. E' a essa plenitude que eu denomino perfeição e que existe a todos os instantes em tôdas as cousas, em todo o ser humano. Porém, em virtude de seu eu-consciência, o homem cria divisões entre a realidade e si próprio.

O "eu" pertence ao tempo, está sempre buscando orientação, pelos opostos, adquirindo qualidades, criando separatividades, conflitos, esforços.

* * *

Estais aprisionados ao conflito, e porque não podeis compreender êsse conflito, desejais o oposto; repouso, paz, que é um conceito intelectual. Nesse desejo criastes uma máquina intelectual e essa máquina intelectual é a religião. Ela está inteiramente divorciada de vossos sentimentos, de vossa vida diária e é, por isso, simplesmente uma cousa artificial. Essa máquina intelectual pode ser também a sociedade, criada intelectualmente, uma máquina da qual vos tornastes escravos, e pela qual sereis desapiedadamente esmagados. Criastes essas máquinas, porque estais em conflito, porque através do mêdo e da ansiedade, sois arrastados para o oposto naquele conflito, porque estais buscando repouso, satisfação.

O desejo do oposto cria o mêdo e dêsse mêdo surge a imitação.

Assim, inventais conceitos intelectuais, tais como as religiões, com suas crenças e padrões, a sua autoridade e disciplina, os seus salvadores e mestres, para conduzir-vos ao que desejais, que é o confôrto, a segurança, a satisfação, a fuga dêsse constante conflito.

* * *

Se fôrdes timoratos, buscais coragem, porém o mêdo vos perseguirá ainda, pois que sòmente estareis escapando de um oposto para o outro. Ao passo que, se vos libertardes da causa do temor, que é o desejo, então não conhecereis, quer a coragem, quer o temor, e a maneira de operar isto, é tornar-se acautelado, vigilante, e não buscar alcançar coragem, porém libertar-se dos motivos na ação.

* * *

Êste processo, de desenvolver a coragem é realmente, uma evasão ao mêdo; se, porém, discernirdes a causa do mêdo, êste naturalmente, cessará. Por que não sois capazes de discernir diretamente? — Porque, se houver percepção direta, tem de haver ação e, para evitar a ação, desenvolveis o oposto, estabelecendo-se assim uma série de fugas sutis.

PENSAMENTO CRIADOR

O pensamento criador é o infinito movimento do pensamento, da emoção e da ação. Isto é, quando o pensamento, que é emoção, que é a própria ação, está desembaraçado em seu movimento, quando não é compelido, influenciado ou amarrado por uma idéia, e não provém do campo originário da tradição ou hábito, êsse movimento, então, é criador. Enquanto o pensamento estiver circunscrito, seguro por uma idéia fixa, ou meramente se ajustar a um fundo ou condição e, portanto, tornando-se limitado, um tal pensamente não é criador. A pergunta que tôda a pessoa sensata faz a si própria é a de como despertar êsse pensar criador; pois que, quando existe êsse pensar criador, o qual é movimento infinito, então não pode mais haver idéia de limitação, de conflito.

Êste movimento de pensar criador não busca em sua expressão um resultado, uma consecução; seus resultados e expressões não são a sua culminância. Não possue êle culminância ou meta, pois que está eternamente em movimento. A maioria das mentes estão buscando uma culminância, uma meta, uma consecução, e modelam-se segundo a idéia do êxito, e um tal pensamento, um cogitar dêsses, está de contínuo limitando-se a si próprio. Ao passo que, se não houver idéia de consecução, porém, sim, sòmente o contínuo movimento do pensamento, como entendimento, como inteligência, então êsse movimento de pensamento é criador. Isto é, o pensar criador cessa, quando a mente está estropiada pelo ajustamento oriundo da in-

fluência, ou quando funciona com um fundo de tradição que não houver compreendido ou a partir de um ponto fixo como se fôsse um animal amarrado a um poste.

Enquanto esta limitação e ajustamento existirem, não pode existir pensar criador, inteligência, a única que é liberdade.

* * *

O pensamento é afeto, porém vós haveis sobrecarregado tanto a mente com distinções criadas pelo desejo, que não existe essa harmonia viva, na qual viver é amar. Êste êxtase é a própria essência do pensamento e do amor. A mente perde a sua distinção como criadora ou refletora da idéia. Não mais é estimulada do exterior e não mais é escrava de uma idéia. Dêsse modo, a mente cessa de estar apercebida de sua própria particularidade e existe então uma viva tranqüilidade, a concentração da vida.

* * *

A liberdade é a plena concentração da vida, não uma concentração de idéia, porém, uma concentração de energia com a qual cessa toda a desintegração produzida pelo eu-consciência.

* * *

Libertar a mente das limitações é tarefa árdua. Experimentai convosco mesmo e vereis quão difícil é ter o pensamento integral, não condicionado pela memória provocadora, com sua autoridade e disciplina. E, no entanto, com êste pensamento integral é que poderemos compreender o significado da vida.

Por favor, vêde a importância que tem a mente plástica, mente que conhece os emaranhados do mêdo, com

suas ilusões, e delas está inteiramente liberta; mente não controlada pelas influências ambientes. Antes que possamos compreender o pleno significado da vida, seus processos vitais, é necessário que o pensamento não seja condicionado pelo mêdo; e para despertar êste pensamento criador, precisamos de tornar-nos conscientes dos complexos, do atual.

* * *

Pelo simples processo do sofrimento podeis despertar o pensamento; pelo processo da experiência contínua. Porém, vêdes, nos tornamos por tal modo abrigo, por detrás dos falsos valores, que cessamos em absoluto de pensar e então perguntamos: "que faremos? Como havemos de despertar o pensamento?" Temos cultivado os temores, os quais se tornaram glorificados como se fôssem virtudes e ideais, por detrás dos quais a mente busca abrigo e tôda a ação procede dêsse abrigo, dêsse molde. Por isso, não há pensar.

Tendes convenções, e o ajustar-se a si mesmo a essas convenções chama-se pensamento e ação, cousa que, em absoluto, não é pensamento nem ação, porque nasce do mêdo e, por conseguinte, estropia a mente.

Como podeis despertar o pensamento? Os incidentes ou a morte de alguém a quem amais, ou ainda uma catástrofe, uma depressão que vos force a entrar em conflito. Os fatos, as condições externas forçam-vos a agir e nessa compulsão não pode realizar-se o despertar do pensamento, porque estais agindo em virtude do mêdo. E, se começardes a ver que não podeis esperar pelos fatos que vos forcem a agir, então começais a observar as próprias circunstâncias, então começais a penetrar e a compreender as circunstâncias, o ambiente. Não esperais pela depressão, para que ela vos faça virtuosa, porém liberais a vossa mente do desejo de posse, da compulsão.

O sistema aquisitivo acha-se baseado na idéia de que podeis possuir e de que é legal o possuir.

A posse vos glorifica. Quanto mais possuis, melhor, mais nobre, vos consideram. Haveis criado êste sistema, e haveis vos tornado escravos dêle. Podeis criar uma outra sociedade, não baseada no espírito aquisitivo e essa sociedade pode-vos compelir como indivíduos a vos conformardes às suas convenções, exatamente como está sociedade vos compele a vos conformardes ao seu espírito de aquisição. Qual a diferença? Nenhuma, Vós, como indivíduos, estais simplesmente sendo forçados pelas circunstâncias ou pela lei a agir em uma particular direção e portanto não há, em absoluto, pensar criador, ao passo que, se a inteligência estivesse começando a funcionar, não seríeis escravos de qualquer das sociedades, tanto a aquisitiva como a não aquisitiva. Porém, para se libertar a mente, tem de haver grande intensidade; tem de existir êsse estado de alerta, de observação, que cria, êle próprio, o conflito. Êsse estado de alerta, produz, êle próprio, um distúrbio, e onde houver uma crise dessas, essa intensidade de conflito, a mente, se não estiver evadindo-se, começa a pensar outra vez, a pensar criadoramente e êsse próprio pensar é eternidade.

RENÚNCIA

A renúncia é cousa que não existe.

* * *

A idéia de sacrifício, de renúncia, de abnegação própria, é falsa.

* * *

Para o homem que fixou, como objetivo da existência, o desenvolvimento, a plena realização da vida e a conservação da verdade e da felicidade, não pode existir isso que se chama renúncia. Haverá renúncia no fato de a roseira florescer em rosa? A roseira produz a rosa, porque não pode ser de outro modo. E' da sua natureza produzir beleza e fragrância.

Muitas pessoas se apegam às suas pequenas vantagens e intuitos, aos seus pequenos incentivos e pequenas esperanças; mas, ao procurar a verdade, têm de abandonar estas limitações que elas próprias criaram à sua vida. Para estas pessoas é que há e tem de haver renúncia.

* * *

Não existe renúncia para a mente que compreende, para o coração que está cheio. Para a mente capaz de entendimento, pelo fato de haver se tornado tôda a experiência e para o coração que está cheio, por estar enamorado da vida, não mais há renúncia. Nem tão pouco existe renúncia para o homem que se torna a visão da eter-

nidade, porque essa luz guiadora o capacita a discernir entre o que é essencial e o que não é essencial.

* * *

Não existe verdadeira renúncia enquanto não houver compreensão; e para compreender verdadeiramente, a mente necessita estar liberta de todo desejo de aquisição. Quando vos apercebeis de um embaraço como tal, estais capacitado a encará-lo abertamente, francamente, sem temor; porém só vos podeis tornar apercebidos, quando sentirdes, tanto com a vossa mente como com o vosso coração, que existe um embaraço.

* * *

Na renúncia, à mera concepção intelectual só pode trazer luta, fadiga e incerteza. Haverá luta, conflito, fadiga e tristeza, enquanto acolherdes em vossa mente as ilusões nascidas dos falsos valores; e só podeis discernir os verdadeiras valores, quando a mente se tornar vigilante por meio do desapêgo de tôdas as idéias, preconceitos e conformidades.

* * *

Não há o que se denomina renúncia. Quando compreendeis os reais valores da vida, a idéia da renúncia não tem significado. Enquanto não compreendeis, então há mêdo e vem a esperança de vos libertardes dêle, por meio da renúncia.

A iluminação não provém da renúncia.

* * *

Iluminação é o interêsse consumado no que é essencial. Para o homem que tem mêdo da dúvida, a renúncia existe.

RIQUEZA INTERNA

Através da inteligente vigilância, perde-se a distinção entre pensamento e amor. Estais acostumados a tomar o pensamento e o amor como cousas separadas, havendo assim um caminho intelectual e um caminho emocional, uma ação intelectual e outra emocional.

Ao passo que, quando perdeis tôda a distinção, o pensamento torna-se completo no apercebimento emocional e tôda a emoção é sábia e rica em apercebimento intelectual. E' esta a verdadeira harmonia da mente e coração. E' esta a verdadeira ternura, a plasticidade da gentileza e, aí, a brutalidade do pretenso egoísmo terá cessado.

* * *

O cativeiro do mêdo existe, enquanto permanece a limitação de consciência que chamais o "eu". Quando vos tornardes rico em vós mesmos, já não sentireis desejo. E' nesta contínua batalha de desejo, nesta busca de vantagens provindas das circunstâncias, que o temor e a obscuridade existem. Pensais que estais livres disto.

Como podeis sabê-lo? Não o podeis. Eu vos podia estar iludindo. Entretanto, não vos incomodeis com isso. Mas tenho algo que dizer: Pode-se viver sem esfôrço, de um modo que não é possível atingir pelo esfôrço; pode-se viver sem esta incessante luta pela consecução espiritual; pode-se viver harmoniosamente, completamente na ação — não em teoria, mas na vida diária, no contacto diário com os sêres humanos. Digo que há um modo de libertar a

mente de todo o sofrimento, um modo de viver completa, integral, eternamente.

Mas, para isto, precisa-se de estar completamente aberto à vida; precisa-se de não deixar subsistir nenhum abrigo ou refúgio, em que a mente possa permanecer, para o qual o coração possa retirar-se em ocasiões de conflito.

* * *

"Não se pode ter a liberdade interna, deixando os laços externamente intactos?" Sim, mas nesse caminho reside a dissimulação, a própria decepção, a astúcia e a hipocrisia, a menos que sejais supremamente inteligentes e estejais constantemente apercebidos. Podeis dizer: "Pratico tôdas estas cerimônias, pertenço a várias sociedades, porque não desejo quebrar minha ligação com elas. Sigo salvadores e mestres, o que sei ser absurdo, mas desejo estar em paz com a minha família, viver harmoniosamente com o meu vizinho e não trazer a discórdia a um mundo já confuso". Mas temos vivido há tanto tempo nessas dissimulações, nossas mentes tornaram-se tão astutas, tão sutilmente hipócritas, que agora não podemos descobrir ou compreender a verdade, a menos que quebremos êsses laços. Entorpecemos, de tal maneira, as nossas mentes e os nossos corações que, a não ser que partamos as cadeias que nos prendem, criando assim um conflito, não podemos descobrir se estamos verdadeiramente livres ou não. Todavia, um homem de verdadeiro entendimento — e existem muito poucos — descobrirá por si próprio. Então, não haverá laços que êle deseje conservar ou quebrar. A sociedade desprezá-lo-á, os seus amigos deixá-lo-ão, os seus parentes não quererão saber dêle; todos os elementos negativos afastar-se-ão; êle não terá de afastar-se dêles.

Mas essa atitude significa sábia e rica percepção; significa preenchimento na ação, não adiamento. E o homem adiará, enquanto a mente e o coração estiverem aprisionados pelo mêdo.

SEGURANÇA INDIVIDUAL

O indivíduo é o foco do universo.

* * *

No indivíduo consistem o comêço e o fim. Nele reside a totalidade de tôda a experiência, de todo o pensamento, de tôda a emoção. Nele está tôda a potencialidade.

* * *

O propósito último da existência individual é realizar o ser puro, em que não há separação, que é a realização do todo. O preenchimento do destino do homem é ser a totalidade. Não se trata de vos perderdes no absoluto, mas de, pelo desenvolvimento, pelo esfôrço contínuo, pelo ajustamento vos tornardes a totalidade.

* * *

A individualidade, porém, é imperfeição, não constitue um fim em si mesma.

Evolução no sentido de extensão da própria individualidade, através do tempo, é uma ilusão.

O que é imperfeito, o que é individualidade, ainda que multiplicado e aumentado, permanecerá sempre imperfeito.

* * *

Consciência, para mim, é eu-consciência, é individualidade, em a qual existe ainda egoísmo, por mínima que seja a proporção.

* * *

A individualidade é apenas um fragmento da totalidade, e é por que ela se sente apenas uma parte que está sempre procurando preencher-se, realizar-se na totalidade.

* * *

A individualidade é intensificada mediante o conflito da ignorância e pela limitação do pensamento e da emoção.

* * *

Por meio da experiência a ignorância se dissipa, sendo a ignorância a mescla do essencial e do não essencial. Dêste último nasce a ilusão. Para descobrir o que é essencial, importa considerar o desejo. O desejo procura contìnuamente libertar-se da ilusão. Assim, o desejo atravessa várias fases da experiência em busca dêste equilíbrio, podendo transformar-se numa gaiola ou numa porta aberta, em um cárcere ou em um caminho franco para a libertação.

* * *

Existe a vida e existe a ilusão do eu-consciência. Quando houverdes atravessado a ilusão então achareis o modo de viver esta vida.

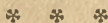
Nesse viver não mais existe esfôrço contínuo, intuito de progresso.

* * *

E' a ânsia pelo poder, pela segurança, pelo consôlo, que é o desejo de conformar-se, que cria o conflito nascido da ilusão.

Haverá anseio, enquanto a mente e o coração estiverem cativos pela limitação dos falsos valores, que surge do apêgo e do conflito dos opostos.

Onde houver esfôrço ocasionado pela ânsia, tem de haver ilusão; porém, com a cessação da ânsia, vem o discernimento dos verdadeiros valores e, portanto, o reto viver.

* * *

Para verdadeiramente vos libertardes do mêdo, necessitais perder todo o sentimento de egoísmo; e é isto cousa mui difícil de executar. O egoísmo é tão sutil, expressa-se por tantas formas, que quase dêle somos inconscientes.

Expressa-se pela busca de segurança, seja neste mundo ou em outro, que é denominado o além. Êle anseia por estar seguro, agora e de futuro, e, por essa forma, embaraça a inteligência e a plenitude.

Enquanto existir êsse desejo de segurança, tem de haver mêdo.

A mente que busca a imortalidade da sua própria consciência limitada tem de criar o mêdo, a ignorância e a ilusão. Se a mente puder libertar-se do desejo de segurança, então o mêdo cessa; e para se descobrir se a mente procura a segurança, tem ela de tornar-se apercebida, plenamente consciente.

Cada indivíduo, seja rude ou sutilmente, está, de contínuo, buscando a segurança. Onde há busca objetiva de segurança, tem de haver mêdo. Em virtude do mêdo, é que o indivíduo desenvolveu, objetivamente, uma espécie de sistema; e foi também por mêdo, que, subjetivamente,

se submeteu a outrem. Compreendamos portanto, a significação dêsses sistemas por êles criados.

* * *

Para haver verdadeira plenitude, não pode coexistir o sentimento de posse ou, de aquisição, nem os valores morais baseados na segurança defensiva e egoísta, nem ainda as religiões com suas promessas de imortalidade, as quais nada mais são do que uma forma diferente de egoísmo e de temor.

* * *

Não estou pregando mera teoria. Falo com plenitude de entendimento. O não pertencer a religião alguma, certamente que não indica que se esteja livre do mêdo. O mêdo é tão sutil, tão lépido, tão astuto, que se esconde em muitos lugares e, para seguir o rasto do temor, ao longo da trilha que conduz ao seu retiro tem de haver intenso e ardente interesse em descobrir o mêdo, o que significa que deveis estar dispostos a abrir mão, por completo, de todo o interêsse pessoal.

Vós, porém, quereis estar seguros; aqui e no além.

Portanto, desejando a segurança, cultivais o temor; e estando amedrontados, tentais fugir, por meio da ilusão da religião, dos ideais, da sensação e da atividade.

Enquanto houver o mêdo, que nasce dos desejos para se protegerem a si mesmos, a mente estará colhida na rêde de suas múltiplas ilusões. O homem que realmente tem interesse em descobrir a raiz do mêdo para dêsse modo, dêle se libertar, tem de tornar-se apercebido do motivo e do propósito da sua ação.

Êste apercebimento se fôr intenso, destruirá a causa do mêdo.

* * *

O homem que tem algo a guardar, algo a proteger, está sempre em temor e, por isso, atua por forma extremamente cruel e irrefletida; porém o homem que realmente nada tem a perder por nada haver acumulado, êsse não tem mêdo; vive completamente, em verdadeira plenitude.

* * *

"O temor é condicionante?" O temor não pode existir por si mesmo, mas sòmente em relação com alguma cousa. Ora, quando dizeis que estais consciente do mêdo é êle causado por algo exterior a vós ou está dentro de vós? Teme-se um acidente, ou o próximo, ou alguma relação imediata ou alguma reação psicológica e assim por diante.

Em certos casos, são as cousas externas da vida que nos fazem ter mêdo, e, se delas nos libertarmos, julgamos que não teremos mais mêdo. Podeis livrar-vos do vosso próximo. Podeis ser capazes de fugir de um próximo particular; mas, onde quer que estejais, estareis sempre em relação com alguém.

Podeis criar uma ilusão em que vos abrigueis ou construir um muro entre o vosso próximo e vós e, assim, vos proteger. Podeis separar-vos, por meio da divisão social, das virtudes, das crenças, das aquisições, e, dêsse modo, livrar-vos do vosso próximo. Mas, isso não é libertação.

Há ainda o mêdo das doenças contagiosas, dos acidentes, etc., contra os quais se tomam precauções naturais, sem exagerá-las indevidamente.

A vontade de sobreviver, a vontade de estar satisfeito, a vontade de continuar — esta é a verdadeira causa raiz do mêdo.

Sabeis ser isso assim? Se sabeis, então que quereis dizer por "saber?"

Sabeis isto apenas intelectualmente, como imagem verbal, ou disso estais apercebido integral, emocionalmente?

Conheceis o mêdo como reação, quando a vossa resistência está enfraquecida; quando os vossos muros protegidos por si próprios são derrubados, então ficais conscientes do mêdo, e a vossa reação imediata é consertar novamente êsses muros, fortalecê-los, a fim de permanecerdes seguros.

* * *

Qual a diferença entre o selvagem e o homem civilizado? O selvagem — e uso a expressão em seu sentido literal — pinta o seu corpo, orna-se de penas e contas e usa outros métodos molestos para se adornar externamente. O homem aparentemente civilizado, tem as complicações da beleza interior; tem suas penas mentais e, suas pinturas emocionais; suas inúmeras contas doutrinais. O homem civilizado do mundo, poderá não adornar o seu corpo à maneira bárbara do selvagem; contudo, selvagens são muitas vêzes sua mente e suas emoções. Internamente, pouco difere do selvagem, sòmente não o mostra exteriormente. Mas o homem verdadeiramente civilizado está para além de todos os adornos, para além de tôdas as complicações, e, para sua beleza, não depende das cousas externas, porque alcançou a simplicidade da vida.

* * *

Por homem civilizado não entendo o homem que haja dominado o maquinismo da vida moderna.

A civilização é o resultado dessa cultura que constitue a expressão destrutiva da percepção individual da verdade.

Um homem civilizado, antes do mais, nada deve pedir para si mesmo, seja de quem fôr e nada deve querer para si mesmo. Êste é o primeiro requisito de acôrdo com o meu ponto de vista, para um homem civilizado, um homem culto. Se, portanto, nada deve pedir de outrem, isto significa que êle é um padrão para si próprio, uma lâmpada para si mesmo e, portanto, não lançará sombras no caminho de outrem.

Não se acha limitado pelo mêdo, ou pela autoridade externa, pelo temor de um deus desconhecido, por superstição, por tradições, pois, desde o momento em que o homem confie em outrem, a sua percepção da verdade diminuirá.

Portanto, êle deve ser guiado pela intuição, que é o ápice da inteligência — por inteligência entendo a ação completa no presente, a essência de tôda a experiência e desta vem a intuição. E, se quiserdes despertar essa intuição que, necessariamente, deve ser o único guia, a influência única, deveis conservar vossa inteligência entusiàsticamente desperta. Daí, um homem civilizado, um homem culto deve ser tolerante, deve ser capaz de discutir qualquer assunto imparcialmente, sem preconceitos, deve ser despido de peias, capaz de exame crítico de algo novo, antes de rejeitá-lo ou aceitá-lo. A maioria das pessoas no mundo são dominadas pelo mêdo, mêdo do desconhecido, mêdo da superstição, mêdo do preconceito, mêdo dos desejos, mêdo dos deuses, mêdo das crenças, dos sistemas, das filosofias. Um homem civilizado ou culto não deve ter mêdo, pois eu sustento que o homem verdadeiramente culto, no sentido próprio do têrmo, que estou usando, é a forma mais elevada da conquista de si mesmo. Tal homem verdadeiramente conseguiu; tal homem, na verdade, recebeu em seu coração as águas da vida. E assim como as águas vagueiam, assim vagueia êle no mundo, nada desejando, nada temendo, nada querendo para si

mesmo. E só se pode chegar a isto, se se tiver a meta como árbitro final, como final autoridade.

Tal homem é simples, é puro. E' lúcido e calmo como a montanha pela manhã, pois chegou ao ponto onde está absolutamente livre de tôda a experiência, por ter passado através de tôdas elas. Tal homem preencheu a sua vida, pois deixou a vida pintar o quadro que deseja: nem êle, pela estreiteza, pelas suas limitações, deturpou e corrompeu a vida.

* * *

Se considerardes vossos pensamentos e os atos dêles originados, verificareis, que, onde existir o desejo de fuga, deverá coexistir a busca de segurança; porque encontrais conflito na vida com tôdas as suas ações, suas afeições, seus pensamentos; dêle desejais escapar para uma segurança satisfatória, uma permanência. Assim, tôda a vossa ação se acha baseada nesse desejo de segurança. Mas realmente, não há segurança na vida — nem física, nem intelectual; nem emocional, nem espiritual.

Se vos sentirdes seguros, jamais podereis encontrar essa realidade vivente.

* * *

Na vitalidade da insegurança reside o eterno.

SOFRIMENTO

Não é o sofrimento meramente um choque aplicado à mente para despertá-la de sua própria insuficiência? O reconhecimento dessa insuficiência cria aquilo que chamamos tristeza. Suponde que haveis estado, confiando em vosso filho ou vosso esposo ou espôsa para satisfazer esta insuficiência; desta falta de plenitude, por motivo da perda dessa pessoa a quem amáveis, é criada a plena consciência dessa vacuidade, dêsse vazio; e dessa vacuidade advém tristeza e dizeis; "eu perdi alguém".

Assim, em virtude da morte, dá-se em primeiro lugar, a plena consciência da vacuidade que haveis estado cuidadosamente evitando. Daí, onde houver dependência, sentimento de vazio, de insuficiência, há portanto, tristeza e dor. Nós não queremos reconhecer isto; não vemos que é esta a causa fundamental de tudo isto. E assim, começamos a dizer: "perdi, o meu amigo, meu esposo, minha espôsa, meu filho. Como sobrepujar esta perda? Como hei de vencer a tristeza?"

Todo êste vencer e sobrepujar não é mais que substituição. Nele não há entendimento e, portanto, só pode haver mais sofrimento, embora momentaneamente encontreis uma substituição, que vos faça a mente imergir num sono completo. Se não buscardes sobrepujar, vencer, então voltais-vos para as sessões espíritas, para os mediuns ou tomais abrigo na prova científica de que a vida continua após a morte.

Assim, começais a descobrir vários modos de evasão e de substituição, que momentâneamente vos aliviam do sofrimento. Ao passo que se tivesse lugar — a cessação dêsse desejo de vencer e se realmente existisse o interesse em compreender, de averiguar, fundamentalmente, o que causa dor e tristeza, então descobririeis que, enquanto houver solidão, sensação de vacuidade, de insuficiência, que, em sua expressão externa, representam dependência, tem de haver dor. E não vos é possível preencher esta insuficiência pelo domínio dos obstáculos, por meio de substituições, fugindo ou acumulando, que nada mais é que esperteza da mente engolfada na prossecução do lucro.

O sofrimento é apenas essa alta, intensa claridade do pensamento e emoção, que vos força a reconhecer as cousas tais quais são. Isto, porém, não implica aceitação, resignação.

Quando vêdes as cousas tais quais são no espelho da verdade, que é inteligência, há alegria, há êxtase; nisso não há dualidade, nem sentimento de perda, nem divisão.

Eu vos afirmo que isto não é teoria. Se refletirdes sôbre o que vos estou agora dizendo, haveis de ver como a memória cria uma dependência, cada vez maior, o contínuo retrocesso a um acontecimento emocional, para dêle extrair uma reação, a qual impede a plena expressão da inteligência no presente.

* * *

Precisamos compreender as causas fundamentais da luta e do sofrimento e, então, a nossa ação, inevitàvelmente, trará uma completa mudança. Todo o nosso interêsse deveria orientar-se, não no sentido de resolver qualquer problema particular, não em direção a qualquer fim determinado ou definido objetivo, porém na direção do entendimento da vida como um todo, integro. Para fazer isto, as limitações que foram opostas à mente e que estropiam

o pensamento e ação têm de ser discernidas e dissipadas. Se o pensamento estiver, realmente, livre dos inúmeros impecilhos que lhe impusemos em nossa busca de segurança, então, defrontaremos a vida como um todo e nisto se encontra grande felicidade. A mente cria a autoridade, e torna-se sua escrava, e daí a ação constantemente impedida, mutilada, sendo isso a causa do sofrimento. Se observardes o vosso pensamento, vereis como está êle cativo entre o passado e o presente. O pensamento está contìnuamente bitolando-se, guiando-se pelo passado e ajustando-se ao futuro; a ação torna-se assim incompleta no presente, o que cria em nossas mentes a idéia do não preenchimento, de onde surge o temor da morte, a cogitação do além e as muitas limitações nascidas do ser incompleto.

* * *

Há muitas espécies de sofrimento, e se começardes a discernir a sua causa, percebereis que o sofrimento deve coexistir com a exigência, por parte de cada indivíduo, de se sentir seguro, seja financeira, seja espiritualmente, ou ainda nas relações humanas. Onde houver busca de segurança grosseira, ou sutil que seja, tem de haver mêdo, exploração e tristeza.

* * *

Como a maioria dentre nós está sendo adestrada, ou ou já o foi, para se torcer e adaptar a um molde particular, não podemos ver a formidável importância que há em considerar os múltiplos problemas humanos como um todo, sem dividi-los em várias categorias. E dado o fato de havermos sido adestrados e torcidos, temos de nos libertar do molde imposto e reconsiderar, agir de novo, a fim de compreendermos a vida em conjunto. Isto exige

que cada indivíduo, por meio do sofrimento, se liberte do mêdo.

Pôsto que haja múltiplas formas de mêdo, o mêdo social, o econômico e o religioso, no entanto só há uma causa para êle, que é a busca da segurança. Quando, individualmente, destruirmos as paredes e as fórmulas que a mente criou para proteger a si mesma, por êsse modo engendrando o mêdo, então manifestar-se-á a verdadeira inteligência, que trará ordem e felicidade a êste mundo de cáos e sofrimento.

Aquilo que sois forçados a fazer, por meio do sofrimento, pode ser feito naturalmente, graciosamente.

SOLIDÃO

Por que não ousais fazer face à vossa solidão? Não ousais tornar-vos inteligentes e, por êsse meio, destruir a pobreza da vacuidade.

* * *

Quando estamos isolados, que é que fazemos? Tentamos escapar à solidão por meio da companhia, por meio do trabalho, dos divertimentos, da adoração, da prece, por meio de tôdas essas hábeis, bem conhecidas, e firmadas evasivas. Por que é que fazemos isto? Pensamos poder assim disfarçar o isolamento, por meio dessas evasões, mediante êsses alívios. Ser-nos-á possível disfarçar uma cousa que é visceralmente molesta? Momentâneamente, podê-lo-emos, porém o isolamento continuará, de futuro. Portanto, onde houver evasão, tem de haver continuidade de isolamento. Para o isolamento não há substituições. Se pudermos compreender isto com todo o nosso ser, completamente; se pudermos compreender que não há possibilidade de escapar à solidão, ao mêdo, que é que então acontece?

A maioria de entre vós não poderá responder, porque jamais tem experimentado o problema de um modo completo. Não sabeis o que acontecerá, quando houverdes, por completo destruído tôdas as vias de evasão e não houver a mínima possibilidade de fuga.

Eu vos sugiro que façais essa experiência. Quando estiverdes isolados, tornai-vos plenamente apercebidos e verificareis que a vossa mente quer fugir, quer escapar à

solidão. Quasdo a mente estiver apercebida de que está fugindo e, ao mesmo tempo, perceber o absurdo da evasiva, nessa mesma compreensão a solidão, na verdade, desaparece.

Quando vos defrontardes com um problema e não houver possbilidade de uma saída, então o problema cessará, cousa que não significa a aceitação dêle. Ora, vós buscais um remédio para a solidão, uma substituição e, portanto, o problema não se relaciona com o isolamento, porém sim com o saber qual o remédio para o isolamento, qual o melhor meio de a êle escapar ou de disfarçá-lo. Quando, porém, a mente não mais busca uma fuga, então o isolamento ou o mêdo terão um significado muitíssimo diferente .

Não podeis, no entanto, aceitar minha palavra neste sentido. Tudo o que podeis fazer é dizer que não sabeis. Não sabeis se o isolamento e o temor irão desaparecer; porém, experimentando, compreendereis o pleno significado da solidão . Se meramente buscarmos remédio para a solidão ou para o mêdo, tornar-nos-emos mui superficiais, não é assim? Para o homem que tem tudo de que precisa, como para o homem que de tudo necessita, para ambos êles a vida se torna muito vazia. Na mera busca de remédios, torna-se a vida sem significado, ôca; ao passo que, se realmente experimentardes o problema ardente e não houver maneira possível de fugir, então verificareis que êsse problema executa para vós uma cousa miraculosa.

Não mais será um simples problema, tornar-se-á intensamente vital o examiná-lo, o vivê-lo, o compreendê-lo.

* * *

Só existe um movimento da verdade: é quando a mente não mais está colhida pelo mêdo, com tôdas as suas ilusões; quando não mais busca orientação, nem ser guiada. A solidão não é exclusividade; ela vem à existência, quando há o discernimento do que é falso.

TRISTEZA

A tristeza é ocasionada pela ignorância nascida da ilusão, do egoismo, do eu-consciência.

Por vos libertardes da ignorância, não evitais a tristeza, porém destruis a própria fonte da desgraça e do conflito. Esta fonte é a idéia da consciência separada.

* * *

A causa fundamental da tristeza é a ação — a ação é pensamento e emoção — que brota da consciência do "eu". Se as obras, pensamentos e sentimentos nasceram do egoismo, do "eu", então, por grandes, por generosas ou nobres que sejam, prendem sempre e, nessa limitação, nesse cativeiro, haverá tristeza. A ação torna-se cativeiro, quando um indivíduo é propelido a ela pela cobiça, pelos desejos egoístas, pelo ódio, pela desafeição, pela crueldade, pela inveja, pelas condições de tôda a espécie. E' essencial o compreender isto. Vosso incessante esfôrço para vos ajustardes entre os opostos é a causa do conflito, porém, a libertação é a liberdade dos opostos.

* * *

Convidai a tristeza, com abundância de coração e não a deixeis de parte, pois a tristeza proporciona o perfume da compreensão, é criadora do afeto e vos dá uma imensa simpatia para com a vida.

* * *

O amor é sua própria eternidade e, enquanto o seu objeto existir, há tristeza da solidão.

* * *

Estar isento do mêdo é conhecer a tristeza.

* * *

O mêdo, não só amortece a tristeza, como também deturpa a alegria.

* * *

Se existe falta de sensibilidade para a feialdade, para a tristeza, deverá existir também uma profunda insensibilidade para a beleza, para a alegria. A resistência contra a tristeza é também uma barreira para a alegria.

O êxtase é êste estado de ser em que a mente e o coração se encontram em completa união, quando o mêdo não os separa, quando a mente não está restringindo.

* * *

A alegria é espontânea, não procurada, nem convidada, e quando a mente analisa, para cultivá-la ou recapturá-la, então não mais é alegria. Enquanto que o mêdo não é espontâneo, exceto em incidentes repentinos e imprevistos, mas astuciosamente cultivado pela mente no seu desejo de satisfação, de certeza. Assim, se fazeis es-

fôrço para vos desembaraçar do mêdo, descobrindo as suas causas, e assim por diante, apenas o estais enccbrindo, pois o esfôrço é o da vontade, que é resistência criada pelo mêdo.

Se integralmente, com todo o vosso ser compreenderdes êste processo, então, no meio da chama do sofrimento, quando não há desejo de fugir, de vencer, desta mesma confusão surge uma nova compreensão, brotando espontâneamente do terreno do próprio mêdo.

TRANSITÓRIO

A descoberta da verdade eterna está sempre em vossa frente.

* * *

Se não tiverdes acendido dentro de vós a chama do interêsse pela libertação, não podeis criar com grandeza, sòmente estareis brincando nas sombras do transitório.

* * *

E' neste mundo que existe o transitório e a transitoriedade só existe enquanto houver o eu-consciência. Não vos é dado transferir a consciência, dêste mundo para outro plano e esperar que ela se torne uma consciência diferente.

Consciência é conscicência, onde quer que seja — não há alto nem baixo.

Sòmente no presente está todo o universo. O universo inteiro está nessa centelha, que é completa em cada um de nós, e a realização dessa plenitude liberta o homem de tôda a tristeza, de todos os opostos e da idéia de dualidade.

* * *

Há algo permanente na resistência? Vemos que a resistência pode perpetuar-se por meio da aquisição, da ignorância, por meio da consciente ou inconsciente ansie-

dade de experiência. Mas, certamente, esta continuação não é eterna, ela é apenas a perpetuação do conflito.

O que chamamos permanente, na resistência, é apenas parte da própria resistência, e, portanto, parte do conflito. Assim, em si mesma, não é o eterno, o permanente.

Onde há falta de plenitude, de preenchimento, há ansiedade de continuação, que cria a resistência, e esta resistência dá a si mesma a qualidade de permanência.

Aquilo a que a mente se agarra como sendo o permanente é, em sua própria essência, o transitório. E' o produto da ignorância, do mêdo e da ansiedade.

* * *

Se fôrdes capazes de perceber o atual, sem nenhum desejo ou identificação, então, nessa mesma percepção do falso está o comêço do verdadeiro. Isto é inteligência, que se não baseia no preconceito, na tradição, no desejo; a única que pode dissipar a essência sutil de todos os problemas, espontâneamente, ricamente, e sem a compulsão do mêdo.

TEMPO

O tempo não é mais que um adiamento, não é a plenitude viva do presente.

* * *

Para mim o presente é o conjunto do tempo. E' agora que projetais vossa sombra; é agora que sofreis; é portanto agora, que vos podeis libertar da tristeza. Por conseqüência, deveis tornar-vos conscientes do presente, o que corresponde a vos tornardes normais e não incidirdes em indulgência no que respeita a certas esperanças no futuro, a sonhos fagueiros, filho da imaginação. Isto, porém, exige grande determinação e o interesse em serdes completos no presente.

Assim, o vos tornardes cônscios daquilo que sois no presente é o primeiro requisito, a primeira pedra alicerce dessa permanência, que é a realização da plenitude.

* * *

Para viver intensa e plenamente no presente, o que para mim é conhecer a eternidade, o infinito, necessita a mente de estar liberta do passado e do futuro.

* * *

O tempo existe, enquanto não o compreendeis. Eu estou falando da verdade na qual o tempo não existe e

para compreenderdes esta verdade, tendes de viver com intenso apercebimento no presente, libertos de todos os incentivos e crenças.

* * *

Para viver plenamente, para viver nessa plenitude do presente, no eterno agora, a mente precisa estar liberta do tempo. Não estou usando a palavra tempo no sentido que, por conveniência, geralmente lhe damos: prazo para alcançar um navio ou tomar um trem, para fixar a data de um próximo encontro, etc.; estou usando a palavra com o significado de memória.

Se cada manhã renascerdes inteiramente renovados, não com todas as lembranças de ontem, com todos os fardos, com todas as incrustações do passado, então cada dia seria novo, fresco, simples e a capacidade de assim viver é a libertação do tempo.

* * *

Sòmente a verdade libertará cada um da tristeza e da confusão da ignorância.

A verdade não é o resultado final da experiência, é a vida mesma. Ela não é o amanhã, não é de tempo algum. Não é um resultado, um intuito, mas a cessação do mêdo, do desejo.

* * *

Se estiverdes estacionados às margens de um rio, as aguas que se movem mudam sempre. Se, por vós mesmos, realizardes este constante renovar da vida, dar-se-á então, a cessação do tempo.

* * *

E' pelo viver plenamente no presente, que chegais à realização da beatitude da verdade.

No concentrado apercebimento de viver plenamente, sem motivo. libertais a mente de todos os embaraços criados pelo desejo.

* * *

Libertar a mente da idéia do contraste, da idéia do futuro, é viver na ação, sem motivo.

* * *

Se a mente puder compreender, completamente, o significado do presente, a ação torna-se preenchimento, sem criar maior conflito e sofrimento, os quais são apenas o resultado da ação limitada, dos impecilhos impostos ao pensamento do mêdo.

* * *

O tempo é uma ilusão para a mente liberta do eu-consciência.

UNIDADE

O homem introduziu a idéia da unidade pelo fato de achar-se isolado.

* * *

A unidade nada mais é que a uniformidade; por ela vos tornais um dos moldes, pelo qual outros vão ser vasados.

* * *

Dizeis a vós mesmos: "Só existe o eu. Eu próprio sou todo o universo, sou Deus." O objeto de vossa inspiração, o vosso molde, perde para vós o seu significado; porém é êle exatamente o mesmo desejo que em vós criou a nova e gloriosa idéia de que sois o universo.

Ainda que chegueis a pensar que sois o universo, que sois sêres cósmicos, em vossa consciência, nem por isso deixareis de ser cativos pelo vosso desejo, com tôdas as lutas e limitações que lhe são inerentes.

* * *

Dizeis ainda que a vida é ou não é, que ela é unidade, que é o "uno". Eu vos asseguro que vos não é possível conceber o que seja êsse êxtase, ou do que a êle se assemelha. Não vos é possível cogitar acêrca de tal, porque aquilo em que pensardes estará fora de vossa

mente, será mera observadora. A mente torna-se despercebida e, por isso, não pode formar concepções.

Quando a mente houver perdido a capacidade de estar apercebida de si própria, então saberá.

* * *

Haveis de verificar que os Deuses, que externamente cultuais fora de vós, não proporcionam fôrça bastante, bastante vitalidade ao homem que deseja estabelecer a verdade, de um modo permanente. Êles, porém, em virtude da vossa adoração, do vosso amor, podem dar-vos, momentâneamente, satisfação, porém jamais estabelecerão essa verdade que procurais. Considerai como, ao ser arrebatado, pela morte alguém a quem amais, não há Deus algum que vos satisfaça, nessa separação. Se, porém, fôrdes capazes de vos unir com aquêle a quem houverdes perdido, não há mais necessidade de mediador. E, ao estabelecerdes esta união, só a podereis consumar, pela destruição da entidade separada, do ser separado a que chamais "eu" ou "minha" personalidade.

* * *

O desejo de unidade baseia-se no mêdo. Quereis vos unir a alguém porque temeis a solidão. Para mim não existe cousa que se pareça com unidade.

Necessitais de vos unir a tudo e pensais poder encontrar vossa unidade na verdade, nas rochas, no maquinário, nas cousas. Isto é uma falsa concepção. Quando realizardes a plenitude, ela é íntegra em si mesma. Portanto, é completa por tôda a parte, não está unida ou separada seja do que fôr. O rio está de contínuo procurando o mar, porém o mar não pode entrar pelo rio. Aquilo que é completo não pode penetrar no que é incompleto.

Estamos sempre lutando com a nossa vacuidade, por nos apegarmos a cousas que nos rodeiam, e que em si mesmas são incompletas, e chamamos a isto unidade, ao passo que em nós mesmos é que existe a plenitude e na sua realização não há isolamento. Nessa plenitude não há separação nem unidade.

* * *

Neste último caso, naturalmente, a cousa torna-se confusa, algo de misterioso e difícil de alcançar. O que é de importância é o perfume que a verdade emite e não a substância da flor. E a maioria das pessoas preocupam-se mais com a substância, a forma e as dimensões da flor do que com o seu aroma.

* * *

Tôdas as pessoas no mundo se preocupam mais com os galhos e as folhas da árvore do que com a seiva que vitaliza a árvore tôda.

* * *

Se vos interessardes em descobrir a causa de tôda a beleza no mundo, das sombras balouçantes, não vos deixeis prender na ilusão das expressões da vida, mas procurai aquela verdade que é a própria vida, enamorando-vos dela.

* * *

E dizeis: Como me hei de enamorar da vida? Coletai experiência. Como colherei experiência? Convidai-a. Como a hei de convidar? Não vos separeis da vida.

* * *

Os indivíduos, em todo o mundo, buscam a unidade nas ilusões da vida, antes do que na própria vida.

A vida não tem temperamento, não tem colorido, não tem limitações, não tem barreiras; estas só existem para aquele que se esforça por utilizar a vida separada, e não a si próprio, como sendo o fundo, como sendo a tela sobre a qual a vida executa a sua pintura.

* * *

Em virtude da idéia de separatividade, o "eu" torna-se todo poderoso; desta consciência da separação nasce o mêdo. E onde quer que exista o mêdo, manifesta-se o desejo de confôrto, em lugar do entendimento que dissipa o mêdo. Tendes mêdo de perder a vossa identidade separada, por isso procurais confôrto para adormecer o vosso mêdo.

VIRTUDE

A virtude é um sub-produto da compreensão e do amor.

* * *

Tôdas as virtudes cultivadas não são mais virtudes. Compreensão e amor são de primária importância.

* * *

A prossecução da virtude em que a maioria das mentes se embaraça, nada mais é que vício, pois que exagera a consciência de si própria.

Enquanto a mente andar no prosseguimento da aquisição, que cria o apêgo, há o afã e a luta, e dêste esfôrço surge o conflito dos opostos.

Percebei, com todo o vosso ser, a completa falsidade dêsse prosseguimento da aquisição, que apenas vos acrescenta o eu-consciência.

* * *

O vosso esfôrço está entre os opostos, bem e mal, virtude e pecado. Desperdiçais o vosso esfôrço no conflito entre os dois. A virtude que requer esfôrço é tensão e cria resistência. Falo do estado espontâneo da mente, liberta dos opostos.

Não busqueis o imensurável, mas fazei grande esfôrço por vos tornardes cônscios dos opostos em vós mesmos e só então podereis libertar-vos dêles.

Não ponhais em luta os opostos, buscando, por êsse modo, conseguir equilíbrio, que meramente fortalece um dos opostos. Se tendes ressentimento, não o sobrepujeis com a bondade, porém libertai a mente da idéia de diferenciação, isto é, procurai compreender a verdadeira causa do ressentimento que é o eu-consciência. Libertai-vos da idéia de virtude, pois que a virtude é um fim, uma qualidade finita, e tôdas as qualidades são meras limitações. Libertos, tanto da virtude como do pecado, compreendereis naturalmente, sem esfôrço, o infinito. O que cria os opostos, é o egoísmo, a idéia da divisão e, por conseguinte, de resistência. Libertai-vos da idéia de distinção, assim, compreendereis a verdade, na qual todo o esfôrço vem a cessar.

* * *

Para possuir a serenidade e a alegria em que não existe controle e dualidade, tendes de vos libertar de tôdas as qualidades.

As virtudes e os seus opostos são criados pela dualidade, pelo eu-consciência.

Se vos libertardes dessa massa de qualidades que constitue o eu, então não haverá mêdo, não haverá opostos.

VONTADE

A vontade é nada mais que o esfôrço nascido da resistência, quando há divisão entre pensamento e sentimento.

A ação deve ser plena e espontânea.

* * *

A vontade é pessoal. Quando o desejo impele a mente para a consecução, transforma-se em vontade. A vontade é o reconhecimento consciente do "eu", que causa resistência. Na ação, em absoluto não há resistência nem vontade, porém sim essa capacidade de percepção instantânea, que é sabedoria.

* * *

O poder-motor que está por detrás da vontade é o mêdo, e quando principiamos a compreender isto, o mecanismo do hábito intervém, oferecendo novas fugas, novas esperanças, novos deuses.

E' precisamente neste momento, quando a mente começa a interferir na compreensão do mêdo, que deve haver intenso apercebimento, para não se ser desviado ou distraído pelas oferendas do intelecto, pois a mente é sutil e astuciosa. Quando há apenas mêdo, sem qualquer esperança de fuga, nos mais negros momentos, na mais com-

pleta solidão do mêdo, aí surge, como do interior de nós próprios, a luz que o dissipará.

* * *

Qualquer tentativa que fizermos superficialmente, intelectualmente, para destruir o mêdo, através das várias formas de disciplina ou de padrões de comportamento, apenas cria outras formas de resistências, e é neste hábito que estamos aprisionados.

Quando perguntais como vos desembaraçar do mêdo, como destruir os hábitos, estais realmente encarando o problema do exterior, intelectualmente, e, portanto, vossa pergunta não tem significação.

Não podeis dissipar o mêdo pela vontade, pois esta é filha do mêdo; tão pouco, pode êle ser dissipado pelo "amor", porque se o amor é utilizado com o propósito de destruição, já não é amor, porém, um outro nome da vontade.

* * *

O desejo não é emoção; é o resultado da mente que está sempre procurando satisfação, cujos valores se baseiam na satisfação. Estar satisfeito é o motivo oculto de todo desejo. A mente procura sempre satisfação, a todo o custo, e, se é contrariada numa direção, procura conseguir seu fim em outra. Todo esfôrço, todo poder diretivo da mente é para estar satisfeita. Dêste modo, a satisfação torna-se um hábito mecânico da mente. Em momentos de grande emoção, de amor profundo, não há dependência do desejo, nem a sua busca de satisfação.

Para estar satisfeita, a mente desenvolve sua própria técnica de resistência e não-resistência, que é a vontade. E quando a mente descobre que no processo da satisfação há sofrimento, então começa a desenvolver a ausência de desejo, o desapêgo. Há, assim, a vontade positiva e a negativa sempre se esforçando, sempre procurando satis-

fação. O desejo de estar satisfeito cria a vontade que se mantém pelo seu próprio esfôrço contínuo. E, onde há vontade tem de se lhe seguir sempre o mêdo — mêdo de não estar satisfeito, de não conseguir, de não tornar a estar satisfeito. A vontade e o mêdo andam sempre juntos.

E ainda, para vencer êste mêdo, faz-se esfôrço, e, neste círculo vicioso de incerteza, a mente fica prêsa. A vontade e o mêdo seguem sempre de mãos dadas e manterão a sua continuidade de satisfação em satisfação, através da memória, que dá à consciência a sua continuidade, como lh'a dá também o "eu".

A vontade e o esfôrço, então, são apenas o mecanismo da mente para estar satisfeita. Assim, o desejo é todo da mente. A mente é a ausência mesma do desejo.

* * *

O hábito se estabeleceu, pela busca constante de satisfação, e a sensação que a mente estimula não é emoção.

* * *

O mêdo não vos permite ser vós mesmos. O intelecto apenas guia o mêdo, controla-o, porém jamais pode dissipá-lo, porque o intelecto é a própria causa do mêdo.

Desde que o mêdo não vos permite ser vós próprios, como, então, se pode dominar êste mêdo — mêdo de tôdas as espécies, não de um tipo particular? Como nos podemos libertar dêste mêdo, de que podemos estar conscientes ou inconscientes? Se estais inconscientes do mêdo, tornai-vos conscientes dêle, tornai-vos apercebidos dos vossos pensamentos e das vossas ações e cedo estareis conscientes do mêdo. E se estais conscientes, como ireis libertar-vos dêle? Ireis livrar-vos do mêdo mecânicamente, por meio da vontade, ou começará êle a dissipar-se por si mesmo, espontâneamente?

O processo mecânico da vontade, pode apenas cada

vez mais ocultá-lo, guardá-lo, e cuidadosamente restringi-lo, permitindo apenas as reações da moralidade controlada. Sob êste padrão de comportamento controlado, o mêdo sempre continúa. Êste é o resultado inevitável do processo mecânico da vontade, com as suas disciplinas, desejos, controles, e assim por diante.

Enquanto não nos libertarmos do mecânico, não pode haver o espontâneo, o real. Ansiando pelo real, por esta chama que brota do interior, não podeis produzi-la. O que vos libertará do mecânico é a profunda observação do processo da vontade, sendo uno com êle sem nenhum desejo de vos libertardes dêle.

Presentemente, observais a atitude mecânica em relação à vida, com o desejo de vos desembaraçardes dela, de alterá-la, de transformá-la. Como podeis transformar a vontade, quando o desejo é da própria vontade?

Tendes de estar apercebidos de todo o processo da vontade, do mecânico, com as suas lutas, as suas fugas, as suas misérias, e como o fazendeiro deixa o solo sem cultivo depois da colheita, assim tendes de vos deixar ficar silenciosos, negativos, sem nenhuma espectativa.

Isto não é fácil. Se na esperança de atingir o real, mecânicamente vos deixardes ficar silenciosos, vos esforçardes a ser negativo, então o mêdo é a recompensa. A vacuidade criadora não é para que empós dela se corra, ou para ser procurada por caminhos errantes. Ela deve acontecer. A verdade é. Ela não é o resultado da moralidade organizada, porque a moralidade baseada na vontade não é moral.

Temos muitos problemas, tanto individuais como sociais, e para êstes problemas não há solução pelo intelecto, pela vontade.

Enquanto o processo da vontade continua, sob qualquer forma tem de haver confusão e tristeza.

Através da vontade, não podeis conhecer-vos, nem pode haver o real.

VACUIDADE

A vacuidade é ação nascida da escolha a procura do lucro.

* * *

Enquanto a mente se não houver liberto do contínuo processo de atribuição de valores, jamais terá frescura, renovação, jamais estará criadoramente vazia, se me é permitido usar esta palavra sem ser desentendido.

Pois, o fato é que sòmente na vacuidade tem lugar o nascimento da verdade.

* * *

Ao fazer frente ao isolamento e, na descoberta de sua causa, e no vos libertardes dessa causa, chegareis a realizar a imensidade da concentração.

Jamais podereis conhecer a plenitude da vida, fugindo ao isolamento; quando o acobertais, quando sois incitados, estimulados, estais apenas enganando-vos a vós próprios.

Portanto, no reconhecimento dêsse isolamento, na aceitação dessa pobreza e na completa perda dela, em virtude de afastar a mente dessa idéia do "teu" e do "meu", é que afastais a causa da pobreza.

Com o atravessar estas múltiplas camadas do desejo, que são causa da vacuidade, da solidão, dêsse vazio doloroso, encontra-se a realização da vida eterna.

* * *

Não é a conservação de si mesmo a causa fundamental do mêdo, a própria conservação com tôdas as suas sutilezas? Por exemplo: podeis ter dinheiro e, por isso, não vos preocupais em competir para obter um emprêgo; porém, temeis outra cousa qualquer, temeis que vossa vida termine sùbitamente e que haja aniquilação, ou vos atemorizais de perder dinheiro. Portanto, se examinardes o caso, verificareis que o temor existirá, enquanto persistir esta idéia da própria conservação, enquanto a mente se aferrar a esta idéia da própria consciência. Enquanto subsistir o eu-consciência, deve haver mêdo, e isto é a sua causa fundamental. A consciência limitada a que chamamos "eu", é criada por meio do falso ambiente, e pela luta, que decorre dêsse ambiente.

Isto é, por causa do sistema agora existente, tendes de lutar por vós mesmos para viver, e isso cria o mêdo, depois buscais remédios para desembaraçar-vos dêsse mêdo.

Ao passo que, se realmente alterásseis a condição que cria o mêdo, então não haveria necessidade de remédios, então atacaríeis na própria fonte a verdadeira causa do mêdo. Não podereis conceber um estado em que não mais necessiteis de lutar pela vossa existência. Não digo que não haja outras espécies de mêdo; porém a idéia de nacionalidade, a idéia de consciência de raça, de consciência de classe, os meios de produção enfeixados nas mãos de uns poucos e, portanto, a existência do processo da exploração: estas são as cousas que vos impedem de viver naturalmente, sem esta luta contínua pela própria conservação e segurança, a qual afirmo, seria absurda em

um estado inteligente. Somos realmente semelhantes aos animais, embora nos denominemos civilizados, cada qual lutando para si mesmo e pela sua família, e esta é uma das causas fundamentais do temor.

Se realmente compreenderdes o ambiente e contra êle combaterdes, então não vos preocupareis e o temor perderá as suas garras.

Há, porém, um mêdo de outra espécie, o mêdo da pobreza interna. Há o temor da pobreza externa, e há também o temor de ser superficial, vazio, de ficar isolado.

Assim, atemorizados, recorremos a vários remédios, na esperança de nos enriquecermos. Entretanto, que é que realmente acontece?

Apenas acobertais essa vacuidade, essa superficialidade, com remédios inúmeros. Pode ser, por exemplo, o da literatura, ler muito — não que eu seja contra a literatura.

Pode ser o exagêro do esporte, essa pressa contínua, essa necessidade de manterem-se juntos a todo o custo, conservar-se na pista, pertencer a certos grupos, a certas classes, a certas sociedades, pertencer à camada considerada "chic" do grupo de escol. Sabeis que todos nós passamos por isso.

Tudo isso indica nada mais que o mêdo da solidão, que tendes, inevitàvelmente, de enfrentar em algum dia. Enquanto existir essa vacuidade, essa futilidade, tem de haver mêdo.

Para libertarmo-nos, realmente, dêsse mêdo, o que equivale a ficarmos livres dessa vacuidade, dessa superficialidade, não devemos encobri-la por meio de remédios; porém, antes, reconhecer êsse vazio, apercebermo-nos dêle, atitude que vos conferirá vigilância da mente para descobrir os valores e significado de cada experiência, de cada padrão, de cada ambiente.

Por êsse meio, descobrireis a verdadeira inteligência, e a inteligência é profunda, ilimitada e, portanto, a va-

cuidade desaparece. Quando vos esforçais por encobrir esta vacuidade, tentando obter alguma cousa que a supra é que ela cresce, cada vez mais. Se, porém, souberdes que estais vazios e não tentardes fugir, vossa mente torna-se muito aguda, nesse apercebimento, pelo fato de estardes sofrendo. A partir do momento em que reconheçais estardes vazio, manifesta-se um conflito tremendo. E, nesse momento de conflito, descobrireis, à medida que vos movimentardes, o significado da experiência — os padrões, os valores da sociedade, da religião, das condições que vos são impostas. Ao invés de encobrirdes a vacuidade, surge uma profunda inteligência. Então, jamais vos sentireis só, quer estejais sòzinho, quer entre uma imensa multidão, não mais haverá cousa que se pareça com vacuidade, superficialidade.

* * *

Não experimentais a necessidade de ser livres, porque tendes mêdo de vós mesmos, e por causa dêsse mêdo, preferis permanecer em vossa própria vacuidade, em vossas próprias limitações, à sombra de outrem.

* * *

Estranho é o caminho na sombra do mêdo.

* * *

Quando tendes grande conflito, forte desarmonia, tendes plena consciência da vacuidade. Surge então a busca da beleza, da verdade e do amor, para influenciar e dirigir a vossa vida.

Assim, tendo-vos apercebido dessa vacuidade, tornais externa a beleza na natureza, na arte, na música, e começais a rodear-vos artificialmente dessas expressões, de modo a influenciarem a vossa vida para o refinamento,

cultura e harmonia. Não é êsse o processo pelo qual a mente passa? Em virtude do conflito, separais a inteligência da mente e da emoção e, conseqüentemente, tendes a consciência dessa insuficiência, dêsse vazio. Procurais, após, a felicidade, a plenitude, não sòmente na arte, na música, na natureza, mas também nos ideais religiosos, e tudo isso começa a influenciar a vossa vida, a vos controlar, a vos dominar, e imaginais que, por essa maneira, chegareis à plenitude almejada; tendes a esperança de que pelo acúmulo de influências e experiências positivas, podeis sobrepujar essa desarmonia e conflito. Distanciais-vos dest'arte, cada vez mais, do que é inteligência.

Assim, no vosso sentimento de insuficiência, de vacuidade começais a acumular tudo aquilo, esperando tornar-vos completos por meio desta colheita de experiências, ao aproveitar as idéias e padrões de outrem.

Ao passo que a vacuidade desaparece quando há inteligência, e essa inteligência é beleza, verdade e amor. Não podeis ver isso, enquanto a mente e o coração estiverem divididos, por meio do conflito. Vós separais a inteligência da mente e do coração e êste processo prossegue contìnuamente, perpetua-se na separação e na busca do preenchimento. Porém, o preenchimento está na própria inteligência e o despertar dessa inteligência é encontrar a desarmonia e, portanto, a divisão.

Que é que cria a desarmonia em vossa vida? A falta de compreensão do ambiente, daquilo que vos cerca. Quando começais a interrogar e a compreender o ambiente, seu pleno significado, não tentando imitá-lo ou segui-lo, a vos ajustar ou dêle fugir, então nasce a inteligência, a qual é beleza, verdade e amor.

* * *

Quando a vida não é plena, há espaços vazios e esses espaços causam redemoínhos de tristeza, sofrimento

e de luta constante. E' enchendo esses vazios que a vida encontra a sua plena realização.

* * *

A libertação vem do interior e não do exterior.

Como mendigos que se sentam nos degraus do santuário com sua paralisia, vacuidade e fome, dando-lhes cada viandante que passa uns níqueis ou uns grãos de arroz para alimentá-los, voltando no dia seguinte de novo, vazios, famintos, tristes, fracos — assim é o homem que depende de outrem, o homem que não viu o fim, e que depende para sua felicidade, para seu consôlo, para sua libertação, do amparo alheio.

Pelo fato de haver eu atingido a libertação é que vos posso alimentar, encher os vossos vasos. Como, porém, sei que amanhã êles estarão de novo vazios, quero dar-vos, antes, o poder, a fôrça, e a vitalidade para dardes os passos que conduzem à realidade da vida, para que, assim, vós próprios vos torneis Deuses e possais alimentar a outros, para que os demais possam dar fôrças e vitalidade aos que se encontrarem vazios, famintos e esquálidos.

A VERDADE QUE E' LIBERTAÇÃO E FELICIDADE

O encanto da vida não é filho do mêdo.

* * *

A única meta para a humanidade, o único mundo que é o eterno, que é absoluto, é esse mundo da verdade. Êsse mundo não se impõe, não pode ser discutido, nem a seu respeito alguém pode dar opinião. Mas, se houverdes preparado o solo e vos interessardes em semear a semente da verdade com cuidado e fino deleite, então, por vós mesmos o penetrareis.

Presentemente, a felicidade e a libertação da vida são meras palavras, que, a vosso gôsto, interpretais, de modo amplo ou estreito, agradável ou desagradável. Gostaria despertar-vos um tão intenso interêsse de encontrar a verdade que sòmente permanecesse em vós, isso que é eterno, e tudo mais deseparecesse como a nuvem levada pelo vento.

* * *

Uma flor não busca: ela vive; não existe afã. Há nela uma naturalidade, uma espontaneidade de ser que é a própria ação.

Ela não tem existência separada da ação; ela é ação como ser, e êsse é o verdadeiro viver.

* * *

Como o perfume da flor reside dentro dela mesma, assim a vossa busca e luta pela libertação está dentro de vós mesmos, deve ser parte de vós, como o perfume é parte da flor. Deve ela tornar-se parte de vós, assim muito naturalmente deve tornar-se parte de vós, como é o desejo da abelha de ajuntar o mel, de modo que, mesmo que eu me retire e cesse de falar, de vos impelir, de vos animar, de despertar vossa resolução, vossa fôrça, vossa determinação, vejais no entanto, por vós mesmos esta libertação, e, como discípulos dessa libertação, saiais para o mundo e convençais aquêles que ainda se acham lutando, que ainda não acharam a luz, e lhes proporcioneis o confôrto do vosso conhecimento, da vossa fôrça, da vossa determinação, da vossa conquista.

Como o perfume da flor reside dentro dela própria, assim também a luz da verdade, o interesse da conquista, e o poder de abrir os portais da felicidade residem dentro de vós próprios.

* * *

Se a borbulhante fonte do amor fôr corrompida pelo mêdo, suas águas claras criarão sêde ardente na boca dos homens.

* * *

Como o pescador de pérolas, que se lança às águas mais profundas, pronto a arriscar a vida por uma dessas gemas inúteis, que o mundo considera de grande valor, assim deveis estar prontos a mergulhar fundo dentro de vós mesmos, despidos de tudo, sem mêdo de perderdes até o vosso próprio ser.

* * *

Se o mêdo fôr a fonte do pensamento, haverá escuridão na terra.

* * *

Aquêles que se acobertam sob a sombra do mêdo, nunca verão o firmamento aberto e as estrêlas lucilantes; jamais gozarão as frescas brisas do céu.

* * *

Deveis criar asas, novas asas cada dia, para voar alto; e só podereis criar novas asas, se estiverdes sempre voando muito alto, expandindo, crescendo, lutando. Isto quer dizer que deveis lançar de vós tôdas essas cousas que embaraçam, que prendem, que restringem, que vos não deixam liberdade absoluta, que vos prendem às ilusões da vida.

* * *

Talvez possa auxiliar alguns dentre vós a atingirem a libertação, então posso dar-vos o meu amor, acompanhar-vos com meu ardente afeto, porém dentro de vós é que deve haver êste constante bater de asas, no sentido de escapar para o ar livre.

O vosso próprio interêsse, a vossa própria experiência, a vossa própria flor de sofrimento, tristeza e dor é que vos devem guiar.

* * *

O mêdo causa lágrimas — a sombra do mêdo cobre o mundo.

* * *

O ungüento que cura tôda a tristeza, tôdas as feridas, todo o sofrimento, encontra-se naquilo que é durável, naquilo que é vida e é disso que eu falo.

* * *

Eu falo da vida que é eterna.

* * *

Olhai para vossa própria vida.

* * *

Buscai a vida, e o amor bailará sempre em vosso coração.

* * *

E olhai com amor para a expressão da vida nos outros.

* * *

Uni a vossa vida a essa vida, pois que a vida é una e o que vós possuís, a outra possue também.

* * *

Como poderieis explicar a vida ilimitada que flue, de todo o modo, vida que é sem forma, divina em si mesma, livre, tão absolutamente una, que consiste na multiplicidade e está sempre presente em tôda a parte?

* * *

Podeis viver neste mundo inteligentemente, de maneira sã, em plenitude profunda e, apesar disso, não ser do mundo.

* * *

A personalidade pode fenecer e morrer; porém, para o homem que realiza a plenitude, a tranqüilidade da mente, a concentração da vida, para êsse existe a segurança da imortalidade.

* * *

Quando a mente está liberta de todo o eu-consciência, portanto, de tôda a ação que brota do egoísmo, ela não mais conhece sujeito nem objeto, pensador nem pensamento.

Uma tal mente acha-se revestida de amor, do qual tôda a particularidade de sentir e de pensar como objeto e sujeito se acha inteiramente ausente, sendo êsse amor, então, como o perfume de uma flor.

Isto não é teoria intelectual, e sim o viver em constante ajuste, em constante vigilância e acautelamento, de modo que de um tal apercebimento, que é resultante da busca, provenha a harmonia: a mente contendo o coração.

* * *

Para alcançar a harmonia, tendes de produzir a libertação do desejo — não a supressão do desejo.

Quando estiverdes conscientes de vossas qualidades, de vós próprios — realmente conscientes — então não sentireis mêdo de examinar, não vos assustareis com o con-

flito. Necessitais fazer o esfôrço, o esfôrço deliberado, consciente, para descobrir as vossas próprias qualidades, os vossos próprios extremos, as vossas supressões.

Sòmente então sereis capazes de realizar a liberdade do desejo — a qual não é nem indiferença, nem tédio. Necessitais penetrar vossa própria mente e vosso coração, para realizardes o êxtase da vida e não vos é possível, em último turno, escapar a êsse esfôrço.

Sempre há evasivas, enquanto não estiverdes livres do desejo, e ninguém dêle vos pode livrar a não ser vós próprios, pelo vosso próprio deleite, pela vossa própria busca.

Quando todo o desejo houver cessado, então sentir é pensar, não há distinção entre mente e coração. Há então um intenso apercebimento, uma concentração que perde tôda a distinção. E' a concentração de uma flor. Esta concentração é infinita; porém o que chamais amor e pensamento está eivado de resistência, cativeiro da mente e do coração, portanto de corrupção.

* * *

Se fôsseis inconscientes, cruéis, então seríeis semelhantes a um animal e não haveria luta ou conflito; porém, no saber que sois cruéis e apesar disso ceder à crueldade, criais êste terrível turbilhão e cáos, que existe em vossa mente e vosso coração, o qual ninguém, a não ser vós próprios, pode apaziguar.

Para isto fazerdes, necessitais estar incessantemente despertos, isto é, completar constantemente todo o pensamento e todo o sentimento que possuirdes, na ação.

Pensai e senti com tôda a profundeza, e verificareis como a vossa mente e o vosso coração estão limitados pela opinião pública, pela tradição, pelo sistema, pelas vaidades e temores pessoais.

No experimentar êstes embaraços, descobris a causa e, por intermédio dela, aquilo que impede a harmonia do pensamento e do sentimento se esvai.

* * *

O homem, pode viver harmoniosamente e, nessa harmonia, sua mente e seu coração são normais, sadios, plenos, completos, não oprimidos pelo mêdo.

* * *

Se quiserdes verificar o que eu digo, tendes de possuir mente plástica, ardente, pesquisadora e, pela vossa própria pesquisa é que expelireis o temor. Não advém resultado algum de cegamente lutar contra o mêdo. Buscai a verdade e o mêdo cessará e, da intrepidez decorrente, provirá a plasticidade, a harmonia da mente e do coração e a plena realização dêsse êxtase da plenitude, de que falo. Esta plenitude é que é a realidade última e nessa realidade não há nascimento nem morte; ela sempre está renovando a si própria, e o homem que sabe disto é livre e vive nessa eternidade, no presente.

* * *

Se houvesse uns poucos no mundo que realmente compreendessem, poderíamos criar um mundo novo, alteraríamos a expressão da vida.

Se, porém, não houver entendimento, outra religião, outra seita, outra igreja serão instituidas e outro deus será criado.

* * *

Estais propelidos sempre pelo mêdo de cair.

* * *

O homem criou Deus segundo a sua própria imagem, conforme as idéias que extraiu dos livros sagrados, dos filósofos e místicos, de sua própria imaginação, apoiado nos seus preconceitos, no seu sofrimento, na sua busca de confôrto, nos seus anseios, nas suas esperanças e antecipações.

Eu não vos posso descrever Deus, ou a vida; se descrevesse essa viva realidade, não seria ela verdadeira. Aquilo que é sempre vivo, sempre movente, que está sempre a renovar-se, que se acha isento do tempo, não pode amoldar-se a palavras. Tem de ser realizado, tem de ser sentido, compreendido, vivido.

Nenhuma definição, nenhuma descrição, pode contê-lo.

Eu digo que existe uma realidade eterna, viva, chamai-a pelo nome que vos aprouver, Deus, verdade, vida, amor, ou ação.

* * *

A verdade é a plenitude do sentimento e do pensamento na ação, a intensidade do viver harmonioso, não em certo futuro distante, porém, sim no presente. A verdade não tem aspectos, por ser em si mesma completa. Não vos podeis acercar da verdade por métodos e sistemas; essas cousas são meramente o resultado de vossas idiosincrasias particulares, de vossas fantasias, esperanças e temores.

* * *

Tendes tido as vossas religiões, as vossas cerimônias, os vossos livros, as vossas maneiras complicadas de encarar a vida: estas cousas, porém, não vos trouxeram felicidade.

Deveis cultuar aquilo que é incorruptível. Deveis dar vosso amor àquilo que está para além da estagnação.

Que há nisto que cause mêdo?

Que há aí que possa causar desentendimento? Com tôdas as vossas crenças, os vossos sistemas, as vossas cerimônias e os vossos deuses, não sois felizes. E, no entanto, atemorizais-vos de abandoná-los.

Se vossas crenças podem ser despedaçadas, não são dignas de serem conservadas. Se vossos sistemas são tão frágeis que não podem resistir à tempestade da dúvida e da tristeza, merecem perecer.

Verificai se há dentro de vós o viver no presente e o poder de criar no eterno. Se não tiverdes dentro de vós o intenso interêsse pela libertação, vós, assim como as vossas obras, mais não sereis que sombras passageiras.

O que digo, não o digo com rudeza. Dado, porém, serdes infelizes, eu quisera mostrar-vos o verdadeiro conhecimento, a verdadeira felicidade.

Sêde responsáveis perante vós mesmos, por tôdas as vossas ações.

Não busqueis abrigo na autoridade exterior. Mantende-vos em vossos próprios pés.

Para poderdes dar preenchimento à vida, passai além de tôda a experiência. Para poderdes ser grandes no amor, guardai afeto em vosso coração para com tôdas as cousas.

* * *

O mêdo origina-se, fundamentalmente, do fato de buscardes realização e entendimento fora de vós próprios, buscando a certo ser super-humano para que vos livre da tristeza, segundo vossas ações.

* * *

Tôda vez que a ação provier do mêdo, essa ação, em vez de vos libertar, vos embaraçará, cada vez mais.

* * *

O homem que não quiser sentir mêdo deve aperceber-se que, pôsto que as formas de existência individual variem, pôsto que as expressões do eu-consciência mudem, ainda que a vida a si mesma se manifeste por maneiras diferentes, fundamentalmente a vida é uma só. Quando conhecerdes isto, cessará todo o mêdo. Ser intrépido é ser imortal.

* * *

Alguém que haja alcançado a consumação da vida, é homem; ter-se-á tornado um ser em quem os instintos sub-humanos não mais existem.

* * *

Cada um deseja ser prático, compreender a vida, praticamente. O homem liberto é o mais prático do mundo, porque descobriu o verdadeiro valor de tôdas as cousas. Esta descoberta é iluminação.

* * *

Ao ouvir o que tenho dito a respeito da ação pura, da realização do ser puro, no qual cessa todo o esfôrço, não vos percais em abstrações e metafísicas, esquecendo a conduta diária, a maneira de viver, o modo de ser. Podeis elaborar teorias sôbre o ser puro, ou a felicidade, ou a libertação, mas, se sois ciumentos, invejosos, se tendes ânsia de posses, se sois cruel, frívolo, inconsiderado, que valor têm as vossas teorias? Para chegar a esta realidade, deveis ter uma visão compreensiva desta realidade, e pôr em prática esta visão. De outro modo, ficareis prisioneiro de meras expressões.

* * *

Para o homem que está na prisão, o homem liberto, o homem inteligente é como um deus. Portanto, não precisamos discutir o homem que está livre, porque com êle não nos preocupamos; a maioria das pessoas não se preocupa com êste e eu não irei tratar dessa liberdade, pois a libertação, a divindade, só pode ser compreendida, realizada, quando houverdes abandonado a prisão.

* * *

A libertação é a liberdade de todo o sentimento do "eu", a liberdade da mente, a liberdade da ação.

* * *

A libertação não é uma impossibilidade. Mas é difícil manter um esfôrço constante e concentrado, necessário para alcançá-la, e daí o pequeno número que a tenta. O que está em tôdas as cousas não é difícil de atingir ou de realizar, mas entre vós e esta realização existem muitas cousas que, pelo contínuo esfôrço, pelo contínuo discernimento, deveis evitar e abandonar. Isto requer fé intensa, recolhimento, concentração e energia contínua, entretanto, não está limitado pelas condições externas, pelo tempo ou pela idade. A vida não tem idade limite. Gasta-se o corpo como se gasta um vestuário, mas jovens e velhos, em qualquer tempo, podem alcançar, podem realizar, se estiverem voluntàriamente concentrados, se tiverem esta fé intensa. Como já disse, não interpreteis mal o que denomino fé. Não é a fé em algo externo, mas a certeza de que dentro de vós mesmos estão a potencialidade e a totalidade. Todos podem alcançar essa libertação; não é reservada a poucos. Assim, a realização

não depende de idade ou ambiente, mas do vosso esfôrço, do vosso interêsse, — de que sómente vós podeis julgar.

* * *

Assim, de novo, digo que a realidade é para todos — porque essa realidade existe dentro de todos. Porém são poucos os que se querem concentrar, os que querem estar contìnuamente apercebidos, constantemente vigilantes, pelo discernimento do essencial, e, dêste modo, realizar cada vez mais essa existência e êsse ser sem esfôrço, que é sereno, supremo. Quando êsses poucos realizarem, por êste esfôrço contínuo, através da compreensão, através desta ponderação em cada instante do dia, conhecerão aquilo de que falo. Porque estão interessados de encontrar essa realidade, porque rejeitaram tôdas as irrealidades, já não estão nas garras da ilusão; buscam essa certeza e não são transviados pela incerteza, pela dúvida. pelas cousas não essenciais da vida.

Tem sido meu desígnio mostrar aos que querem ver que a verdade jaz oculta no íntimo de si mesmos. A felicidade que buscam está escondida dentro das suas próprias limitações, dos seus próprios corações, de suas próprias mentes.

Buscai, pois, a verdade última, que não pertence a ninguém, a nenhuma seita, nem a caminho algum. A totalidade da vida está na plenitude da vossa individualidade.

* * *

E' meu designio libertar a todos os homens.

Não sou oráculo para solver todos os problemas. Quero fazer com que as pessoas pensem por si mesmas, que duvidem das próprias cousas que têm por mais caras e pre-

ciosas, de modo a, após haverem feito convite à dúvida, sòmente aquilo que seja de valor eterno permaneça.

* * *

A verdade é maior do que qualquer livro, que qualquer religião, maior que qualquer crença, que vos é tão cara. Mas como não entendeis, a Verdade afigura-se-vos como algo temeroso, um inimigo a ser vencido, e por causa dêsse mêdo buscais um mediador. Mas, se tiverdes coração puro e mente cheia de compreensão, não precisareis de mediadores, que devem inevitavelmente condicionar e limitar a Verdade.

* * *

Não pretendo complicar a vida, por meio de mais teorias. Quero proporcionar-vos aquêle entendimento da vida que vos tornará uma lâmpada, a vossa própria luz por meio da qual podeis guiar vossos pensamentos e sentimentos. Não quero que penseis de acôrdo com o meu modo de entender. Não quero que atueis de acôrdo com a minha percepção da verdade. Se o fizerdes, apenas estareis imitando. A imitação jamais pode produzir a verdadeira cultura, a qual é a resultante da percepção individual, a criadora da verdade. Se fôrdes capazes de traduzir essa percepção na ação diária, estareis atuando retamente e vos conduzireis ao pleno entendimento, que é felicidade.

* * *

Eu vos peço banir de vossa mente todo o sentimento de autoridade no que a mim concerne, todo o sentimento de elevação ou da qualidade de um deus. Para mim a plenitude existe no homem e quando a realizardes, sereis o ser humano supremo, e não qualquer deus místico, extraordinário, misterioso.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Krishnamurti, relativas aos diversos temas de 1928 a 1944

INTRODUÇÃO

Palestras no Brasil, págs. 12 a 20.

APERCEBIMENTO E PREENCHIMENTO

Ojai-Sarobia - 1940, pág. 101 — Boletim de Outubro-Novembro - 1932, pág. 152 — Ojai-Sarobia - 1940, pág. 114 — Ojai-Sarobia - 1940, pág. 148 — Ojai-Sarobia - 1940, pág. 114 — Ojai-Sarobia - 1940, pág. 119 — Ojai - 1944, pág. 35 — Ojai - 1936, pág. 102 — Auckland - 1934, pág. 118 — Auckland - 1934, pág. 143 — Boletim de Agôsto--Setembro - 1932, pág. 12 — Ojai - 1936, pág. 105 — Nova York, Edd. Madras., pág. 27 — Boletim de Outubro-Novembro - 1932, pág. 140.

AMBIENTE

Ojai - 1934, pág. 48 — Boletim de Agôsto - 1929, pág. 3 — Boletim de Fevereiro - 1928, pág. 28 — Ojai - 1934, pág. 124.

AMOR

Boletim de Junho-Julho - 1932, pág. 82 — Nova York Eddington e Madras - 1936, pág. 83 — Uruguai e Argentina - 935, pág. 153 — Crt. Not. 1946, págs. 19-21 n.º 1 - Ref. 1930. Uruguai e Argentina - 1935, págs. 83 e 87 — Nova York, Eddington e Madras - 1936, pág. 88 — Omem - 1937/38, pág. 35 — Ojai-Sarobia - 1940, pág. 79.

AÇÃO

Itália-Noruega, pág. 73 — Ojai - 1936, pág. 98 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1933, pág. 135 — Boletim de Outubro-Novembro - 1932, pág. 150 — Boletim de Novembro - 1932, pág. 150 — Boletim de Abril-Maio - 1932, pág. 42 — Boletim de Agôsto-Setembro — 1932, pág. 119 — Auckland - 1934, pág. 84 — Boletim de Junho-Julho - 1933, pág. 84 — Boletim de Outubro - 1931, pág. 6.

ALMA

Uruguai e Argentina - 1935, pág. 47 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 47.

APÊGO

Boletim de Agôsto-Setembro - 1933, pág. 176 — Omem - 1937/38, pág. 23 — Boletim de Junho-Julho - 1933, pág. 117.

AUTORIDADE

Itália e Noruega - 1933, pág. 11 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 62 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 114 — Nova York Eddington e Madras - 1936, pág. 55 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 132.

CONFÔRTO

Experiência e Conduta, pág. 7 — Boletim de Dezembro-Janeiro - 1932, pág. 185 — Vida e Meta, pág. 9 — Boletim de Abril-Maio - 1932, pág. 37.

CRENÇAS ORGANIZADAS

Vida e Meta, pág. 9 — Boletim de Junho - 1929, pág. 6 — Uruguai e Argentina, 1935, pág. 60 — Uruguai e Argentina - 1933, pág. 95 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 39.

DESEJO

Boletim de Agôsto-Setembro - 1932, págs. 127-129 — Ojai - 1936, pág. 91 — Omem - 1937/38, pág. 46 — Ojai - 1936, pág. 117 — Ojai - 1936, pág. 90 — Itália e Noruega - 1933, pág. 45 — Omen - 1937/38, pág. 128 — Boletim de Outubro-Novembro - 1932, pág. 149 — Boletim Outubro-Novembro, pág. 68, 1932 — Boletim de Junho-Julho, pág. 90 - 1933.

DIVISÃO DA MENTE

Boletim de Junho-Julho - 1932, pág. 82 — Ojai - 1936, pág. 27.

DÚVIDA

Vida e Meta, págs. 19 e 20 — Ojai - 1936, págs. 113-116 — Omem - 1937/38, pág. 43.

EDUCAÇÃO

Itália e Noruega - 1933, pág. 164 — Boletim de Abril-Maio - 1929, pág. 20 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 130 — Boletim de Abril-Maio - 1929, pág. 21 — Vida em Liberdade, pág. 16.

ESCOLHA

Itália e Noruega - 1933, pág. 34 — Omem - 1936, págs. 54-55.

EXPERIÊNCIA

Boletim de Abril-Maio - 1932, pág. 39 — Boletim de Fevereiro-Março - 1932, pág. 13.

EXPLORAÇÃO

Boletim de Junho-Julho - 1933, pág. 87 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 71 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 141 — Uruguai e Argentina - 1935, pags. 145 e 142 — Chile e México, pág. 40 — Nova York Eddington e Madras - 1936, pág. 38 — Experiência e Conduta, pág. 8.

FALSIDADE DO CONFLITO

Ojai - 1934, pág. 35 — Itália e Noruega - 1933, pág. 20 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1933, pág. 162.

FÉ

Nova York Eddington e Madras - 1936, pág. 60 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 62 — Nova York Edidngton e Madras - 1936, pág. 38.

FRUSTRAÇÃO

Boletim de Agôsto-Setembro - 1932, pág. 124 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1933, pág. 143 — Ojai - 1934, pág. 70 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 122 — Chile e México, pág. 56 — Boletim de Fevereiro-Março - 1932, pág. 25 — Adyar-India, págs. 77/79 — Boletim Abril-Maio - 1932, pág. 52.

IDEAIS

Boletim de Agôsto-Setembro - 1932, pág. 131 — Boletim de Março-Abril - 1932, pág. 12 — Boletim de Outubro-Janeiro - 1931/32, pág. 21 — Omem 37/38, pág. 134 — Omem - 1937/38, pág. 106 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 47.

INTELIGÊNCIA

Ojai 1934 - pág. 61 — Boletim de Abril-Maio - 1932, pág. 42 — Boletim de Abril-Maio - 1932, pág. 41 — Boletim de Junho-Julho - 1933, pág. 86 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1932, pág. 10 — Boletim de Agôsto-Setembro, 1932, pág. 107 — Boletim de Junho-Julho - 1933, pág. 86 — Omem - 1936, pág. 35.

IMITAÇÃO

Itália e Noruega - 1933, pág. 11 — Adyar Índia - 1933/34, pág. 156 — Omem - 1936, pág. 51 — Experiência e Conduta, pág. 2 — Omem - 1936, pág. 64.

LIMITAÇÃO

Nova York City — 1935, pág. 51 — Boletim de Junho de 1929, pág. 4 — Itália e Noruega - 1933, pág. 26 — Vida e Meta, pág. 8 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 74.

MEDITAÇÃO

Boletim de Março - 1932, pág. 7 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1931, pág. 151 — Omem - 1936, pág. 63 — Ojai - 1936, pág. 68.

MÊDO CRIA DEUS DISTANTE DO HOMEM

Auckland - 1934, pág. 157 — Boletim de Fevereiro - 1931, pág. 16.

MORTE

Boletim de Fevereiro - 1931, pág. 31 — Boletim de Agôsto - 1931, pág. 3 — Boletim de Agôsto - 1931, pág. 6 — Boletim Abril-Maio , 1932- pág. 52 — Boletim de Junho - 1931, pág. 15 — Itália e Noruega - 1933, pág. 168 — Auckland - 1934, pág. 45 — Chile e México, pág. 58 — Adyar Índia - 1933/34, pág. 117 — Palestras no Brasil, pág. 41 — Chile-México - 1935, pág. 97 — Boletim de Maio de 1933, pág. 2.

MOVIMENTO DA VIDA

Ojai - 1936, pág. 90 — Boletim de Junho-Julho - 1933, pág. 87 — Ojai - 1936, pág. 24 — Ojai - 1936, pág. 25 — Ojai - 1936, pág. 104. Boletim de Agôsto-Setembro - 1933, pág. 167 — Boletim de Dezembro-Janeiro - 1932/33, pág. 188.

MORAL

Boletim de Setembro - 1933, pág. 31 — Chile e México, pág. 19 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1933, pág. 31 — Boletim de Setembro - 1933, pág. 31 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 100 — Boletim de Setembro - 1933, pág. 31 e 31 — Chile e México, pág. 58 — Chile e México, pág. 31.

OPOSTOS

Boletim de Fevereiro-Março - 1932, pág. 34 — Adyar-Índia - 1933/34, pág. 156 — Nova York Eddington e Madras - 1936, pág. 12 — Boletim de Dezembro-Janeiro - 1932/33, pág. 175.

PENSAMENTO CRIADOR

Ojai - 1936, págs. 115-116 — Boletim de Dezembro-Janeiro - 1932, pág. 181 — Boletim Agôsto-Setembro - 1932, pág. 101 — Nova York Eddington e Madras - 1936, pág. 66 — Ojai - 1936, pág. 125.

RENÚNCIA

Boletim de Agôsto-Setembro - 1929, pág. 4 — Boletim de Junho-Julho - 1932, pág. 88 — Boletim de Junho-Julho - 1933, pág. 100 — Nova York Eddington e Madras - 1936, pág. 46.

RIQUEZA INTERNA

Boletim de Dezembro-Janeiro - 1932/33, pág. 188 — Itália e Noruega - 1933, pág. 104 — Adyar-Índia - 1933/34, pág. 132.

SEGURANÇA INDIVIDUAL

Experiência e Conduta, pág. 4 — Experiência e Conduta, pág. 3 — Boletim de Dezembro-Janeiro - 1932, pág. 202 — Experiência e Conduta, pág. 10 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1932, pág. 112 — Uruguai e Argentina, pág. 91 — Uruguai e Argentina, pág. 153 — Omen - 1937/38, pág. 21 — Omen - 1937/38, pág. 131 — Vida e Meta, pág. 24 — Itália e Noruega - 1933, pág. 20 — Boletim de Maio-Junho — 1929, pág. 4.

SOFRIMENTO

Ojai - 1936, pág. 108 — Uruguai e Argentina - 1935, pág. 42 — Ojai - 1936, pág. 53.

SOLIDÃO

Boletim de Agôsto-Setembro - 1932, pág. 114 — Nova York City - 1935, pág. 55 — Chile e México, pág. 44.

TRISTEZA

Boletim de Dezembro-Janeiro - 1932/33, pág. 206 — Boletim de Fevereiro-Março - 1932, pág. 23 — Vida e Meta, pág. 6 — Boletim de Dezembro-Janeiro - 1932, pág. 197 — Boletim de Novembro - 1932, pág. 141 — Omem - 1937/38, pág. 37 — Omem - 1937/38, pág. 42.

TRANSITÓRIO

Boletim de Janeiro-Fevereiro - 1929, pág. 1 — Boletim de Janeiro - 1929, pág. 10 — Boletim de Dezembro-Janeiro - 1932, pág. 208 — Omem - 1937/38, pág. 9 — Nova York Eddington e Madras - 1936, pág. 68.

TEMPO

Boletim de Junho - 1933, pág. 151 — Boletim de Fevereiro-Março - 1933, pág. 27 — Auckland - 1934, pág. 44 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1932, pág. 33 — Boletim Junho-Julho - 1932, pág. 91 — Boletim de Junho-Julho - 1933, pág. 108 — Boletim Outubro-Novembro - 1932, pág. 152 — Boletim Fevereiro-Março - 1932, pág. 7 — Omem - 1937/38, pág. 67.

UNIDADE

Boletim de Abril - 1931, pág. 24 — Boletim de Setembro - 1932, pág. 126 — Boletim de Agôsto-Setembro, pág. 126 - 1932 — Boletim de Outubro-Novembro - 1932, pág. 159 — Boletim de Fevereiro - 1928, pág. 23 — Boletim de Julho - 1931, pág. 14 — Vida em Liberdade, pág. 23 — Vida e Meta, pág. 7 — Boletim de Julho - 1931, pág. 6.

VIRTUDE

Ojai-Sarobia - 1940, pág. 59 — Ojai-Sarobia - 1940, pág. 60 — Boletim de Junho-Julho - 1933, pág. 98 — Boletim de Abril-Maio, 1932, pág. 44 — Boletim de Junho-Julho - 1933, pág. 112.

VONTADE

Boletim de Agôsto-Setembro - 1932, pág. 11 — Acampamento em Omem - 1937/38, pág. 104 e 105 — Acampamento em Omem - 1937/38, pág. 121 — Acampamento em Omem - 1937/38, pág. 117 — Acampamento em Omem - 1937/38, pág. 109 — Uruguai e Argentina, pág. 155.

VACUIDADE

Itália-Noruega, pág. 31 — Nova York City - 1935, pág. 48 — Boletim de Maio-Junho - 1929, pág. 11 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1932, pág. 105 — Boletim de Fevereiro - 1938, pág. 14 — Ojai - 1934, pág. 62 e 63 — Boletim de Setembro-Outubro - 1928, pág. 22 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1929, pág. 3.

VERDADE QUE E' LIBERTAÇÃO E FELICIDADE

Boletim de Agôsto-Setembro - 1929, pág. 3 — Boletim de Maio-Junho - 1929, pág. pág. 10 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1933, pág. 135 — Boletim de Maio - 1928, pág. 5 — Boletim de Dezembro-Janeiro - 1928/29, pág. 91 — Dezembro-Janeiro - 1928/29, pág. 22 — Ojai - 1936, pág. 62 — Boletim de Outubro-Janeiro - 1931/32, pág. 85 — Boletim de Outubro-Novembro - 1932, pág. 174 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1933, pág. 139 — Auckland, pág. 123 — Boletim de Outubro-Janeiro, 1931/32, pág. 31 — Boletim de Dezembro-Janeiro - 1928/29, pág. 24 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1929, pág. 153 — Boletim de Agôsto-Setembro - 1933, pág. 132 — Boletim de Outubro-Janeiro - 1931/32, pág. 92 — Boletim de Dezembro - 1930, pág. 4 — Boletim de Dezembro - 1930, pág. 5 — Boletim de Novembro - 1930, pág. 21.